

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Centro de Letras e Comunicação
Programa de Pós-Graduação em Letras



Dissertação

**Entre a Pandemia e a Histeria:
uma análise discursiva de pronunciamentos de Jair Messias Bolsonaro**

Rômulo Silveira Borges Balz

Pelotas, 2022.

Rômulo Silveira Borges Balz

Entre a Pandemia e a Histeria:

uma análise discursiva de pronunciamentos de Jair Messias Bolsonaro

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Prof.^a. Dr.^a Luciana Iost Vinhas

Pelotas, 2022.

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

B171e Balz, Rômulo Silveira Borges

Entre a pandemia e a histeria : uma análise discursiva de pronunciamentos de Jair Messias Bolsonaro / Rômulo Silveira Borges Balz ; Luciana Iost Vinhas, orientadora. — Pelotas, 2022.

151 f.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Letras, Centro de Letras e Comunicação, Universidade Federal de Pelotas, 2022.

1. Análise de discurso. 2. Histeria. 3. Pandemia. 4.

Bolsonaro. 5. Designação. I. Vinhas, Luciana Iost, orient. II. Título.

CDD : 469.5

Elaborada por Maria Inez Figueiredo Figas Machado CRB: 10/1612

Rômulo Silveira Borges Balz

“Entre a pandemia e a histeria: uma análise discursiva de pronunciamentos de Jair Messias Bolsonaro.”

Dissertação aprovada, como requisito parcial, para obtenção do grau de Mestre em Letras, Área de concentração Estudos da Linguagem, do programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal de Pelotas.

Pelotas, 31 de março de 2022

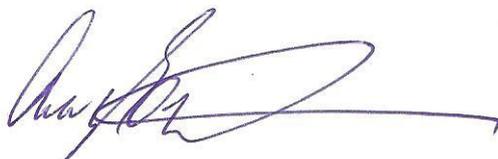
Banca examinadora:



Profa. Dra. Luciana Iost Vinhas
Orientadora/Presidente da banca
Universidade Federal de Pelotas



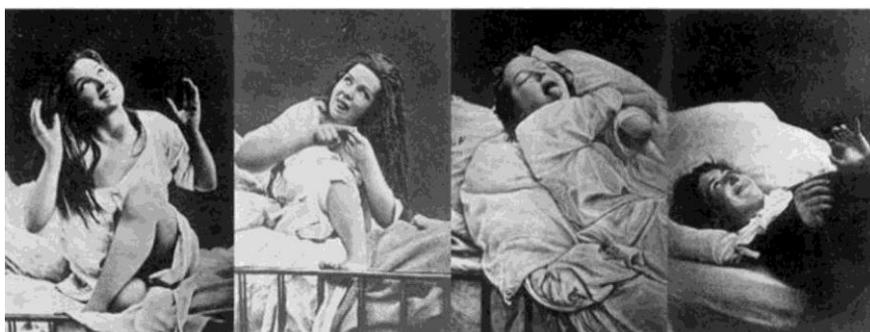
Profa. Dra. Verli Fatima Petri da Silveira
Membra da Banca
Universidade Federal de Santa Maria



Profa. Dra. Aracy Graça Ernst
Membra da Banca
Universidade Federal de Pelotas



Foto: Divulgação/US National Museum of Health
Soldados afetados pela gripe espanhola em hospital no estado do Kansas,
Estados Unidos, em 1918.



Montagem com Fotografias de Histéricas sob Hipnose no Hospital de la
Salpêtrière em Paris, no século XVII.

Dedicatória

a todas as vítimas da COVID-19 (In memoriam)

Agradecimentos

Agradeço, em primeiro lugar, a Deus por me colocar de pé, quando nem eu mesmo acreditava mais em mim.

À minha mãe pelo incentivo, os conselhos e o suporte afetivo, os quais se fizeram tão necessário nesta jornada.

À minha orientadora, Prof^a Dra. Luciana Iost Vinhas, pela confiança, carinho e paciência para comigo, bem como pela sabedoria com que me conduziu pelos caminhos da Análise de Discurso.

À Prof^a Dra. Aracy Graça Ernst e à Prof^a Dr^a. Verli Fátima Petri da Silveira, pelos conselhos, ensinamentos e por todas as suas contribuições para a teoria da Análise de Discurso.

Aos colegas pelas trocas de conhecimentos, discussões acerca da teoria, pelo companheirismo e amizade construída ao longo do caminho.

À Universidade Federal de Pelotas pela oportunidade de estar cursando uma Pós-Graduação em uma instituição pública e de qualidade.

BALZ, R.S.B. **Da Pandemia à Histeria**: uma análise discursiva sobre os pronunciamentos de Jair Messias Bolsonaro. Orientadora: Luciana Iost Vinhas. 2021.nf. Dissertação (Mestrado em Letras) -Centro de Letras e Comunicação, Universidade Federal de Pelotas, 2021.

Resumo

Em 2020, o mundo vivenciou o começo de diversos desafios, oriundos de uma crise sanitária causada pelo surgimento de um novo vírus. Em meio a tantos contratemplos, passaram a circular, na mídia brasileira, inúmeros discursos contrários às medidas preventivas recomendadas pela ciência, sendo que os principais discursos são provenientes do maior representante do executivo do país, Jair Messias Bolsonaro. Desse modo, o presente estudo tem como objetivo analisar, com base nos pressupostos da Análise de Discurso materialista, os efeitos de sentidos produzidos pelo Presidente quando da utilização da designação *histeria* no mês de março desse mesmo ano. As sequências discursivas foram recortadas e analisadas a partir da transcrição de vídeos presentes nas mais diversas plataformas da Web. Configurando o imaginário sobre o vírus e o imaginário de si, conseguimos chegar ao funcionamento discursivo da designação nos dizeres do Presidente, configurando, com a análise, a formação discursiva de identificação como formação discursiva de extrema direita. Com isso, chega-se à conclusão de que a designação, ao fazer referência ao cuidado com a saúde, produz efeitos negativos, os quais podem alterar a conduta dos brasileiros na medida que deslegitima os saberes da ciência.

Palavras chaves: Análise de Discurso, Histeria, Pandemia, Bolsonaro, Designação.

BALZ, R.S.B. **Da Pandemia à Histeria**: uma análise discursiva sobre os pronunciamentos de Jair Messias Bolsonaro. Orientadora: Luciana Iost Vinhas. 2021.nf. Dissertação (Mestrado em Letras) -Centro de Letras e Comunicação, Universidade Federal de Pelotas, 2021.

Abstract

In 2020, the world experienced the beginning of several challenges, arising from a health crisis caused by the emergence of a new virus. In the midst of so many setbacks, numerous speeches against the preventive measures recommended by science began to circulate in the Brazilian media, with the main speeches coming from the country's greatest representative, Jair Messias Bolsonaro. Thus, the present study aims to analyze, based on the assumptions of the Materialist Discourse Analysis, the effects of meanings produced by the President when using the designation *hysteria* in March of the same year. The discursive sequences were cut and analyzed from the transcription of videos present in the most diverse platforms of the Web. By configuring the imaginary about the virus and the imaginary of oneself, we managed to reach the discursive functioning of the designation in the President's words, configuring, with the analysis, the discursive formation of identification as a discursive formation of the extreme right. With this, we come to the conclusion that the designation, when referring to health care, produces negative effects, which can change the behavior of Brazilians insofar as it delegitimizes the knowledge of science.

Keywords: Discourse, Discourse Analysis, President, Designation, Hysteria.

Lista de Figuras

Imagem 1	Falsa propaganda do Ministério da Saúde	12
Imagem 2	Linha do tempo do novo coronavírus no mundo	23
Imagem 3	Principais eventos e episódios relacionados à pandemia	36
Imagem 4	Pronunciamento oficial do Presidente da República	38
Imagem 5	Capa de Dilma nervosa divulgada pela Revista IstoÉ	53
Imagem 6	Dilma e Bolsonaro: Revista IstoÉ	54
Imagem 7	Manifestações contra o Governo Bolsonaro em setembro de 2019	74
Imagem 8	Bolsonaro nas manifestações do dia 15/03/2020	75
Imagem 9	Projeção sobre a disseminação do vírus em 19/03/2020	101

Sumário

1. Introdução	01
2. A pandemia do novo coronavírus no Brasil de Jair Bolsonaro	06
2.1 O neoliberalismo e as condições de produção	06
2.2 O surgimento da pandemia e os pronunciamentos de Jair Bolsonaro	19
2.3 Notas sobre o discurso político de Jair Bolsonaro	25
2.4 A constituição do <i>corpus</i> da pesquisa	33
3. Considerações acerca dos estudos sobre histeria	42
3.1 Um percurso histórico sobre a histeria	42
3.2 A histeria e o feminino	48
3.3 A histeria na perspectiva psicobiológica	56
4. Uma análise da designação <i>histeria</i> no discurso de Bolsonaro	60
4.1 A língua, o excesso e a designação	60
4.2 Descrição e interpretação do <i>corpus</i>	73
4.2.1 A construção do imaginário sobre o vírus	76
4.2.2 O imaginário de si no discurso de Bolsonaro	83
4.2.2 O funcionamento discursivo da designação <i>histeria</i>	92
5. Considerações finais	109
6. Referências	112
7. Anexos	124
Anexo 1.....	126
Anexo 2.....	128
Anexo 3.....	142

1. Introdução

Escolas, lojas, bares e mercados fechados; hospitais e unidades básicas de saúde lotados. Esse é o panorama que se instalou no Brasil, a partir do mês de março do ano de 2020, devido ao surgimento de uma pandemia. Somado a isso, mesmo antes do surgimento da pandemia, o país vinha enfrentando várias crises na economia e na política. Em relação à crise econômica, segundo a jornalista Érica Fraga do site Folha de São Paulo, no ano de 2014, houve o início de uma severa recessão no Brasil, sendo essa considerada a maior da história¹.

Na medida em que a pandemia desencadeia novos desafios tanto para os profissionais da saúde quanto para os demais cidadãos, ela vem expondo as diferenças entre as classes sociais, diferenças essas que sempre se mostraram muito presentes na história da sociedade brasileira.

Em consonância com esse cenário, foi possível acompanharmos, ao longo do ano de 2020, a circulação de vários discursos a respeito da saúde e das medidas de proteção adotadas frente a essa situação caótica. Alguns desses discursos se referem a pronunciamentos proferidos pelo atual mandatário do Brasil, o presidente eleito em 2018 pelo PSL Jair Messias Bolsonaro.

Conhecido por suas manifestações polêmicas, Bolsonaro, mesmo antes de sua eleição, vem causando desconforto/indignação em parte dos brasileiros, que pode ser justificado por certas medidas e declarações dadas pelo governante. Em 2017, por exemplo, durante um evento na Paraíba, ao falar sobre religião, defendeu que o Brasil é um país cristão e que não existe o “Estado Laico”, tendo, portanto, que a minoria se curvar diante da maioria².

Além disso, em 2019, durante o seu mandato, foi aprovada a Reforma da Previdência, que prevê o aumento da idade para que as mulheres possam se aposentar, assim como diminui o valor pago por pensão devido à morte em 50%³,

¹ Algumas informações sobre o início da crise econômica brasileira estão disponíveis em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2016/08/1808803-brasil-vive-a-segunda-pior-recessao-de-sua-historia.shtml>> Acesso em: 08/07/2021.

² Alguns enunciados polêmicos estão disponíveis em: <<https://www.cartacapital.com.br/politica/bolsonaro-em-25-frases-polemicas/>> Acesso em: 13/03/2021.

³ Texto sobre a reforma da previdência de 2019 disponível em: <<https://www.politize.com.br/reforma-da-previdencia-entenda-os-principais-pontos/?https://www.politize.com.br/temas/reformas/&gclid=CjwKCAjw2dD7BRASEiwAWCt>>

dentre outros prejuízos aos direitos adquiridos pelos trabalhadores brasileiros ao longo do tempo.

As manifestações de Jair Bolsonaro, corriqueiramente, parecem demonstrar um desinteresse pelas classes sociais menos favorecidas e estigmatizadas, pois, de acordo com Cohn (2020), os direitos fundamentais e sociais de alguns cidadãos, no atual cenário brasileiro, encontram-se ameaçados, o que abarca a diversidade das situações sociais, assim como as suas distintas identidades.

Durante o mês de março de 2020, pudemos observar uma grande ascendência no número de casos da COVID-19 no mundo inteiro, o que exigiu, por parte das autoridades de saúde, tal como a Organização Mundial da Saúde (OMS), rápidas medidas de prevenção e enfrentamento contra o novo patógeno. No entanto, o isolamento e a quarentena, algumas das estratégias utilizadas pelo Ministério da Saúde desde o começo da pandemia, pareciam não agradar ao Presidente da República. Dois dias após o Ministério da Saúde, até então sob o comando de Luiz Henrique Mandetta, publicar as orientações para evitar a disseminação do coronavírus⁴, houve reações por parte do Presidente expressas na mídia, nas quais ele fez uso da designação *histeria* para caracterizar as ações mencionadas. Tal conduta por parte desse político culminou em uma tensão interna no governo e, por conseguinte, na exoneração de Luiz Henrique Mandetta. Dessa forma, no dia 16 de abril de 2020, Jair Messias Bolsonaro anuncia que o médico oncologista Nelson Teich assumiria o ministério, substituindo Mandetta⁵.

Apesar da troca de ministros, Teich e Bolsonaro tiveram opiniões divergentes em relação ao protocolo da hidroxocloroquina para o tratamento da COVID-19, o que resultou na saída de Nelson Teich do ministério em menos de um mês no governo Bolsonaro. Com isso, o general Eduardo Pazuello⁶ foi efetivado, no dia 16 de setembro de 2020, como Ministro da Saúde, sendo que, desde maio, vinha ocupando

Cb6hEpukigB7S9Ab3rhV5fhhNfLygmHUKPRuL949HycVO7BFZKrXazBoC_UUQAvD_BwE>. Acesso em: 13/03/2021.

⁴ As medidas de enfrentamento ao vírus estão disponíveis em: <<https://antigo.saude.gov.br/>>. Acesso em: 13/03/2021.

⁵ Nomeação de Nelson Teich disponível em: <<https://www.gov.br/planalto/pt-br/acompanhe-o-planalto/noticias/2020/4/presidente-bolsonaro-anuncia-novo-ministro-da-saude>>. Acesso em: 13/03/2021.

⁶ Eduardo Pazuello se formou na Academia Militar das Agulhas Negras em 1984. Outras informações sobre o político estão disponíveis em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/politica/2020/09/15/quem-e-eduardo-pazuello-que-sera-efetivado-como-ministro-da-saude>>. Acesso em: 13/03/2021.

o cargo interinamente. Um dos maiores destaques da gestão do então ministro foi o aval dado ao protocolo que autoriza o uso da hidroxicloroquina, que foi originalmente desenvolvida para o tratamento e combate dos lúpus e da malária⁷.

Eduardo Pazuello, no dia 14 de março de 2021, pediu demissão do cargo ao presidente Jair Messias Bolsonaro. O motivo, segundo o jornal *O Globo*, estaria relacionado a alguns problemas de saúde que o ex-ministro enfrentava à época⁸.

No dia 15 de março de 2021, segunda-feira, Bolsonaro se reuniu com o presidente da Sociedade Brasileira de Cardiologia, o médico Marcelo Queiroga, por cerca de três horas. No mesmo dia, pela manhã, Ludhmila Hajjar, uma das médicas cotadas para assumir o ministério, anunciou que não aceitaria o convite para tomar posse do cargo.

No dia 14 de março de 2020, isto é, no dia anterior, a médica, em reunião com o Presidente, confessou que estava sofrendo ameaças e ataques, supostamente, de seguidores bolsonaristas. Em uma entrevista para a *Globonews*, a médica detalhou os motivos que a levaram a não aceitar o cargo: ela disse que não houve uma convergência técnica entre ela e o atual governo. Além disso, criticou a discussão em torno da ivermectina, tendo em vista que a ciência já tinha declarado que não há comprovação nenhuma de que o chamado “KitCovid” tivesse alguma eficácia⁹.

Diante do apresentado, este trabalho tem como objetivo, com base nos pressupostos da teoria da Análise de Discurso Materialista (AD), **compreender os efeitos de sentidos relacionados à pandemia produzidos pelos enunciados proferidos pelo chefe de Estado quando da utilização da designação *histeria***. Importa, então, explicarmos como este estudo encontra-se estruturado.

No nosso primeiro capítulo, temos a introdução da proposta de pesquisa, na qual explicitamos o contexto geral do estudo bem como a sua estrutura e o seu objetivo.

⁷ Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/saude/2020/05/20/governo-muda-protocolo-e-autoriza-hidroxicloroquina-para-casos-leves-de-covid-19>>. Acesso em: 13/07/2021.

⁸ Informações sobre o pedido de demissão do Ministro da Saúde Eduardo Pazuello estão disponíveis em: <<https://www.cartacapital.com.br/cartaexpressa/ministro-da-saude-pede-demissao-e-deve-ser-substituido-nos-proximos-dias/>>. Acesso em: 28/03/2021.

⁹ A decisão do presidente Jair Messias Bolsonaro, bem como a fala da médica, estão disponíveis em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/03/15/bolsonaro-se-reune-no-planalto-com-medico-marcelo-queiroga-cotado-para-ministro-da-saude.ghtml>>. Acesso em: 29/03/2021.

O segundo capítulo é destinado às condições de produção de emergência dos enunciados analisados. Assim, na primeira seção, tratamos da Organização Mundial da Saúde, bem como do Ministério da Saúde e da forma como ambos os órgãos se articulam às condições de produção. Além disso, abordamos mais sobre a pandemia e as políticas neoliberais, sobretudo os impactos que o regime econômico neoliberal exerce sobre a saúde na conjuntura atual. Na segunda seção, nos concentramos no surgimento da pandemia, assim como expomos, de forma breve, alguns dos pronunciamentos do Presidente da República, sendo que tratamos do seu discurso na terceira seção. Ainda nesta seção, abordamos sobre alguns aspectos da vida pública do principal representante do executivo brasileiro no período 2018-2022. Finalmente, na última seção, apresentamos o nosso *corpus*, como este foi construído, quais pronunciamentos foram escolhidos, bem como de que forma serão analisados. Esse *corpus* foi constituído a partir dos arquivos que se encontram nos anexos I, II e III, constituído através do trabalho de transcrição e análise.

O terceiro capítulo trata dos estudos a respeito da constituição histórica, ou melhor, das condições de produção acerca da noção de *histeria*. Para tanto, trazemos as contribuições de Breuer e Freud (1990) na primeira seção. A segunda seção aborda a histeria na contemporaneidade e, por isso, tratamos do discurso médico-científico a respeito do assunto. Ainda neste capítulo, discutimos acerca da relação da histeria com a mulher, com o feminino.

O quarto capítulo é destinado às considerações acerca da teoria da Análise de Discurso, bem como expomos o nosso gesto de interpretação com base nos pressupostos teóricos da AD. Para isso, apresentamos as contribuições do seu idealizador, o filósofo francês Michel Pêcheux. Assim, na primeira seção, tratamos da noção de língua e de excesso, na perspectiva discursiva, para chegarmos à noção de designação, a qual é fundamental para a nossa análise. Nesse sentido, resgatamos as contribuições de Ernst (2009) para melhor fundamentarmos a nossa discussão.

A seção 4.2, do quarto capítulo, contém o nosso gesto interpretativo, levando em conta as noções apresentadas nas seções anteriores, a fim de dar subsídio para a compreensão tanto do nosso *corpus* quanto para a análise empreendida.

Por fim, temos a conclusão, onde tentamos finalizar o estudo com base em nossas considerações sobre o mesmo, sendo que entendemos essa “finalização”

como provisória, dado que os sentidos e os sujeitos, conforme Orlandi (2001a), estão sempre em movimento.

Dito isso, esperamos que este estudo possa instigar a todos a refletir sobre a teoria, bem como contribuir de alguma forma para a compreensão do processo discursivo que será submetido à análise.

2. A pandemia do novo coronavírus no Brasil de Jair Bolsonaro

O Brasil, conforme mencionado anteriormente, vem enfrentando grandes mudanças no âmbito econômico, político e social desde o ano de 2016. Neste capítulo, nos deteremos à discussão sobre algumas das transformações sofridas nesses setores devido à emergência de uma pandemia, assim como debateremos a respeito de alguns aspectos referentes ao neoliberalismo, dadas as características do governo Bolsonaro, bem como refletiremos sobre o discurso político do maior representante do executivo brasileiro e exporemos como se deu o processo de constituição de nosso *corpus* de pesquisa. Assim, traremos uma revisão bibliográfica acerca dos boletins epidemiológicos referente aos primeiros meses: janeiro, fevereiro, março e abril de 2020, bem como a contribuição de autores a respeito dos estudos discursivos, das ciências sociais e biológicas. Da mesma forma, refletiremos acerca de aspectos da vida pública do Presidente Jair Bolsonaro, de modo que possamos compreender as *condições de produção* em que os discurso(s) emergiram, bem como traçar um breve “perfil” discursivo do presidente.

Entretanto, antes, será necessário “visitarmos”, ainda que de forma breve, a definição de *condições de produção* e a sua importância nos estudos discursivos, na perspectiva à qual nos filiamos. Ademais, trataremos das condições de surgimento da Organização Mundial da Saúde, bem como do Ministério da Saúde, na tentativa de contextualizarmos o nosso *corpus discursivo*.

2.1 O neoliberalismo e as condições de produção

Nesta seção, nos basearemos em autores como Jean-Jacques Courtine e Michel Pêcheux para melhor compreendermos o status atual da noção de condições de produção em Análise de Discurso materialista. Assim, começaremos pelas considerações de Courtine ([1981] 2009). O autor defende que a origem de tal noção parece ser de três ordens.

Sem mencionar as críticas em torno da análise de conteúdo, no que diz respeito à primeira ordem, o teórico refere-se ao trabalho de Paul Henry e Mr Serge

Moscovici que, na esteira de Berelson, considerava tais condições de produções aplicadas aos textos.

A segunda ordem, sobre a qual nos fala Courtine ([1981] 2009), é referente a uma suposta atribuição de “serviços” que a psicologia social poderia conceder à Análise de Discurso. Citando o texto “Problématique des travaux sur le discours politique”, de Louis Guespin, o autor nos fala de uma aparente aproximação com a sociolinguística. Nesse sentido, a segunda ordem/origem é designada por este último como sociolinguística, caracterizada por uma origem indireta.

A terceira e última ordem é baseada no texto “Discourse Analysis”, de Zellig Harris, e foi intitulada de origem implícita, pois o termo “condições de produção” não figura no artigo de Harris. Neste estudo, podemos encontrar o termo “situação” correlacionado ao “discurso”. O termo “situação”, para Harris (1952 apud COURTINE, [1981] 2009), é pensado como aquilo que é exterior ao objeto linguístico, aproximando-se da análise de conteúdo, bem como da psicologia social.

Com base nessa retomada, é possível dizer que, até aqui, a noção de “condições de produção” foi tratada como algo exterior ao discurso, aliás, sendo, até mesmo, aplicada a textos na análise de conteúdo. Entretanto, na Análise de Discurso Materialista, na qual nos aprofundaremos, com base em Pêcheux (1969), as condições de produção são tratadas de forma diferente.

Courtine ([1981] 2009) cita ainda uma definição empírica com base em Pêcheux ([1969] 1997) a respeito das condições de produção. Dessa forma, segundo o autor, Pêcheux ([1969] 1997) expõe que as relações entre os lugares sociais, que, sob a perspectiva jakobsiana, eram tratados de forma objetiva, passam a serem consideradas como representações imaginárias de tais lugares.

Em Análise Automática do Discurso (AAD-69), Michel Pêcheux ([1969] 1997) defende que, no discurso, os sujeitos, bem como as situações que engendram os processos discursivos, encontram-se transformados. Assim, a esse conjunto de transformações, onde se observa um jogo de relações imaginárias, o teórico designou como “formações imaginárias”. Além disso, ao se referir às condições de produção, as designa, em um primeiro momento, como processo de produção, que seria “o conjunto de mecanismos formais que produz um discurso de um tipo dado em ‘circunstâncias’ dadas” (PÊCHEUX, 1997, p. 74, grifos do autor).

Eni Orlandi reafirma Pêcheux ao mencionar que as condições de produção “compreendem fundamentalmente os sujeitos e a situação” (ORLANDI, 2001a, p. 30). No entanto, a autora acrescenta que a memória faz parte das condições de produção, ou melhor, a forma como ela “aciona” as condições de produção.

Ao argumentar sobre as condições de produção de um discurso, Orlandi (2001b) considera três momentos relevantes: sua constituição, com base na memória do dizer, que faria intervir o contexto mais amplo (histórico-ideológico), sua formulação, que envolve as condições de produção, bem como circunstâncias específicas e, também, a sua circulação, que se daria em certa conjuntura, em conformidade com certas condições.

Sendo assim, passemos à compreensão do primeiro momento, isto é, das condições sócio-históricas, as quais se interligam a este estudo. Começaremos pelas considerações a respeito da Organização Mundial da Saúde (OMS), pelo fato de se tratar de uma instância de nível mundial e que, portanto, tem grande influência em diversos países sobre o que tange às decisões e aos protocolos que deverão ser seguidos no que concerne à saúde pública.

A constituição da Organização Mundial da Saúde (OMS) aconteceu a partir da Conferência Internacional da Saúde, que ocorreu na cidade de Nova York em 22 de julho de 1922¹⁰. No anexo 1 do documento básico dessa organização, podemos observar que o Brasil é um dos membros da organização desde 02 de junho de 1948.

Embora a constituição da OMS tenha significado um avanço no que se refere à saúde, não podemos ignorar o fato de que, com base em Forattini (2000), ao longo do século XX, não havia uma atenção direcionada aos fenômenos sociais nem para as suas variantes administrativas, educacionais, econômicas e políticas, que, de acordo com esse estudioso, poderiam estar relacionadas substancialmente aos quadros epidemiológico. Por outro lado, aos determinantes biomédicos era atribuído um maior valor. Além disso, a conferência ocorrida no século passado parece ter se dado de forma tardia, se considerarmos o surgimento da pandemia da gripe espanhola¹¹, ocorrida em 1918, de acordo com Westin (2020). Ainda com base nesse

¹⁰ Algumas informações sobre a constituição da Organização Mundial da Saúde, história e estrutura estão disponíveis em: <<https://www.who.int/about/who-we-are/constitution>>. Acesso em: 29/03/2021.

¹¹ Ainda conforme a matéria publicada no jornal “El País”, em 15 de março de 2020, a pandemia da gripe espanhola causou um grande impacto mundial, sobretudo no Brasil. Disponível em:

estudioso, a mutação do vírus chegou ao Brasil a bordo do navio Demerara¹². Em contrapartida, não é possível negar o lado positivo dessa conferência, tendo em vista que ela configurou um acontecimento histórico e discursivo importante, a partir do qual vários discursos da e sobre a saúde passaram a circular, fazendo com que, anos mais tarde, a criação de uma organização da saúde, em nível mundial, fosse concretizada. Nesse sentido, cabe discutirmos acerca da quadragésima nona edição do documento básico da OMS a fim de conhecermos mais a respeito desse órgão.

Essa edição do documento básico da OMS (2020) contém uma declaração na qual todos os Estados participantes da Constituição da Organização Mundial da Saúde, em conformidade com a Carta das Nações Unidas, elencaram alguns dos princípios básicos para a felicidade, relação harmoniosa, bem como para a segurança de todos os povos. Desses oito princípios, citaremos cinco, dada a relevância para este estudo:

O gozo do mais alto padrão de atendimento da Saúde é um direito de todo ser humano, devendo ser sem distinção de raça, religião, crença política, condição econômica ou social;

A saúde de todas as pessoas é fundamental para a obtenção de paz e segurança, sendo dependente da mais alta cooperação dos indivíduos e Estados;

[...]

A dedicação de qualquer Estado na promoção e proteção da saúde tem valor para todos.

[...]

A extensão a todos os povos dos benefícios da medicina, psicologia, assim como o conhecimento relacionado a esses benefícios é essencial para a obtenção mais plena da saúde;

[...]

Os governos têm responsabilidade pela saúde de seus povos, que apenas poderá ser cumprida pela provisão de serviços de saúde e medidas sociais adequadas (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 2020, p. 01, tradução nossa).

Conforme o site, o objetivo dessa organização é proporcionar um atendimento de saúde para todos os povos com o mais alto nível. Tal afirmação é importante para entendermos como, através da ideologia dominante na atual formação social, são geridos certos efeitos de sentidos, que resultarão na formação de evidências, sendo

<<https://brasil.elpais.com/sociedade/2020-03-16/em-1918-gripe-espanhola-espalhou-morte-e-panico-e-gerou-a-semente-do-sus.html>>. Acesso em: 21/08/2021.

¹² O navio Demerara trouxe, para o Brasil, doentes que prestaram serviços em outros países, o que fez com que a doença se espalhasse rapidamente por várias regiões. Disponível em: <<http://www.invivo.fiocruz.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?UserActiveTemplate=english&inford=815&sid=7>>. Acesso em: 20/08/2021.

que estas deverão ser questionadas pelo analista do discurso. Assim, de acordo com a visão de (ORLANDI, 2001a, p. 22, **negritos nossos**):

[...] É pela interpelação que o sujeito se submete à ideologia, ao **efeito da literalidade**, à ilusão do conteúdo, à **construção da evidência** dos sentidos, à **impressão do sentido já-lá**.

É importante salientar, ainda conforme Orlandi (2001a), que a administração desses efeitos de sentido fica a cargo da relação do sujeito com a história, bem como com a ideologia que o interpela¹³.

Uma vez expostos os princípios que norteiam a maior instituição de controle e regulamentação da saúde da nossa conjuntura social, parece-nos necessário acrescentarmos a contribuição althusseriana a respeito das instituições, sobretudo sobre os Aparelhos Ideológicos do Estado, bem como alguns estudos sobre esse viés, a fim de entendermos como se organiza a estrutura social brasileira no que diz respeito à saúde. Contudo, antes, nos deteremos sobre o discurso do Ministério da Saúde, dadas as condições de produção do discurso que serão, posteriormente, analisadas.

O Ministério da Saúde do Brasil¹⁴, de acordo com as informações extraídas do seu site oficial, é o órgão do Poder Executivo Federal responsável pela organização, assim como pela elaboração de planos e políticas públicas voltadas para a promoção, a prevenção e a assistência à saúde dos brasileiros.

Esse ministério tem como função, ainda de acordo com o site, dispor de condições a fim de proteger e recuperar a saúde dos cidadãos, reduzindo, assim, as enfermidades e controlando as doenças endêmicas, parasitárias. Como efeito, tem-se uma melhora na qualidade de vida dos brasileiros. Além disso, tem como missão a promoção da saúde por meio da integração e a construção de parcerias com os órgãos federais, tais como as unidades da Federação, os municípios, a iniciativa

¹³ A questão da ideologia será aprofundada no quarto capítulo desta dissertação.

¹⁴ Segundo o site oficial, o Ministério da Saúde foi instituído em 25/7/1953, por meio da Lei nº 1.920, que fragmentou o Ministério da Educação e Saúde em dois ministérios: Saúde, de um lado, e Educação e Cultura, de outro. Outras informações estão disponíveis em: <<http://bvsmis.saude.gov.br/ultimas-noticias/3252-25-7-aniversario-de-criacao-do-ministerio-da-saude2#:~:text=%2D%20pesquisa%20cient%C3%ADfica%20e%20tecnol%C3%B3gica%20na%20C3%A1rea%20de%20sa%C3%BAde.&text=O%20Minist%C3%A9rio%20da%20Sa%C3%BAde%20foi%20Sa%C3%BAde%20e%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20e%20Cultura>>. Último acesso em: 29/03/2021.

privada e a sociedade, colaborando para a melhoria da qualidade e para o exercício da cidadania.

O decreto nº 9.795¹⁵, de 17 de maio de 2019, evidencia, no artigo 1º do anexo1, a natureza e as competências deste órgão, as quais podemos observar abaixo:

- I- Política Nacional da Saúde;
- II- Coordenação e fiscalização do Sistema Único de Saúde-SUS;
- III- Saúde ambiental e ações de promoção proteção e recuperação da saúde individual e coletiva, inclusive a dos trabalhadores e dos índios;
- IV- Informações da Saúde;
- V- Insumos críticos para a saúde;
- VI- Ação preventiva em geral, vigilância e controle sanitário de fronteiras e de portos marítimos, fluviais, lacustres e aéreos;
- VII- Vigilância de Saúde, especialmente quanto as drogas, medicamentos e alimentos;
- VIII- Pesquisa científica e tecnológica na área da saúde (BRASIL, 2019, n.p).

Da lista acima, destacamos duas principais competências, tendo em vista a pertinência para este trabalho: informações de saúde e pesquisa científica e tecnológica na área da saúde. Tais competências são importantes, pois consideramos que, no âmbito social, o saber científico, em consonância com as informações adequadas, é de extrema importância para a prevenção de doenças. Além disso, as competências destacadas serão necessárias para entendermos as contradições que permeiam a atual conjuntura brasileira, evidenciada nas análises.

Por ora, basta entendermos que, na nossa sociedade atual, tanto a Organização Mundial da Saúde quanto o Ministério da Saúde consolidam-se enquanto instituições que reproduzem o saber médico-científico; porém, tal saber também é ideologicamente determinado. Um bom exemplo do efeito ideológico sobre o qual nos referimos pode ser encontrado em uma publicação do Ministério da Saúde datada de janeiro de 2021, a qual se referia ao tratamento precoce contra a Covid-19 que, segundo o site G1, é baseado em dois medicamentos, a hidroxocloroquina e a cloroquina, combinados com outros medicamentos. Na publicação, ficava explícito que o tratamento deveria ser adotado a fim de combater a doença:

¹⁵ O decreto nº 9.795, de 17 de maio de 2019, contém informações sobre a estrutura, competências e atribuições pertinentes ao Ministério da Saúde. Disponível em: <<https://www.in.gov.br/web/dou/-/decreto-n-9795-de-17-de-maio-de-2019-108888708>>. Acesso em: 29/03/2021.



Imagem 1- Falsa Propaganda do Ministério da Saúde: Disponível em:

<<https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2021/01/16/twitter-faz-alerta-em-post-do-ministerio-da-saude-de-informacao-enganosa.ghtml>> Acesso em: 08/02/2021.

Segundo os estudos científicos em desenvolvimento sobre medicações indicadas no combate ao vírus Sars-CoV-2, ainda de acordo com o site, não há qualquer comprovação da eficácia desse tratamento e, por conta disso, o *Twitter*, rede social na qual aconteceu a publicação exposta na Imagem 1, removeu a postagem¹⁶.

Outro caso de importante repercussão, no meio midiático, foi o questionamento do atual chefe de Estado acerca da eficácia das vacinas, sobretudo da Coronavac¹⁷. Entendemos que os sujeitos que se identificam com os discursos reproduzidos pelo Presidente acabam disseminando informações de cunho duvidoso sobre a saúde, enquanto que aqueles que se desidentificam acabam por denunciar tais práticas. Nesse sentido, podemos perceber que a ideologia não interpela a todos do mesmo modo, atestando, assim, a divisão do sujeito e, também, dos sentidos.

Antes de prosseguirmos com a discussão, precisamos fazer uma ressalva com base nos estudos de Souza et al (2013) acerca dos determinantes sociais da saúde (DSS). Esses últimos autores defendem que, embora muitos estudos relacionando a

¹⁶ A publicação enganosa do Ministério da Saúde está disponível em: <<https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2021/01/16/twitter-faz-alerta-em-post-do-ministerio-da-saude-de-informacao-enganosa.ghtml>>. Acesso em: 29/03/2021.

¹⁷ O questionamento do Presidente da República ocorreu no dia 22 de janeiro de 2020, no qual defendeu que não havia comprovação da eficácia das vacinas. Disponível em: <<https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2021/01/4901982-bolsonaro-questiona-eficacia-de-vacinas-contra-a-covid-19.html>>. Acesso em: 10/07/2021.

saúde com os aspectos sociais estejam constantemente sendo realizados, não se pode debater a respeito dos determinantes sociais da saúde sem levarmos em consideração a ordem societária vigente. Dessa forma, concordamos com os autores, pois entendermos como o modo de produção capitalista, que determina a estrutura social, é imprescindível quando levamos em consideração a existência da luta de classes (ALTHUSSER, 1970). Assim, compreendemos que a questão da saúde está atrelada não somente ao modo de produção econômica, mas é sobretudo algo inerente à ordem ideológica e, conseqüentemente, discursiva.

Tendo exposto sobre as condições de produção, evocaremos a visão althusseriana, antes apenas mencionada, para melhor compreendermos como, por meio da ideologia dominante, que perpassa a nossa formação social atual, a saúde é discursivizada. Para tanto, traremos o conceito de superestrutura ideológica, bem como de infraestrutura, expostos por Althusser (1970) a partir da sua leitura de Marx.

Para Althusser (1970), Marx concebia a infraestrutura, isto é, a “base”, aqui referida à metáfora do edifício, como pertencente à esfera econômica; a superestrutura, por outro lado, comportaria dois níveis: o jurídico-político (o direito e o Estado) e a ideologia (as diversas ideologias, moral, religiosa, etc.). Para Althusser, os dois níveis se dividem em Aparelho Repressivo de Estado (ARE) e Aparelhos Ideológicos de Estado (AIE), respectivamente, sendo que tal metáfora, na visão althusseriana, representaria a estrutura social.

Embora Althusser (1970) tenha reconhecido a importância da teoria marxista, sobretudo no que se refere à infraestrutura e à superestrutura, este teórico fez questão de demarcar uma certa hierarquia existente entre essas duas estruturas, isto porque, ainda segundo o autor, a infraestrutura determinaria em última instância a superestrutura ideológica. Contudo, uma das principais contribuições da teoria althusseriana diz respeito à questão da ideologia, tendo em vista que, mais tarde, Michel Pêcheux se baseou, conforme Henry (1997), nesses estudos a fim de propor uma teoria dos processos discursivos¹⁸. Para entendermos como a saúde está organizada na nossa formação social capitalista, regida, de acordo com Menezes et al (2019), por um governo neoliberal, devemos considerar a Organização da Saúde e o Ministério citado, pois eles fazem parte do que parece ser uma hierarquia, isto é, as

¹⁸ A questão dos processos discursivos será aprofundada no quarto capítulo.

decisões, planejamentos e protocolos, seguem, ideais de outras nações. Além disso, não podemos esquecer que este último, o Ministério da Saúde, encontra-se inserido em um governo que se diferencia de outros por pressupostos neoliberais, bem como pela sua relação com a ideologia, já mencionada. Assim, é necessário conhecermos os modelos econômicos neoliberais que antecederam o atual governo, sem, entretanto, deixarmos de lado as características desse último.

De acordo com Alves e Silva (2011), o Estado neoliberal tem como proposta o seu máximo afastamento ou “encolhimento”, de modo que as questões sociais fiquem nas mãos de instituições privadas, filantrópicas e/ou voluntárias.

Theborn (2008) expõe que o neoliberalismo é, na verdade, uma superestrutura política e ideológica, que acompanha o capitalismo moderno em sua evolução histórica. É neste ponto que Theborn (2008) se aproxima de uma visão althusseriana, pois o que está em jogo é justamente uma superestrutura, onde a ideologia dominante, vale dizer, burguesa, define o conjunto de ações praticadas pelo Estado. Dessa maneira, e com base em Laurell (2002), podemos entender que, nesse sistema social, a saúde é tratada como um produto.

Menezes (2011) evidencia que, na década de 1990, o Brasil vivenciou um período de uma nova ofensiva burguesa e adaptou-se às exigências do capital. Ainda segundo o mesmo autor, o neoliberalismo foi introduzido com base em um discurso iniciado após o desfecho das eleições de 1989, de Fernando Collor de Mello. Tal discurso se sustentava sob o pretexto de que o país tinha a necessidade de modernização. Outro catalisador para o crescimento do neoliberalismo, nessa época, foi a forte inflação, que deveria ser combatida pelo governo Collor (MENEZES, 2011, p. 2).

Ainda sobre o neoliberalismo, de acordo com Filgueiras (2006), o Brasil foi o último país da América Latina que implementou um projeto neoliberal. Ainda com base nesse autor, os motivos desse “atraso” seriam: a dificuldade de unificar os diversos interesses das distintas frações do capital e, por outro lado, as intensas atividades políticas, que foram desenvolvidas por parte das classes trabalhadoras na década de 1980, atividades estas que incluíram a constituição do Movimento dos Trabalhadores sem Terra (MST), a criação da Central Única dos Trabalhadores (CUT) e do Partido dos Trabalhadores (PT), bem como a realização de cinco greves gerais, datadas de 1983 e 1989. Assim, a implementação de um governo neoliberal no Brasil não se deu

de forma imediata, mas, pelo contrário, se constituiu como um processo, no qual o que prevaleceu foram os interesses da classe mais alta.

Posto isso, cabe ainda discutirmos um pouco a propósito da criação do Sistema Único de Saúde. Para tanto, evocaremos os estudos de Borlini (2010).

Para o autor, a política de saúde desenvolvida no Brasil é oriunda de intensas modificações ao longo da história. O teórico ainda expõe acerca da constituição do atual sistema de saúde brasileiro:

Os anos 1980 são marcados por avanços significativos e reestruturantes da política de saúde, sobretudo a partir da 8ª Conferência Nacional de Saúde (1986), que, dada sua relevância na participação social e de atores estratégicos, garantiu espaço na reformulação da Constituição Federal (1988). A partir da CF/88, a saúde passa a ser direito de todos e dever do Estado, integrando os serviços de forma regionalizada e hierarquizada. Estava criado o Sistema Único de Saúde (SUS), amparado pelas leis 8.080/90 e 8.142/90, que tem por preocupação central a democratização do acesso, a universalização dos direitos, melhoria da qualidade dos serviços prestados e integralidade e equidade das ações. Nesse projeto político, a relação Estado-sociedade civil se dá por mecanismos democráticos e inovadores na gestão, como os Conselhos e as Conferências de Saúde (nas três esferas de governo), o que viabiliza, em sua proposta, maior transparência no uso e destino dos recursos públicos (BORLINI, 2010, p. 326).

Com base nesta citação, podemos perceber que a década de 1980 realmente foi muito importante no que se refere ao avanço do sistema de saúde no país. No entanto, tal avanço parece ter encontrado o seu contraponto a partir da década de 1990, haja vista que, de acordo com Machado et al (2017), a sustentabilidade financeira do SUS encontrava-se ameaçada devido à falta de uma legislação que assegurasse o repasse dos recursos da previdência para o Ministério da Saúde, o que, para os autores, contradizia a Constituição Federal de 1988. Com isso, partiremos para a compreensão da saúde no governo Itamar Franco (PMDB), que sucedeu o governo Collor, ainda com base nas considerações de Machado et al (2017).

Segundo os autores, os anos do governo Itamar corresponderam à interseção de interesses e coligações políticas. Durante tal período, houve uma interrupção dos repasses referentes aos recursos do fundo previdenciário, bem como a instabilidade de outras fontes relacionadas à saúde, o que fez com que o setor da saúde decretasse, em 1993, “situação de calamidade pública”. Contudo, “políticas

importantes foram encaminhadas nesse período, em especial no que concerne à descentralização dos serviços de saúde” (MACHADO et al, 2017, p. 150).

Quanto ao governo de Fernando Henrique Cardoso (FHC), Paim (2008) revela que o Plano Real resultou em políticas de ajustes macroeconômicos, bem como em um elenco de projetos de Reforma do Estado, o que, segundo o autor, produziu resultados que foram de encontro à Constituição de 1988. Assim, conforme o escritor, do ponto de vista econômico, o governo Fernando Henrique Cardoso pode ser considerado um sucessor dos governos Collor e Itamar. Na década de 1990, “quando o Real completava um ano o principal problema das grandes cidades brasileiras era a crise do sistema público de saúde” (PAIM, 2008, p. 205).

Ainda de acordo com o estudioso, nesse mesmo período, os segmentos da classe média, assim como os trabalhadores com um melhor nível de renda, teriam migrado para o seguro-saúde e para outras formas de assistência médica supletiva (AMS), conforme se deterioravam os serviços públicos de saúde e a mídia desqualificava o empenho de construção do Sistema Único de Saúde.

Por outro lado, Draibe (2003) discorda de Paim (2008) quando expõe acerca do Programa Saúde da Família (PSF), o qual teria sido criado, ainda, no primeiro mandato presidencial. Além disso, a autora acrescenta duas medidas importantes para o reforço financeiro do SUS: a instituição de uma fonte de receita com a criação da CPMF, que teria sido provisória, porém foi renovada, ao passo que a segunda medida corresponderia ao estabelecimento, com vista à emenda constitucional de 2000, “da vinculação de receitas municipais e estaduais ao gasto com saúde, e a determinação do parâmetro de aumento do gasto da união” (DRAIBE, 2003, p. 82).

As considerações feitas pelos autores acima são imprescindíveis para que compreendamos os contrapontos referentes ao Sistema Único de Saúde. Embora existisse uma política para atenção à saúde, na prática parece ter demorado longos anos para que, de fato, muitas pessoas tivessem acesso ao serviço de saúde pública. Os pontos positivos do governo Fernando Henrique Cardoso tiveram segmento e ampliações durante os governos Lula e Dilma, ambos filiados ao Partido dos Trabalhadores (PT). Nesse sentido, nos resta discutirmos acerca do atual governo, o qual possui uma forte política neoliberal.

Embora possamos afirmar que os governos Lula e Dilma não tenham se coadunado com a política neoliberal, cabe, neste breve panorama sobre o Sistema

Único de Saúde brasileiro, ressaltar alguns pontos da política nacional de saúde pública nesses dois períodos históricos. É possível afirmar que, durante o governo do ex-presidente Lula, foi criada a maior parte dos leitos em unidades de terapia intensiva que o Brasil tem hoje¹⁹. No total, foram 11.678 novos leitos criados entre a posse de Lula e o golpe de 2016. É importante salientar que esses leitos foram construídos em meio a diversos ataques e boicote ao governo e ao Sistema Único de Saúde. Já no que diz respeito ao governo Dilma cabe destacar alguns pontos importantes, como: a criação da rede cegonha (Portaria nº 1459, de 24 de junho de 2011); da rede de atenção psicossocial (Portaria GM/MS nº 3088/2011); e da criação do índice de Desenvolvimento do SUS (IDSUS-2011). Na gestão destaca-se a Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares (EBSERH), lei nº 12.550 (REIS; PAIM, 2018, p. 105).

Durante o processo eleitoral de 2018, de acordo com Cioccarri e Persichetti (2019), o então candidato Jair Bolsonaro, filiado naquele momento ao Partido Social Liberal (PSL), fez uso amplo de símbolos pátrios. O slogan desse candidato era “Brasil acima de tudo. Deus acima de todos”. Assim, Bolsonaro apresentou-se como conservador durante o pleito eleitoral. Com base em dados do Departamento Intersindical de Assessoria Parlamentar (DIAP), esses autores revelam que o Congresso eleito no ano de 2014 teria sido o mais conservador pós-1964, o que teria colaborado para a ascensão de Bolsonaro no meio midiático. Outro fator que contribuiu para uma maior visibilidade do candidato à presidência, conforme Cioccarri e Persichetti (2019), teriam sido as fortes polêmicas em torno dele, como, por exemplo, o fato de, ainda em 2014, ter afirmado na Câmara e em entrevista à Rede TV que a deputada Maria do Rosário (PT-RS) não merecia ser estuprada porque ele (Jair Bolsonaro) a considerava muito feia, alegando que não fazia o seu “tipo”. Estranhamente, naquele momento, de pré-campanha à Presidência da República em 2018, e em torno de tantas polêmicas, “o deputado aparecia em segundo lugar nas pesquisas de intenção de voto para a presidência em 2018” (CIOCCARI; PERSICHETTI, 2019, p.137).

¹⁹ As informações foram retiradas de matéria do Instituto Lula, datada de abril de 2020, de autoria de Alexandre Padilha, médico infectologista e deputado federal pelo PT de São Paulo. Disponível em: <<https://www.cut.org.br/noticias/voce-sabia-que-a-maioria-dos-leitos-de-uti-foram-criados-por-lula-e-dilma-f3b6>>. Acesso em: 07/02/2022.

Continuando com as exposições desses autores, eles alegam que o Presidente sempre esteve rodeado de polêmicas, tendo sobrevivido ao se tornar um espetáculo de si mesmo, com os pronunciamentos que fomentam a repercussão do que é dito. Por outro lado, o então concorrente ao posto de Presidente recebe um retorno positivo de seus apoiadores mais fidedignos, os quais lhe proferiram a alcunha de “mito”.

Cohn (2020) revela que as políticas sociais e os direitos adquiridos ao longo dos anos, que começaram a “definhar” no governo Temer, no governo Bolsonaro foram sendo destruídos:

A partir de 2019 o jogo endurece. Inicia-se um processo de destruição truculenta do arcabouço social da rede de proteção social, mas não só: do meio ambiente, do direito à terra por parte dos trabalhadores rurais, indígenas e ribeirinhos, dos direitos dos negros, dos LGBTQI+, enfim, de todos os direitos que não respondam à bíblia dos novos donos do poder. O pacto de solidariedade social que até então vinha sendo construído a duras penas e crivado de tensões vem agora sendo substituído a ferro e fogo (literalmente) pela norma régia de cada um por si e contra os outros. A burocracia estatal se torna o algoz e o cemitério das políticas sociais e das práticas de gestão inovadoras e progressistas da área social (COHN, 2020, p.153).

A citação acima pode parecer melancólica ou dramática, porém corresponde ao contexto atual dos brasileiros(as). Com base no exposto, podemos constatar que, de fato, as políticas sociais foram afetadas por uma destruição estarrecedora. Entretanto, não gostaríamos e nem poderíamos nos deter apenas às medidas econômicas, pois correríamos o risco de esquecermos do tema central desta seção: a saúde.

Bravo et al (2019) defendem que, em nossa atual conjuntura, coexistem três projetos de saúde em disputa. O primeiro projeto, da Reforma Sanitária, conforme os autores, é oriundo das lutas populares e sindicais, que reivindicavam o direito de acesso à saúde para as classes menos favorecidas e ainda o fazem. Assim, a característica principal consiste em considerar a saúde em seu caráter universal e como um direito de todos.

Por outro lado, temos o Projeto Privatista, o qual tem a sua lógica pautada nas regras do mercado, vendo, na doença, uma fonte de lucro²⁰. O terceiro projeto foi

²⁰ As autoras defendem que a posse do cargo de Presidente por Michel Temer se deu de forma ilegítima e que seu objetivo era a restauração de um projeto neoliberal, o qual visava ao favorecimento da classe dominante. Disponível em:

intitulado, segundo esses autores, de Reforma Sanitária Flexibilizada, e atende às exigências da política macroeconômica que foi adotada no país. Com base, também, nesses escritores, podemos dizer que a disputa entre esses projetos está inscrita no processo de desenvolvimento do capitalismo em seu período neoliberal, o que culmina na diminuição de direitos para a classe trabalhadora, ao mesmo tempo em que proporciona a participação cada vez maior do mercado em cada aspecto da vida social. Entendemos que tal informação confirma o que já foi mencionado, ou seja, a hegemonia da classe burguesa.

Por fim, os teóricos expõem que, ao longo do período pré-eleitoral, não houve um posicionamento do então candidato Jair Messias Bolsonaro, tampouco de sua assessoria, no que se refere às questões como: formação e descentralização dos profissionais médicos, financiamento do Sistema Único de Saúde, o setor de saúde suplementar e judicialização dentro do SUS.

A exposição acerca do cenário mais amplo do país, realizada ao longo desta seção, foi relevante na medida em que possibilitou a compreensão de que tanto a Organização Mundial da Saúde quanto o Ministério da Saúde compõem o Aparelho Ideológico da Saúde, em termos althusserianos. Isso implica em dizer que tais instituições reproduzem e sustentam certos discursos e, sobretudo, se constituem em cenários onde as relações entre as diferentes classes podem ser observadas. Assim, passaremos para a descrição das condições de produção específicas dos enunciados que serão analisados mais adiante.

2.2 O surgimento da pandemia e os pronunciamentos de Jair Bolsonaro

Em dezembro de 2019, a Organização Mundial da Saúde foi alertada a respeito de inúmeros casos de pneumonia na cidade de Wuhan, localizada na República Popular da China. Tal alerta tratava-se de uma nova variante do Sars-CoV-2, ou coronavírus, a qual não havia sido identificada antes. Em 7 de janeiro de 2020, uma semana depois, veio a confirmação pelas autoridades da China da existência dessa

nova variante²¹. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), até 27 de janeiro de 2020 haviam sido confirmados 2.798 casos do novo coronavírus no mundo. A maior parte deste número (98,7%) foi notificada pela China²².

No Brasil, de acordo com Cavalcante et al (2020), os primeiros registros da doença foram confirmados no mês de fevereiro, levando à implementação de diversas medidas que foram elencadas a fim de conter o avanço da doença. Além disso, a consolidação de dados acerca das mortes decorrentes da doença é disponibilizada pelas Secretarias Estaduais de Saúde e vem sendo realizada pelo Ministério da Saúde desde o início da pandemia.

Ainda de acordo com Cavalcante et al (2020), a experiência da China, no que diz respeito ao enfrentamento do Sars-CoV-2, evidenciou que ações não farmacológicas que incluem, por exemplo, diversas formas de distanciamento social e, até mesmo, o bloqueio (lockdown), poderiam conter a epidemia. Em contrapartida, alguns países com uma política neoliberal, como os Estados Unidos da América, ainda de acordo com os teóricos, relutaram em adotar medidas imediatas como o lockdown. Embora especialistas tenham alertado a Casa Branca em relação às medidas preventivas, não houve uma mobilização por parte do governo Trump para que essas fossem adotadas. Assim, apenas em março de 2020 isso ocorreu. O resultado, conforme o imaginado, pode ser traduzido através dos altos números de infectados e óbitos observados no país durante o mês de abril (BORSQUEROLLI et al, 2020, p. 21).

No que diz respeito à origem do novo coronavírus, vale dizer que o Sars-CoV-2, como é cientificamente conhecido, encontra-se rodeado de diversos tipos de teorias²³, que vão desde uma arma biológica até uma possível vacina contra o HIV, mas que, por algum motivo, teria falhado. O fato é que ainda se sabe muito pouco sobre o vírus causador da COVID-19.

²¹ Mais informações a respeito do histórico da pandemia estão disponíveis em: <<https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19>>. Acesso em: 29/03/2021.

²² O boletim epidemiológico nº1 traz informações sobre o coronavírus no Brasil e no mundo, bem como as características do novo vírus. Disponível em: <<https://antigo.saude.gov.br/images/pdf/2020/fevereiro/04/Boletim-epidemiologico-SVS-04fev20.pdf>>. Acesso em: 29/03/2021.

²³ A origem do coronavírus ainda é desconhecida. Teorias e informações sobre a chegada desse vírus no Brasil estão disponíveis em: <<https://www.gndi.com.br/saude/blog-da-saude/como-surgiu-o-coronavirus>>. Acesso em: 29/03/2021.

De acordo com Nogueira e Mendes (2020), o nome “Sars-CoV-2” teria sido proposto pelo comitê internacional de taxonomia viral. Ainda segundo esses autores, o novo coronavírus possui uma cápsula lipoproteica, a qual contém uma proteína Spike, que tem a capacidade de se ligar fortemente à enzima ACE 2, encontrada comumente em células pulmonares humanas.

Albuquerque et al (2020) expõem que a COVID-19 se espalhou rapidamente pela China e, posteriormente, pelo resto do mundo. Com base ainda nesses autores, pode-se afirmar que o vírus que causa essa doença pode desencadear pneumonia grave e insuficiência pulmonar aguda, podendo, ainda, levar a óbito.

O novo vírus, encontrado em Wuhan, na província de Hubai, na China, apresenta semelhanças genéticas com o SARS, um outro vírus que teria saltado de morcegos para pangolins e destes para os humanos, por volta de 2002, bem como com o MERS-CoV, que teria saltado de morcegos para camelos e, deste último, para o homem no ano de 2012. Assim, tal fato fomentou a crença de que o Sars-CoV-2 possa ter semelhanças com esses vírus no que diz respeito à capacidade de transmissão e evolução^{24,25}.

Inicialmente, suspeitava-se que o novo coronavírus teria surgido em um mercado de frutos do mar em Wuhan; porém, esta hipótese foi descartada por pesquisadores chineses, os quais se basearam em estudos genéticos²⁶. Contudo, para muitos pesquisadores, essa é a teoria mais aceita. Há, ainda, uma outra possibilidade: a de que o vírus teria escapado de um laboratório em Wuhan, conforme evidenciada em uma reportagem exibida no programa *Fantástico*, da Rede Globo, no dia 06 de junho de 2021²⁷.

O primeiro boletim epidemiológico²⁸ sobre o coronavírus lançado pelo Ministério da Saúde do Brasil é datado de janeiro de 2020. Nele, podemos observar

²⁴ O estudo traz, de uma forma mais detalhada, a origem e as características do novo coronavírus. Disponível em: https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKewj1IJWg2K_uAhXyLLkGHXDHB-cQFjAAegQIARAD&url=https%3A%2F%2Fperiodicos.ufms.br%2Findex.php%2Fsameamb%2Farticle%2Fview%2F10321&usg=AOvVaw0aCDuit48UOX6iWWA3xQgt. Acesso em: 22/01/2021.

²⁵ Disponível em: < <https://periodicos.ufms.br/index.php/sameamb> > Acesso em: 22/01/2021.

²⁶ O novo estudo está disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/>> Acesso em: 22/01/2021.

²⁷ A matéria na íntegra está disponível em: <<https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2021/06/06/video-cientistas-investigam-hipoteses-sobre-a-origem-do-coronavirus-entenda.ghtml>>. Acesso em: 07/07/2021.

²⁸ Ver a nota de rodapé nº 17.

como estava a situação do mundo naquele momento, isto é, naquele mês. Até 27 de janeiro de 2020, com base nas informações da OMS, esse boletim expõe que haviam sido confirmados 2.798 casos do novo coronavírus no mundo, sendo que 2.761 (98,7%) foram notificados pela China. Ainda conforme o boletim, fora do território Chinês, haviam sido confirmados mais 37 casos de pessoas que apresentavam histórico de viagem para a China e Wuhan.

Entre os dias 03 e 27 de janeiro de 2020, o Centro de Informações Estratégicas de Vigilância em Saúde (CIEVS) foi responsável por analisar 7.063 rumores; destes, 127 rumores exigiram a confirmação da autenticidade juntamente ao Ponto de Contato Regional da Organização Mundial da Saúde para o Regulamento Sanitário Internacional. Ainda durante o mês de janeiro, entre os dias 18 e 27 de janeiro de 2020, a Secretaria de Vigilância em Saúde teria recebido a notificação de 10 casos, que estariam, possivelmente, relacionados à infecção do novo Coronavírus. Assim, todas as notificações foram recebidas, avaliadas, bem como discutidas, caso a caso, com as autoridades de estados e municípios. Dos 10 casos avaliados, somente 1 caso, notificado em 27/01/2020, se enquadrou na definição de caso suspeito. Os demais casos não teriam cumprido a definição sendo, portanto, excluídos (BRASIL, 2020, p. 02).

Conforme o segundo boletim epidemiológico²⁹, referente ao mês de janeiro e fevereiro, entre os dias 03 de janeiro e 07 de fevereiro de 2020, o CIEVS recebeu milhares de rumores (85.229), sendo que 624 foram analisados e, destes, 238 eram específicos acerca do novo coronavírus. Desse modo, 34 se enquadraram como casos suspeitos e apresentavam sintomas de febre, coriza, dor de garganta, fraqueza e dificuldade de respirar. O interessante é que 32 casos referiam ter ido à China, sendo que, dentre eles, 3 estiveram em Wuhan. Entre esses 34 casos suspeitos, 26 foram descartados e foram identificados os seguintes vírus: influenza B, influenza A, rinovírus, entre outros. O restante dos casos (8) continuou em investigação, aguardando o resultado laboratorial.

Os boletins epidemiológicos do Ministério da Saúde 3, 4, e 5 trouxeram novos casos suspeitos, porém ainda não haviam sido mencionados os casos confirmados.

²⁹ O boletim epidemiológico n° 2 relata apenas casos suspeitos, mas não confirmados e está disponível em: <<https://portalarquivos.saude.gov.br/images/pdf/2020/fevereiro/13/Boletim-epidemiologico-COEcorona-SVS-13fev20.pdf>>. Acesso em: 29/03/2021.

No boletim epidemiológico número 6³⁰, podemos observar que, até o início do mês de abril de 2020, no Brasil, havia mais de 9.000 casos confirmados (9.056). Além disso, até o dia 03 de abril foram registrados 359 óbitos no país. Ainda de acordo com este boletim, as maiores taxas de letalidade podiam ser observadas no Sudeste e Nordeste, seguido por Norte, Centro-Oeste e Sul, respectivamente.

No boletim epidemiológico nº 7³¹, é possível ter acesso a uma linha do tempo sobre o novo vírus no Brasil e no mundo. Nele, ainda encontramos o registro do primeiro caso confirmado de COVID-19 no país, com a data de 26 de fevereiro de 2020, conforme mostra a imagem abaixo:



Imagem 2- Linha do tempo do novo coronavírus no mundo: Disponível em:

<<https://portalarquivos.saude.gov.br/images/pdf/2020/April/06/2020-04-06-BE7-Boletim-Especial-do-COE-Atualizacao-da-Avaliacao-de-Risco.pdf>>. Acesso em: 22.11.2020.

O boletim nº 7 conta, ainda, com instruções para a realização da higienização adequada das mãos. Ademais, ele contém, também, a definição de distanciamento social, bem como os tipos e os objetivos das medidas de distanciamento. Entretanto, ao mesmo tempo em que algumas medidas foram implementadas, houve diversas declarações²¹ do Presidente Jair Messias Bolsonaro, bem como de seus apoiadores,

³⁰ O boletim epidemiológico traz os primeiros óbitos, bem como as orientações para o enfrentamento do vírus. Disponível em: <<https://portalarquivos.saude.gov.br/images/pdf/2020/April/03/BE6-Boletim-Especial-do-COE.pdf>>. Acesso em: 21/03/2021.

³¹ Outras informações sobre o coronavírus no país em abril de 2020 estão disponíveis em: <<http://www.cofen.gov.br/wp-content/uploads/2020/04/Boletim-07-MS-06-04-2020.pdf.pdf>>. Acesso em: 29/03/2021.

acerca do vírus, sendo que essas serão mencionadas nesta seção, e aprofundadas na próxima, quando falaremos do discurso político do Presidente.

Em 11 de março de 2020, foi publicada, no Diário Oficial da União (DOU)³², a portaria nº 356, que dispõe acerca da regulamentação e operacionalização do disposto na lei nº 13.979, de 6 de fevereiro de 2020, a qual estabelece as medidas direcionadas ao enfrentamento da emergência de saúde pública decorrente do coronavírus (COVID-19). Este documento foi publicado durante a gestão do primeiro-ministro do governo Bolsonaro, Luiz Henrique Mandetta. Além disso, tinha como objetivo regulamentar medidas não farmacológicas de prevenção ao novo vírus. No entanto, as decisões tomadas pelo Ministro parecem não corresponderem aos planos do principal representante do executivo brasileiro. Assim, em 15 de março de 2020 (domingo), ou seja, passados poucos dias da publicação do documento, o Presidente da República, Jair Bolsonaro (agora sem partido, pois se desfilou do PSL em novembro de 2019), deu entrevista à CNN Brasil. Nesta entrevista, Bolsonaro demonstrou-se inquieto e descontente com as medidas de prevenção e preocupações em torno do novo coronavírus, o que acabou *designando* como uma *histeria*. É interessante ressaltar que o Presidente foi entrevistado durante um encontro com manifestantes pró-governo, o que entendemos como um ato simbólico que contraria e deslegitima o saber médico-científico. Cabe mencionar que os médicos da Presidência haviam alertado o atual mandatário sobre os riscos de contágio³³.

Em entrevista à Rádio Bandeirantes, no dia 16 de março de 2020, Jair Bolsonaro debateu com o apresentador Datena a respeito da situação atual do Brasil, onde retornou a designar as medidas protetivas como *histeria*³⁴.

Já no dia 17 de março de 2020, em entrevista para a rádio Tupi, o Presidente retoma o uso da designação *histeria* ao se referir às medidas preventivas, sendo que estas últimas, para o político, prejudicariam muito a economia brasileira³⁵.

³² A portaria regula as medidas de isolamento e confere mais poder para os prefeitos e governadores decidirem acerca dessas medidas. Disponível em: <<https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-356-de-11-de-marco-de-2020-247538346>>. Acesso em: 29/03/2021.

³³ Em entrevista para a CNN, Bolsonaro fala em *histeria*. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2020/03/15/interna_politica,834482/em-entrevista-bolsonaro-critica-histeria-pelo-coronavirus.shtml>. Acesso em: 29/03/2021.

³⁴ Bolsonaro, em entrevista à rádio Bandeirantes, fala em economia e *histeria*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=M0za8MSO64>>. Acesso em: 29/03/2021.

³⁵ O Chefe do Estado defendeu que, uma vez infectado, o povo brasileiro criaria anticorpos, sendo que isso resultaria no término da pandemia. Disponível em:

No dia 24 de março de 2020, Jair Bolsonaro, em um pronunciamento oficial para rádio e televisão, questiona as medidas preventivas, designando-as como uma *histeria*. Além disso, questiona o fechamento de escolas, bem como minimiza o patógeno/a doença quando o(a) chama de “gripezinha”.

No dia 29 de março de 2020, ao interagir com fãs e apoiadores, bem como com alguns jornalistas, Bolsonaro tentou explicar a postura que estava adotando. Durante a entrevista para a Band News, o Presidente designa, novamente, os cuidados e as medidas preventivas como uma *histeria*. Outrossim, fala sobre a sua preocupação com a economia, amenizando com uma aparente preocupação com os brasileiros em relação ao desemprego³⁶.

Todas as entrevistas concedidas para a imprensa circulam amplamente, também, nas redes sociais. Em uma página do Facebook intitulada de “Todos contra o sistema”³⁷ são frequentemente disseminadas informações favoráveis ao Presidente, ao mesmo tempo em que ataques contra os ex-Presidentes Luís Inácio Lula da Silva e Dilma Vana Rousseff (PT) são proferidos, mas esse é apenas um dos inúmeros exemplos de apoio ao Presidente. Também são disseminadas informações de caráter duvidoso e desinformações, bem como ataques ao Supremo Tribunal Federal. Dito isso, convém refletirmos sobre o discurso do Presidente da República, mas, para isso, será necessário nos aprofundarmos em alguns aspectos referentes à vida pública do Chefe de Estado.

2.3 Notas sobre o discurso político de Jair Bolsonaro

Jair Messias Bolsonaro nasceu no dia 21 de março de 1955, na cidade de Glicério, em São Paulo²². Formou-se na Academia Militar das Agulhas Negras, em 1977. Anos depois, em 1988, o atual Presidente deu início à sua carreira política ao ser candidato para vereador na cidade de Rio de Janeiro, tendo sido eleito.

<<https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/03/17/bolsonaro-volta-a-falar-em-histeria-e-diz-que-aco-es-de-governadores-sobre-isolamento-prejudicam-a-economia.ghtml>>. Acesso em: 08/02/2022.

³⁶ Bolsonaro, em entrevista para a Band News, fala em desemprego, critica a imprensa e retoma a designação *histeria*. Disponível em: <<https://bandnewstv.band.uol.com.br/videos/16780555/jair-bolsonaro-volta-a-falar-em-histeria>>. Acesso em: 29/03/2021.

³⁷ Nessa página são disseminados ataques contra o Supremo Tribunal Federal, bem como são feitas publicações de cunho machista, homofóbico, etc. Além disso, apoio e elogios ao atual Presidente são realizados/publicados constantemente. Disponível em: <<https://www.facebook.com/todoscontraosistema36>>. Acesso em: 29/03/2021.

Em 1990, conquistou o primeiro dos sete mandatos consecutivos no cargo de Deputado Federal e, em 2014, de acordo com o site oficial do Presidente, foi o candidato mais votado na disputa pela Câmara Federal, totalizando 464.565 votos, segundo os dados do Tribunal Superior Eleitoral.

Piovezani (2020) destaca alguns fatores que favoreceram o reconhecimento de Jair Bolsonaro no âmbito político: defesa de seus aliados com unhas e dentes, ataques a concorrentes políticos, recusa de prerrogativas, bem como a divulgação da imprensa dessas ações praticadas por ele. Ainda de acordo com esse autor, na Academia Militar de Agulhas Negras, Bolsonaro demonstrava mais aptidão para atividades físicas do que intelectuais, tendo em vista o alto nível das disciplinas. Com isso, esse teórico destaca que:

Os reforços positivos dessa sua disposição física e as dificuldades enfrentadas no plano intelectual provavelmente contribuíram para que se instalasse mais ou menos precocemente em Bolsonaro o que vimos ser um dos traços do programa pedagógico de Hitler e um dos traços de predileção pelo preparo físico e pelas ações, em detrimento da reflexão, da formação intelectual e dos conteúdos filosóficos e científicos, que ficam relegados a um último plano e são concebidos com desconfiança e desprezo (PIOVEZANI, 2020, p.150).

A citação acima é de extrema relevância, pois permitirá que compreendamos melhor sobretudo a parte analítica do presente estudo, tendo em vista que, embora disperso no tempo e no espaço, de acordo com Orlandi (2001b), os discursos reproduzem sentidos consolidados sobre algo ou alguém. Dando sequência à compreensão do discurso de Jair Bolsonaro, devido às condições sócio-históricas e ideológicas desse pronunciamento e, também, do trabalho produzido, consideramos essencial citarmos o estudo de Ernst, Silva e Vieira (2019), o qual tomou como materialidade discursiva um vídeo a respeito do primeiro pronunciamento de Jair Bolsonaro enquanto Presidente, na cidade de Rio de Janeiro, aparentemente na sala da residência do Presidente.

O vídeo, conforme mencionado, trata-se de um pronunciamento, realizado pelo Presidente eleito, como é comum acontecer quando o resultado de qualquer pleito é considerado oficial e os candidatos, vencedores e perdedores, precisam se manifestar. Nele, o mandatário, com base nas autoras, fez uso de saberes de uma formação discursiva cristã articulados com saberes provenientes de uma outra formação discursiva, designada, pelas autoras, de extrema-direita.

Mobilizando as noções teóricas da Análise de Discurso Materialista, as pesquisadoras chegaram à conclusão de que, devido ao uso de mecanismos simbólicos, oriundos de elementos linguísticos e espaciais, os quais configuram imageticamente o vídeo do pronunciamento, o discurso político de Jair Messias Bolsonaro reproduz um efeito de simulação, tendo em vista que, ainda com base nas teóricas, o discurso religioso serviu como base para legitimar e produzir uma certa “aceitação” do discurso político.

Em consonância com a análise desenvolvida em Ernst, Silva e Vieira (2019), Curcino (2019) expõe que o primeiro pronunciamento do Presidente atual ocorreu sob a forma de uma live, que teria sido gravada na sala de seu apartamento na cidade do Rio Janeiro, ao lado de sua esposa, bem como de uma intérprete de LIBRAS. Para essa mesma autora:

Esse **gesto simbólico** de rompimento com o protocolo oficial vinha corroborar com a **imagem**, diversas vezes proferida e reiterada ao longo de sua campanha, de outsider em relação à “**velha política**”, apesar de sua longa e inexpressiva carreira como parlamentar. Essa estratégia de comunicação política obteve um sucesso imprevisto por parte de muitos setores da sociedade brasileira. A produção e divulgação virtual desses vídeos “amadores”, de **ampla circulação nas redes sociais**, compuseram o carro-chefe de sua campanha [...] (CURCINO, 2019, p. 470, grifos nossos).

Como observado na citação, as expressões *gesto simbólico*, *imagem*, *velha política* e *ampla circulação nas redes sociais* são de extrema relevância, pois consideramo-las como referentes às condições de produção do discurso (CP), conforme preconizado pela teoria da Análise de Discurso. Assim, entendemos a expressão “gesto simbólico” a partir de Orlandi (2001a).

De acordo com essa última autora, diante de qualquer objeto simbólico, o sujeito não pode deixar de significar, sendo levado a dizer o que “isto ou aquilo quer dizer”. A questão da interpretação coloca em cena o sujeito, pois, ainda de acordo com a pesquisadora, o sujeito é a interpretação, isto é, ao significar ele significa a si mesmo. Nesse sentido, a partir da visão de Orlandi (2001a), consideramos que, ao dizer, todo e qualquer sujeito se coloca no domínio do simbólico, sendo sujeito aos diferentes gestos de interpretação. Essa informação é muito importante para, posteriormente, entendermos como Jair Bolsonaro, interpelado por uma dada formação discursiva, ao se expressar de um modo e não de outro, reproduz certos

sentidos referidos a um discurso próximo ao fascismo. Dessa forma, a Análise de Discurso considera que o sujeito, para significar, é submetido ao domínio do simbólico.

A noção de imagem citada anteriormente também nos é relevante, pois, na AD, esta noção encontra-se relacionada às formações imaginárias³⁸, propostas por Michel Pêcheux. Na citação de Curcino (2019), podemos perceber que a autora considera esta noção vinculada ao gesto simbólico. Com base nisso, consideramos pertinente falarmos de processo discursivo, tendo em vista que, em um dado discurso, não podemos delegar a formação de uma determinada imagem ao “acaso”.

Em AAD69, Michel Pêcheux ([1969] 1997) defende que o estudo dos processos discursivos supõe duas ordens de pesquisa: a primeira ordem é de natureza linguística, isto é, trata-se da observação das variações semânticas, retóricas e pragmáticas, tendo em vista o fundo invariante da língua. A segunda ordem refere-se ao estudo da ligação das condições de produção de um discurso em relação ao seu processo de produção.

Em um outro momento de seu texto, Pêcheux (1969 [1997]) argumenta que um discurso mantém relações de sentido com outros discursos, seja essa relação direta ou indireta. Assim, na visão pecheutiana, o processo discursivo não teria um começo, isto é, uma origem; porém, um determinado discurso é conjugado sobre um outro anterior, sendo que este último, nas palavras do autor, recebe o papel de “matéria-prima”. Dessa maneira, podemos concluir que o processo discursivo³⁹, na concepção discursiva, tem como característica o fato de ser perene, ou seja, não está presente em um dado momento da história, mas o transcende.

A “velha política”, por sua vez, assume, neste contexto, a função de referente. Com isso, defendemos, que todo o discurso trata de algo, mas não nos referimos aqui da relação entre discursos mencionada previamente, embora isso seja pressuposto. Dessa forma, “velha política” refere-se ao tema do enunciado de Curcino (2019): a política. Nesse sentido, concordamos com a autora que o atual Presidente da República tinha/tem como objetivo instaurar uma nova política que, conforme veremos

³⁸ As formações imaginárias são entendidas, de acordo com esta teoria, como um conjunto de representações no discurso. Para melhor exemplificar esta noção, Michel Pêcheux utiliza um exemplo baseando-se na esfera econômica. Assim, no discurso, o que interessa não são os traços objetivos, que podem ser descritos pela sociologia, mas as representações que cada interlocutor faz de si, bem como do outro e do objeto do qual fala

³⁹ Conforme Pêcheux ([1975] 2014), os processos discursivos envolvem relações de classes, as quais são materializadas através da unidade da língua.

ao longo do trabalho, parece favorecer a algumas classes em detrimento de outras. Tal política estaria em contradição ideológica com aquela proposta pelo Partidos dos Trabalhadores, por exemplo.

Por fim, antes de voltarmos à discussão acerca do estilo discursivo do Presidente, gostaríamos de retomar algumas considerações de Orlandi (2001b) para debatermos sobre a expressão “ampla circulação nas redes sociais” exposta, também, no enunciado de Curcino (2019).

Assim como a constituição e a formulação, a circulação também é de extrema importância na produção de sentidos (ORLANDI, 2001b, p. 150). Dessa forma, podemos inferir que os meios pelos quais os discursos circulam fazem, pois, parte das condições de produção do discurso. Tendo realizado este percurso teórico, voltaremos ao assunto desta seção: o discurso político do Presidente Jair Messias Bolsonaro.

Frigo e Dalmolin (2017) realizaram uma pesquisa acerca dos discursos de ódio presentes no campo midiático. O foco dos autores recai sobre a análise do discurso de Jair Bolsonaro durante a abertura do processo de impeachment da ex-Presidenta Dilma Vana Rousseff. De acordo com os autores:

No Brasil, atualmente, é visível a ascensão do conservadorismo político entrecruzado com o fundamentalismo religioso. Aos poucos, a direita liberal foi garantindo a liderança em espaços políticos utilizando a violência, mesmo que simbólica, como estratégia de afirmação neste campo. Pautada por valores morais e na concepção tradicional de família heteronormativa, ela reivindica o direito à livre expressão mesmo que isso, no contexto contemporâneo, seja considerado incitação ao ódio (FRIGO; DALMOLIN, 2017, p. 07).

Para entendermos o motivo pelo qual os autores afirmaram que o conservadorismo, bem como o fundamentalismo religioso, está garantindo espaço político à direita, precisamos recorrer aos dizeres de Jair Bolsonaro durante a votação para o processo de impeachment da ex-Presidenta Dilma, em 2017⁴⁰:

⁴⁰ Indursky (2019), em seu texto “Que sujeito é este?”, analisa os discursos dos deputados, quando da votação para a continuidade do “processo de impeachment” da ex-Presidenta Dilma Rousseff. A autora concluiu que, ao votar a favor, o então deputado Jair Messias Bolsonaro faz uso de uma formulação perversa ao homenagear Carlos Brilhante Ustra, um torturador do tempo da ditadura. Tal formulação está materializada através de uma incisa (“o pavor de Dilma Rousseff”). Ainda segundo essa teórica, essa formulação está relacionada ao desejo de fazer sofrer (o outro) e, assim, obter prazer (INDURSKY, 2019, p. 86).

Nesse dia de glória para o povo brasileiro, tem um nome que entrará para história nessa data, pela forma como conduziu os trabalhos nessa casa, parabéns Presidente Eduardo Cunha. **Perderam em 64, perderam agora em 2016.** Pela **família** e pela inocência das crianças em sala de aula que o **PT** nunca teve, contra o **comunismo**, pela nossa liberdade, contra o Foro de São Paulo, pela memória do coronel **Carlos Alberto Brilhante Ustra**, o pavor de Dilma Rousseff, pelo exército de Caxias, pelas nossas forças armadas, por um Brasil acima de tudo e por Deus acima de todos, o meu voto é sim (BOLSONARO, 2016, grifos nossos).

A primeira expressão em destaque, como muitos podem supor, diz respeito ao golpe militar de 1964. Com base em Bandeira (2014), podemos expor que praticamente todos os golpes de estado na América Latina, ao longo das décadas de 1960 e 1970, possuem influência da política internacional, mais ainda do que da política nacionalista. Ainda com base nesse autor, temos que a intervenção das forças armadas teve como finalidade transformar as diretrizes com as políticas exteriores, assim como ditar decisões diplomáticas, atendendo aos interesses dos Estados Unidos da América.

A respeito de Carlos Alberto Brilhante Ustra, homenageado por Bolsonaro, Teles (2016) evidencia que ele (Ustra) comandou o famigerado DOI-Codi de São Paulo, entre os anos de 1970 e 1974. De acordo com informações da Arquidiocese de São Paulo, no período em que Ustra esteve à frente desse órgão, ocorreram 40 mortes em 40 meses, além das denúncias de torturas a cada 60 horas. No ano de 2008, Carlos Alberto Brilhante Ustra se tornou o primeiro militar a ser reconhecido como torturador pela justiça brasileira⁴¹. Dito isso, retornaremos aos enunciados, bem como às características do discurso do Presidente a fim de que não desviemos do foco.

Trabalhos recentes no âmbito da AD analisam o discurso de Bolsonaro. Vinhas (2021), ao analisar um enunciado de Bolsonaro, chegou à conclusão de que o Presidente se filia a uma formação discursiva conservadora, a qual coloca em circulação saberes da extrema-direita. O enunciado analisado pela teórica foi proferido pelo chefe de Estado no dia 25 de abril de 2019, durante um café da manhã com

⁴¹ Informações sobre a história e a vida de Carlos Brilhante Ustra estão disponíveis em: <https://www.googleadservices.com/pagead/aclk?sa=L&ai=DChcSEwjYnNPRhtHxAhVFgZEKHRVOAuoYABAJGgJjZQ&ae=2&ohost=www.google.com.br&cid=CAESP-D2L9a54xTkvNIFS7cgPLVxEeqkAcOn_wUIT_dNAmDgkmM2KVX_4OYCckl9zYgUyQr7KX45nWpbvsgrjgbalA&sig=AOD64_0Z63XVnrgNeJwqQc8n8OZ6YzLdKg&q&nis=1&adurl&ved=2ahUKEwjQ9cvRhtHxAhVlrJUCHQ6RC2MQ0Qx6BAgEEAE>. Acesso em: 22/01/2021.

jornalistas. O enunciado consiste na seguinte declaração: “Quem quiser vir aqui fazer sexo com mulher, fique à vontade, mas não pode ficar conhecido como paraíso do mundo gay aqui dentro. Temos famílias”.

A partir das paráfrases geradas com base na formação discursiva de referência supracitada, a teórica pôde designar tal formação como conservadora, isto devido a saberes colocados em circulação por essa formação discursiva. Além disso, Vinhas (2022), ao refazer o processo discursivo com base no suporte teórico-analítico da Análise de Discurso, chegou à conclusão de que o enunciado reproduz um discurso autoritário, tendo em vista que autoriza a prática do sexo heterossexual ao passo que proíbe o sexo homossexual. Da mesma forma, a autora observou que é reproduzida a violência de gênero e o estereótipo de que o Brasil é o país do “turismo sexual”.

Em um outro estudo empreendido por Vinhas (2020), a pesquisadora analisa dois enunciados referentes a duas tragédias históricas no país: o incêndio no Museu Nacional, ocorrido em setembro de 2018, e o alto número de pessoas que morreram por conta da pandemia causada pelo novo coronavírus no Brasil. A resposta do atual Presidente nas duas ocasiões foi a mesma: apesar de ter o nome de messias, não podia/tinha que fazer milagres. Entendemos que esta pesquisa foi de extrema importância, sobretudo para este estudo, pois evidenciou a presença de uma formação discursiva neoliberal, sistema este que já discutimos. Ao longo da análise, através da exposição da autora, fica evidente que se trata de um processo de subjetivação calcado em um imaginário de si. A noção de o que é um messias é deslocada do domínio religioso e realocada em um outro domínio, que, ainda conforme Vinhas (2020), autoriza o vínculo com uma outra rede de saberes, o que a autora designa como saberes da “destruição”.

Rodrigues et al (2020), ao analisarem esse episódio em que Bolsonaro se referiu a si próprio enquanto “messias”, o consideram em relação a outros como: “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos” e “Estados Unidos acima de tudo. Brasil acima de todos”. Dessa forma, os teóricos consideraram a relação parafrástica existente entre Messias, Brasil e Deus. Assim, os autores puderam chegar à seguinte paráfrase: “Messias acima de tudo, Messias acima de todos” (RODRIGUES et al, 2020, p. 316).

No entanto, conforme observado pelos estudiosos, essa paráfrase possui outros desdobramentos, conforme a formação discursiva em que ela se encontra:

“Bolsonaro acima de tudo, Bolsonaro acima de todos” (RODRIGUES et al, 2020, p. 316). Esse estudo evidencia como os dizeres sofrem desdobramentos, isto é, o sentido não é fechado em si, mas sempre sofre deslize, deslocamentos, pois está sujeito ao equívoco. Posto isso, continuaremos com as considerações de Cohn (2020) que, de uma perspectiva sociológica, tece algumas considerações acerca dos enunciados do Presidente.

Ao percorrer as trajetórias de construção, assim como de desconstrução das políticas sociais até o ano de 2020, esta última autora cita algumas declarações dadas pelo atual gestor, Jair Messias Bolsonaro: (i) “Os caras vão morrer na rua igual barata, pô. E tem que ser assim”; (ii) “Ideologia de gênero é coisa do capeta”; (iii) “Sou o capitão motosserra”; (iv) “Todo mundo gostaria de passar a tarde com um príncipe. Principalmente vocês, mulheres”; (vi) “Quilombola não serve nem para procriar”; e (vii) “Enquanto eu for presidente, não tem demarcação de terra indígena”.

Tais declarações fazem parte de um repertório muito grande, do qual não pretendemos dar conta neste trabalho, devido aos objetivos que pretendemos alcançar. Sendo assim, por ora, acreditamos ser pertinente acrescentarmos a posição de Cohn (2020, p. 130) a respeito de tais declarações

Esse cardápio, frugal diante da extensão de possibilidades de escolha apresentadas, demonstra que os direitos fundamentais e sociais dos cidadãos no país estão na mira de um ataque mortal, abarcando a gama das diversidades das situações sociais e suas distintas identidades. Não basta atualmente distinguir entre pobres e não pobres, pois os crivos sociais da diversidade constituem os alvos do combate ao que não for considerado de forma estrita pelo segmento dos mandatários atuais como “normalidade” social. A questão para análise que se apresenta como desafio é buscar delinear a natureza dessa avalanche destrutiva das conquistas sociais do país, a partir de 2019, que sucede um período da jovem democracia brasileira em que a concretização dos direitos dos cidadãos contemplados na Constituição de 1988 avançou de forma significativa, sobretudo a partir de 1995 (governos Fernando Henrique Cardoso), e mais acentuadamente a partir de 2003 (governos Luiz Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff). O que foge à normalidade imperativa dos governantes coincide, em sua maioria, com os segmentos pobres e negros da sociedade, bem como com os grupos LGBTQI+, quilombolas e indígenas, que “se atrevem” a estarem assentados em terras ricas em minério e florestas, e que ousam, tais como aqueles, contar com o direito constitucional às suas terras.

Concordamos com as considerações da autora em relação aos ataques dirigidos aos direitos fundamentais e sociais que vêm ocorrendo. Entretanto, reconhecemos que, por não trabalhar com a Análise de Discurso, a pesquisadora tem

uma visão diferente acerca da noção de “ideologia”. Dessa forma, gostaríamos de explicitar, com base em uma perspectiva pecheutiana, o modo como essa noção é tratada na AD.

De acordo com Pêcheux ([1975] 2014), um dos efeitos da ideologia resulta na “transparência da linguagem”, pois ela (a ideologia) fornece evidências, as quais fazem com que uma palavra ou enunciado queiram dizer o que realmente dizem e que mascaram, assim, sob a transparência da linguagem, aquilo que chamaremos o caráter material do sentido das palavras e dos enunciados.

É essa visão pecheutiana que nos autoriza a expor que a escolha de certas formulações, bem como os sentidos que elas produzirão, dependerá da relação do sujeito com a ideologia. Nesse caso, interpretamos que Cohn (2020), ao se referir a um “cardápio”, o qual sustentaria inúmeras possibilidades de escolha, representa o esquecimento ideológico enunciativo, isto é, o esquecimento nº 2⁴² ao qual Pêcheux ([1975] 2014) se referiu.

As considerações realizadas, ao longo desta seção, foram importantes para entendermos que a ideologia e a língua se encontram materializadas no discurso, ou melhor, que é o processo discursivo que possibilita o encontro entre a ideologia e a língua. Além disso, foi possível observar que, nos enunciados de Bolsonaro, temas como o nacionalismo e religião se misturam em discursos que parecem reproduzir a violência contra certos grupos, institucionalizada em nossa sociedade. Entretanto, esperamos que, com o desenvolver desse estudo, tais pontos sejam esclarecidos à medida que novas noções da teoria forem sendo incorporadas e explicadas. Tendo exposto isso, partiremos para a discussão sobre o *corpus*, o qual será analisado no capítulo IV. Para tanto, nos valeremos das contribuições de Courtine (2009) e de Orlandi (2001b).

2.4 A constituição do *corpus* da pesquisa

⁴² O esquecimento nº 2, de acordo com Pêcheux ([1975] 2014), é aquele que mantém relação com enunciado, com aquilo que é selecionado, mas que poderia ser reformulado de outra maneira, com base em uma determinada formação discursiva.

Uma vez apresentadas as condições de produção do *corpus* de análise, acrescentaremos algumas informações imprescindíveis para que a leitora ou o leitor possa compreender de forma mais ampla em que contexto o situamos.

No dia 15 de março de 2020, pela rede social Twitter, Rodrigo Maia criticou a ida de Jair Bolsonaro em uma manifestação em prol do governo e contrária ao Supremo Tribunal Federal. Assim, Maia afirmou que: “o Presidente da República ignora e desautoriza o seu ministro da Saúde e os técnicos do ministério, fazendo pouco caso da pandemia e encorajando as pessoas a sair às ruas”, classificando a atitude como “um atentado à saúde pública que contraria as orientações do seu próprio governo”⁴³. É nesse mesmo dia que Jair Messias Bolsonaro utiliza o termo *histeria* para designar as medidas preventivas.

Tal declaração por parte do Presidente da Câmara à época, Rodrigo Maia, gerou uma série de outras declarações de Jair Bolsonaro, sendo que uma se deu no dia 16 de março de 2020, na qual o Presidente da República designou, novamente, as medidas de prevenção ao novo coronavírus, adotadas pelo então Ministro da Saúde, Luiz Henrique Mandetta, como uma *histeria*.

A forma com que o Presidente designou tais medidas despertou um especial interesse em analisar esses enunciados. Assim, ainda durante o mês de março de 2020, outros enunciados com a mesma designação foram proferidos pelo Presidente em diferentes meios de comunicação, entre eles a cadeia nacional de rádio e televisão. Dessa forma, para a construção do *corpus* de pesquisa nos amparamos, em um primeiro momento, nas considerações de Courtine (2009). Para esse autor, um *corpus* discursivo consiste em um “conjunto de sequências discursivas, estruturado segundo um plano definido segundo um certo estado de CP [condições de produção] do discurso” (COURTINE, 2009, p. 54).

O nosso *corpus* foi constituído com base em três episódios ocorridos ao longo do mês de março de 2020, embora tenham sido registradas cinco situações nas quais o Presidente emprega o termo *histeria*. O primeiro episódio é datado do dia 15 de março; o segundo ocorreu no dia 16 de março; e o último aconteceu no dia 24 de março. De cada um desses episódios, foram extraídos segmentos, que serão tratados

⁴³ A declaração de Maia está disponível em: <<https://paginadoestado.com.br/maia-critica-ida-de-bolsonaro-a-manifestacao-e-diz-que-ele-contraria-orientacao-do-seu-proprio-governo/>>. Acesso em: 27/01/2021.

como sequências discursivas, organizadas em recortes discursivos. Em seu texto “Segmentar ou Recortar”, Orlandi (1994, p. 14) expõe que “o recorte é uma unidade discursiva. Por unidade discursiva entendemos fragmentos correlacionados de linguagem-situação”. Nesse sentido, um recorte discursivo não está preso a uma estrutura linguística como um “segmento” está. Dito isso, convém expor como nosso *corpus* encontra-se organizado.

Em um primeiro momento, transcrevemos as sequências⁴⁴, sendo que estas, segundo o nosso critério de análise, deveriam atender os nossos três gestos analíticos: a análise da construção do imaginário sobre o vírus, sobre a construção da imagem de si no discurso do Presidente e a análise sobre a significação da designação *histeria*. É preciso salientar que os dois primeiros gestos servem para subsidiar a nossa análise sobre a designação, o que implica dizer que os três gestos mantêm relação entre si. As principais questões levantadas são: (i) De que forma os acontecimentos relacionados à pandemia se encontram significados no discurso do Presidente da República, no mês de março? (ii) Como a designação é tratada no âmbito discursivo?; e (iii) Quais os efeitos de sentido que a recorrência da designação *histeria* produz?

Os questionamentos levantados pela análise exigiram a construção de um dispositivo analítico, o qual será explicitado melhor posteriormente. Em um primeiro momento, fizemos uso da noção de excesso, proposta por Ernst (2009), como parte desse dispositivo. Para a autora, a noção de excesso consiste em uma estratégia discursiva, caracterizada pelo que está presente no discurso de forma demasiada. Assim, segundo ela, podemos e devemos estar atentos às repetições de incisas, palavras, expressões e orações, por exemplo. Ainda conforme Ernst (2009), tal uso pode ser definido como um acréscimo necessário para o sujeito a fim de que certos efeitos de sentidos sejam estabilizados.

Posto isso, passaremos para a discussão dos episódios sobre os quais nossas análises tratarão. Dessa forma, a fim de situarmos o(a) nosso(a) leitor(a) a respeito da ordem cronológica dos acontecimentos, produzimos uma linha do tempo, representada pela imagem abaixo:

⁴⁴ As sequências discursivas foram nomeadas conforme a ordem de aparecimento e a ordem dos episódios. Assim, temos a SD1-E1, SD2-E1; SD1-E2, SD2-E2, etc.



Imagem 3: Principais eventos e episódios relacionados à pandemia

Fonte: O autor do estudo

O primeiro episódio⁴⁵ diz respeito a uma entrevista concedida à CNN, onde observamos, pela primeira vez, a utilização da designação *histeria*, o que não significa

⁴⁵ A transcrição completa do primeiro episódio está disponível no anexo II.

que esse termo não tenha aparecido anteriormente. Em virtude disso, vale lembrar que, na AD, reconhecemos a existência da incompletude, que se estende ao sentido e ao sujeito. Não pretendemos dar conta de tudo o que está relacionado ao Presidente, nem mesmo de todas as vezes em que ele utilizou a designação *histeria*. Um exemplo dessa impossibilidade diz respeito a um episódio, o qual não será mencionado nas análises em virtude de não termos tido acesso na íntegra. Esse episódio diz respeito a uma entrevista, ocorrida no dia 17 de março de 2020, à rádio Tupi, na qual Jair Messias Bolsonaro retoma a designação *histeria*⁴⁶.

Também é importante referir aqui que, no dia 29/03/2021 o Presidente Jair Messias Bolsonaro, saiu às ruas de Ceilândia-DF, onde se aglomerou com seus apoiadores e retornou a designar como *histeria* as medidas de preventivas e a preocupação com o vírus. Apesar de esse episódio dizer respeito à designação *histeria*, não o transcrevemos devido ao fato de que o material encontrado não dispõe de muitas informações, o que dificultaria a sua análise.

O segundo episódio⁴⁷ que compõe o *corpus* é concernente a uma entrevista à rádio Bandeirantes, comandada pelo jornalista e apresentador José Luiz Datena, em que o atual mandatário discorre sobre a economia, bem como sobre a saúde no Brasil.

O terceiro e último⁴⁸ episódio trata-se de um pronunciamento oficial, no dia 24 de março de 2020, concedido à cadeia de rádio e televisão, conforme evidenciado na imagem abaixo:



⁴⁶ Este seria o terceiro episódio analisado no presente trabalho; no entanto, devido à impossibilidade de ser ter acesso à referida entrevista, não foi possível trazê-lo para as análises

⁴⁷ A transcrição completa do segundo episódio está disponível no anexo II.

⁴⁸ A transcrição completa do terceiro episódio está disponível no anexo III.

Imagem 4: Pronunciamento oficial do Presidente da República.

No período em que esse pronunciamento foi divulgado, havia uma rápida ascendência dos casos de Covid-19, aliada à falta de informações confiáveis, tendo em vista que muitos estudos estavam em sua fase inicial, sobretudo no Brasil.

Por fim, é imprescindível mencionarmos que as sequências discursivas extraídas desses episódios não estão dispostas pela ordem dos episódios, dado os recortes discursivos realizados. Ou seja, as sequências concernentes ao primeiro episódio, por exemplo, podem aparecer juntamente às sequências do segundo ou do terceiro episódio. Para fins didáticos, nomearemos essas sequências por ordem numérica que correspondem ao aparecimento delas tanto no arquivo como no episódio. Sendo assim, teremos a “SD1-E1”, que significa a primeira sequência discursiva (SD1) é referente ao primeiro episódio (E1) e, assim sucessivamente. Os recortes discursivos, bem como as sequências discursivas serão apresentadas em (01), (02) e (03):

(01) Recorte Discursivo 1 – referente imaginário sobre o vírus.

SD1-E1: “Na quinta-feira, fiz um pronunciamento, onde falei que esse movimento tinha que ser repensado porque tem um fato novo aí no mundo, o vírus, o vírus, o coronavírus, **que pode realmente ser fatal para pessoas debilitadas ou pessoas idosas**”⁴⁹.

SD2-E2: As pessoas com deficiência ou as pessoas mais idosas que tem deficiência, **obviamente**, até pela idade, podem vir a óbito até porque **uma gripe outra qualquer** leva a óbito.

SD3-E2: **Atinge mais aos idosos, mas por que os idosos? Porque é natural, Datena.** A gente vai pegando uma idade, a gente vai ficando mais fraco, a gente vai ter outros problemas, o cara perde um rim, o cara tem problemas mais variados possíveis.

SD4-E3: No meu caso particular, pelo meu histórico de atleta, caso fosse contaminado pelo vírus, não precisaria me preocupar, nada sentiria ou seria, quando

⁴⁹ Todos os grifos presentes nas sequências são nossos. Os elementos grifados serão importantes no momento do desenvolvimento das análises.

muito, acometido por uma **gripizinha ou resfriadinho**, como bem disse aquele conhecido médico, daquela conhecida televisão.

(02) Recorte Discursivo 2 – imaginário de si no discurso de Jair Bolsonaro.

SD5-E1: Passei de carro, não parei e depois, fui para a presidência da república e ali de dentro da presidência o povo se aglomerou na frente e eu fui **conversar com o povo**, tirei fotografias, trocamos ideias, informações.

SD6-E2: Agora, eu resolvi **apertar a mão do povo**, escuta aqui, eu não convoquei o povo para ir para as ruas e isso é um direito meu, afinal de contas eu **vim do povo**, você bem disse, **eu venho do povo brasileiro**.

SD7-E2: Eu tenho a obrigação, a moral de **atender a população**.

SD8-E2: Eu sou **escravo**, quase escravo, da **vontade popular**

SD9-E2: eu tô **sozinho** em um canto, **sozinho** em um canto, **apanhando de todo mundo**, grande parte da mídia, não são todos tá?

SD10-E2: Estou fazendo a minha parte, agora repito: querer **jogar nas minhas costas**, uma possível disseminação do vírus, tendo em vista eu ter ido cumprimentar alguns aqui, que tinha algumas centenas, apenas, na frente da... da presidência da república, muito menos gente do que estava na Oca do Parque do Ibirapuera...ah isso daí, beira, no meu entender, não é da tua parte não, mas beira, beira, beira a uma politicagem, a mais, a mais, a mais arteira possível.

SD11-E2: É uma **carga enorme pra cima de mim**. Mexe com a minha família toda, toda.

SD12-E2 Você sabe qual foi o único deputado que discursou contra ela? Foi eu. Ninguém mais ninguém discursou contra. **Apanhei** feito um cão danado por vários dias, em especial na rádio CBM. **Não me deram espaço** pra dizer porque eu tava contra esse projeto.

SD13-E2: Agora, as mídias sociais bate nele, **bate em mim**, bate em você também, bate em todo mundo.

SD14-E2: E tudo que eu poderia interferir, **vem pancada em cima da gente** o tempo todo, como se o grande responsável por tudo que acontece de errado, no Brasil, sou **eu apenas**, tá?

SD15-E2: Então essas questões, não tem nada demais o governador falar: olha, o ICMS sempre foi dessa maneira, sempre foi assim, vamos ver o que a gente

pode fazer. E **não atacando**, fazendo abaixo assinado, **vinte governadores contra o Jair Bolsonaro**.

SD16-E2: Eu tô quinze meses calado, **apanhando, apanhando, apanhando, apanhando** calado.

SD17-E2: Eu **sou atacado** por essa banda da imprensa, né, não é todo mundo, vinte quatro horas por dia, o tempo todo fake news.

SD18-E2: O Brasil tava mergulhado na crise ética, moral e econômica. **Nós** começamos a recuperar.

SD19-E2: Então tem muita coisa **que eu tô evitando que o povo gaste**, cortando né... é... cortando práticas anteriores ao meu governo, isso desagrada muita gente.

SD20-E2: estou consciente **da minha responsabilidade**, devo lealdade ao povo brasileiro, vou continuar sendo leal ao povo brasileiro, **se tiver que sair às ruas, eu saio às ruas**, não vou convocar, continuo achando que tem que evitar ajuntamento de pessoas, mas o vírus é uma realidade.

SD21-E2: Eu **tenho poder** de veto, tem uma coisa, **eu interfiro** em qualquer ministério, **até da economia que é o mais forte, o mais fraco** que é da Damares, **da mulher ali**, que tem o menor orçamento. Tenho esse poder de interferir, interfiro. Se tiver que interferir na justiça, que é o do Sérgio Moro, eu vou interferir e ponto final. Agora, **esse é o meu papel**, por isso que o Brasil tá dando certo.

(03) Recorte Discursivo 3 – o funcionamento discursivo da designação *histeria*.

SD22-E1: Devemos respeitar, tomar as medidas sanitárias cabíveis, mas não podemos entrar em uma **neurose** como se fosse o fim do mundo.

SD23-E1: “Com toda a certeza há um interesse econômico envolvido nisso tudo para que se chegue a essa *histeria*. No passado, 2009/2010, tivemos uma crise semelhante, foi outra, outro problema aqui no mundo, mas aqui é o Brasil e era o PT que tava no governo e os Estados Unidos eram os democratas e a reação não foi essa que está havendo, não foi nem sequer perto dessa que está acontecendo hoje em dia, aqui no mundo todo”.

SD24-E1-Quando você proíbe jogo de futebol entre outras coisas, você tá partindo para o **histerismo**, no meu entender, e eu não quero.

SD25-E1: “Devemos tomar providência porque pode sim, transformar em uma questão bastante grave a questão do vírus no Brasil, mas sem **histeria**, a economia tem que funcionar, porque não podemos, não podemos ter uma onda de desemprego no Brasil”.

SD26-E2: “Tudo continua funcionando no Brasil. Tudo. Tá havendo uma **histeria**. Se você acaba com (), quando você proíbe em jogos de futebol, não vou entrar em detalhes, não sei com profundidade porque a CBF está discutindo a respeito da posição deles aí... Agora quando você vai falar de futebol, o cara que vende aí, o chá mate aí... nas arquibancadas, não vai vender mais, o cara que toma conta lá fora de carro, não vai tomar conta mais disso”.

SD27-E3: Mas, o que tínhamos que conter naquele momento **era o pânico, a histeria** e ao mesmo tempo, traçar a estratégia para salvar vidas e evitar o desemprego em massa. Assim fizemos quase contra tudo e contra todos.

SD28-E3: O cenário perfeito, potencializado pela mídia, para que **uma verdadeira histeria** se espalhasse pelo nosso país.

SD29-E3: **Sem pânico ou histeria**, como venho falando desde o princípio, venceremos o vírus e nos orgulharemos de estar vivendo nesse novo Brasil, que tem tudo, sim, tudo pra ser uma grande nação. Estamos juntos, cada vez mais unidos.

Como vimos, cada recorte trará um tema específico, isto é, no primeiro, nos concentraremos em analisar a imagem sobre o vírus; no segundo, a imagem que o Presidente faz de si; e, no terceiro, a imagem constituída sobre as medidas preventivas, sendo que todas elas estarão relacionadas ao nosso objetivo: compreender o funcionamento da designação *histeria* no discurso do Presidente da República, Jair Messias Bolsonaro. Dado o nosso objetivo, convém seguirmos tratando sobre as condições de produção do termo “histeria” e para isso, traremos estudos relacionados.

3. Considerações acerca dos estudos sobre histeria

Neste capítulo, dividido em três seções, trataremos acerca dos estudos sobre histeria. Na primeira, nos remeteremos aos estudos de Charcot, Freud e Breuer no que diz respeito a esse termo. Na segunda seção, resgataremos as concepções sobre a noção de feminino e *histeria* na história, e, na terceira, debateremos sobre a perspectiva psicobiológica acerca da noção de histeria.

A designação “histeria”, segundo Belintani (2003), é derivada da palavra grega *hystera*, sendo que esta significa “matriz”. Ainda conforme o autor, a histeria era entendida por Hipócrates (460-377 a. C.), um renomado médico da Grécia Antiga, como sendo uma patologia, cuja etiologia estava relacionada ao útero sendo, por isso, considerada uma doença especificamente feminina, que afetava o corpo por sufocações da matriz (útero). Belintani (2003) acrescenta que, na metade do século XVIII, o diagnóstico para a pessoa histérica era conhecido como neurose histérica ou histeria de conversão, sendo que, hoje, tal diagnóstico é entendido como um transtorno dissociativo ou conversivo.

Em seu blog ⁵⁰, o psicanalista Christian Dunker expõe que a histeria, no começo do século XIX, possuía uma conotação ruim, tendo em vista que era relacionada ao “caráter negativo” de uma pessoa. O escritor evidencia ainda que, sendo considerado um problema feminino, bem como herança das bruxas e possessas, a histeria costumava levar milhares de mulheres para a fogueira.

Posto isso, passemos, agora, à compreensão dos estudos de Freud e de Breuer sobre a histeria, dados os objetivos do trabalho proposto.

3.1 Um percurso histórico sobre a histeria

De acordo com Schmidt (2017), algumas concepções, sobretudo acerca da história em torno da histeria, encontram-se rodeadas de equívocos, tendo em vista que a colocam em um *continuum* paralelo ao desenvolvimento do saber médico, isto

⁵⁰ Em seu blog, Christian Dunker expõe sobre a história da histeria, bem como critica o pronunciamento de Jair Messias Bolsonaro. Disponível em : <https://blogdodunker.blogosfera.uol.com.br/2020/04/10/bolsonaro-e-uma-desonra-para-os-que-sofrem-com-a-verdadeira-histeria/> Acesso em: 20/02/2021.

é, com o passar do tempo e avanço tanto das ciências sociais quanto das biológicas, algumas teorias em torno dessa patologia foram sendo abandonadas, sobretudo, aquelas que buscavam culpabilizar a mulher pelos sintomas apresentados. Assim, ainda com base nesse pesquisador, tem-se a ideia de que, a partir de um saber rudimentar envolto de falsas crenças, chegaríamos a uma visão culta, esclarecedora e definitiva acerca da noção de histeria. Concordamos com esse autor, pois tratar dos saberes outrora adquiridos referentes à histeria como rudimentares é desconsiderar a historicidade da patologia, bem como as contribuições que dela emergem. Entretanto, será necessário tentarmos definir o que é histeria, o que inegavelmente constitui uma árdua tarefa, tendo em vista que Santos (2019), em seu estudo acerca da histeria, faz uso de uma famosa passagem de Ernest-Charles Lasègue, colega de Charcot: “A definição de histeria nunca foi dada e não será jamais”.

O enunciado acima, mencionado pela autora, é importante, pois nos faz refletir sobre a complexidade em torno da definição de histeria. Em seguida, a teórica cita Charcot, Janet e Freud como os principais estudiosos que tentaram definir essa noção. Dessa forma, começaremos pelos estudos de Charcot, amparados ainda pela pesquisa de Santos (2019).

Com base nessa autora, os estudos de Charcot tiveram como objetos de interesse a esclerose múltipla, bem como a histeria, o que, no nosso entendimento, é de fundamental importância para compreendermos a relação entre o somático e o psíquico. Em outro momento do seu estudo, essa mesma pesquisadora se refere ao corpo na psicanálise ao defender que ele, na perspectiva psicanalítica, é apreendido por meio dos efeitos que se operam entre o somático e o psíquico, sendo que o inconsciente é concebido como um lugar de passagem, necessário a essa relação.

No que diz respeito à histeria, esta pode acontecer de forma simultânea a outras doenças do sistema nervoso e orgânicas (SANTOS, 2019, p. 20). Mouammar (2010), em seu estudo acerca da pulsão e do instinto, expõe que, devido à falta de evidências tanto anatômicas quanto patológicas no que diz respeito à histeria, esta doença era compreendida, no século XIX, como uma simulação da paciente, responsabilizando a histérica, que produziria o sintoma. Ainda no que concerne à histeria, a teórica evidencia que:

Jean-Martin Charcot, célebre neuropatologista francês, dotou a histeria a possibilidade de ser reconhecida como uma neurose e libertou as pacientes

de serem vistas como mentirosas. Ele realizou um extenso trabalho de classificação das enfermidades neurológicas, diferenciando a epilepsia da histeria e atribuindo a causa da doença histérica à hereditariedade e também aos traumas de acidentes. O trauma para Charcot é provocado por um acidente real que ocasiona uma excitação excessiva no sistema nervoso e que, conjuntamente com fatores predisponentes constitucionais, propiciaria o desencadeamento de sintomas histéricos (MOUAMMAR, 2010, p. 19).

A citação nos permite compreender como a histeria foi tratada por Charcot. Além disso, conseguimos compreender que os estudos realizados pelo médico possibilitaram que as mulheres, antes concebidas como mentirosas, pudessem, ao menos nesse quesito, serem isentas de punições. Utilizamos o termo “ao menos”, pois a vida da mulher, no século XIX, encontrava-se envolta de estigmas constituídos por uma sociedade onde o patriarcado era dominante. No entanto, pretendemos abordar este ponto na seção 3.2, quando falaremos sobre o feminino e a história.

Ainda sobre a relação entre somático e psíquico, Quinet (2005, p. 124) expõe que:

Mas o fato é que não podemos deixar de observar que a medicina faz do corpo um objeto de pesquisa e cuidados onde não há lugar para a expressão e os afetos da subjetividade. Esse objeto-corpo medicalizado é irresistivelmente apropriado pelo discurso do capital, que faz dele um objeto de marketing, lucro e gozo.

Essa citação evidencia que, na medicina, não há lugar para o psíquico e, conseqüentemente, para a subjetividade. Assim, podemos compreender que a histeria não poderia ser objeto de estudo da medicina, mas de uma outra ciência que levasse em conta essa relação sobre a qual estamos discutindo ao longo desta seção. Nesse sentido, entra em cena a psicanálise:

Para a psicanálise, o corpo é o lugar onde se inscreve a subjetividade. Lugar de inscrição simbólica do inconsciente e da história de cada um. Como se dá isso? A entrada do homem na linguagem faz do corpo um deserto de gozo onde aparecem pequenos oásis: as zonas erógenas (boca, ânus, seios, órgãos genitais). Mas os corpos saem do deserto, banham-se no arroio do gozo sexual e chegam à cena do mundo encharcados de histeria. E aí cada pequena parte do corpo pode se comportar como uma zona erógena. Trata-se da zona histerógena (o tal do órgão de choque), que tem um valor simbólico (que é inconsciente) pois representa algum acontecimento marcante de gozo para o sujeito. E essa parte do corpo passa também a gozar, só que não prazerosamente como as zonas erógenas, mas com desprazer, que é a marca da histeria (QUINET, 2005, p.124).

Esse trecho nos permite compreender que, diferente dos estudos neurológicos empreendidos por Charcot, a psicanálise leva em consideração o sujeito, o inconsciente e o gozo. Logo, a fim de aprofundarmos o nosso entendimento em torno da psicanálise, passaremos para as contribuições de Freud e Breuer.

A Psicanálise foi desenvolvida a partir dos estudos de Sigmund Freud, um famoso médico e psicanalista, assim como de Josef Breuer, amigo e colega de Freud. Breuer e Freud discutiram o caso de Bertha Pappenheim, conhecida como Anna O., cujos sintomas teriam levado os pesquisadores ao diagnóstico de histeria, assim como à confirmação de que o somático e o psíquico são interdependentes, uma vez relacionados às patologias estudadas.

De acordo com Freud e Breuer (2016), a histeria pode ser definida como uma patologia em que o afeto possui um papel central, tendo em vista que este último parece se encontrar em um estado “estrangulado”, culminando em alguns sintomas histéricos.

Na histeria traumática, por exemplo, o desencadeador da doença não é o dano físico, mas o afeto do susto-trauma psíquico. Por outro lado, ainda de acordo com esses teóricos, na “histeria comum”, a causa não está na dependência de um trauma isolado, mas na sucessão de vários traumas que formam um grupo de causas desencadeadoras. A hipótese formulada por Freud (1920) a fim de explicar as causas dos sintomas histéricos recebeu o nome de “Princípio da Constância” e foi abordada, primeiramente, em “Além do Princípio do Prazer”. Neste, o escritor defendia que o aparelho mental constantemente esforça-se para manter a excitação nele presente, o mais baixo possível ou, pelo menos, mantê-la constante.

Com o intuito de nos aprofundarmos na relação entre o somático e o psíquico, na perspectiva freudiana, traremos as contribuições de Vinhas (2014) e de Caetano (2019).

Em um estudo que tinha como principal objetivo analisar o processo de subjetivação de apenadas em relação à prisão, Vinhas (2014) empreende uma reflexão acerca do corpo para o discurso jurídico e para o discurso psicanalítico. O primeiro, segundo a autora, concebe o sujeito como separado do corpo biológico, sendo que este último não teria efeito sobre a subjetivação do sujeito. Na perspectiva psicanalítica, sobretudo a partir do conceito de pulsão de Freud, a constituição do

sujeito é dependente do seu corpo, o que, ainda conforme a teórica, diferencia os humanos de outras espécies de animais.

A pulsão foi um conceito sem o qual, para Jorge (2005, p. 21), a sexualidade se constituiria como um enigma. Esse autor acrescenta ainda:

Surgida a partir de sua experiência clínica de escuta dos pacientes neuróticos em análise, a teoria freudiana das pulsões é o resultado da apreensão da ocorrência universal de uma sexualidade que se manifesta sob uma aparência errática e súbdita a uma lógica diferente daquela que rege os instintos animais.

A passagem supracitada nos permite entender que, de fato, a teoria das pulsões de Freud foi muito importante para a compreensão da relação entre o somático e o psíquico na medida que o analista passa a escutar o paciente sobre outro aspecto, o qual leva em conta o inconsciente. Assim, conforme leitura de Caetano (2019), o corpo se constituiu como um dos elementos fundadores da teoria psicanalítica freudiana; a autora ainda diz que foi pela observação de mulheres históricas que nasceu o conceito de pulsão.

Em sua obra “As pulsões e seus Destinos”, Freud (2014) diferencia “estímulo” do conceito de “pulsão”. Para o médico, a pulsão é um estímulo, sendo que nem todo o estímulo é uma pulsão. Assim, o estímulo psíquico pode ser considerado uma pulsão, porém, há outros estímulos que atuam sobre o anímico. Esses últimos são provenientes do exterior. Freud (2014) cita o exemplo de uma luz forte que atinge os olhos, que não se trata de um estímulo pulsional.

Por outro lado, o estímulo pulsional, segundo ele, advém do próprio interior do organismo. O autor acrescenta que, ao contrário do estímulo fisiológico, a pulsão não funciona como uma força “momentânea de impacto”, mas como uma força constante. O teórico diferencia dois tipos de pulsões primordiais:

as pulsões do Eu ou de autopreservação, e as pulsões sexuais. Mas essa classificação não tem o significado de um pressuposto necessário, como, por exemplo, a premissa da tendência biológica do aparelho psíquico [...]; trata-se de uma mera construção auxiliar, que só deve ser mantida enquanto for útil e cuja substituição por outra pouco alterará os resultados de nosso trabalho de descrição e de ordenação. Tal classificação resultou do desenvolvimento histórico da Psicanálise, que tomou por objeto primeiro as psiconeuroses, ou, mais precisamente, aquelas designadas como “neuroses de transferência” (histeria e neurose obsessiva), e, através delas, chegou à compreensão²⁸ de que um conflito entre as exigências da sexualidade e as do Eu estava na raiz de todas aquelas afecções (FREUD, 2014, np).

Freud e Breuer ([1983] 2016), em comunicação preliminar, para exemplificar os sintomas histéricos, citam o caso de uma mulher que, ao ver a sua filha doente adormecendo, decide concentrar suas forças em se manter quieta para não acordar. Em consequência disso, a mulher produz uma “contravontade histérica”, caracterizada por um ruído estalante com a língua. Tal ruído se repete mais tarde, em uma ocasião em que a mulher deseja se manter absolutamente quieta e, dessa forma, nasce um tique que a acompanha por muito tempo, na forma de estalidos.

Em outro momento do texto, os pesquisadores explicitam o que seria alguns dos sintomas histéricos:

Em outros casos ainda, uma determinação desse gênero não é compreensível de imediato; entre eles se incluem precisamente os sintomas histéricos típicos, como hemianestesia e estreitamento do campo de visão, convulsões epileptiformes etc. [...] (FREUD; BREUER [1983] 2016, p. 22).

Dessa forma, convém lembrarmos que, embora os sintomas se manifestem no corpo físico, a compreensão acerca da origem, de acordo com os autores, não pode ser explicada pelo próprio sujeito, isto é, o “gatilho” que despertou o primeiro sintoma não é conhecido. Dessa maneira, ao longo dos estudos de Freud e Breuer, foram utilizadas diferentes técnicas como, por exemplo, a hipnose. Com o passar do tempo, Freud abandonou a hipnose como forma de obter material do inconsciente e passou a induzir os seus pacientes a um estado de concentração mais profundo sem, no entanto, ser caracterizado como hipnose. Conforme Veiga (2013), o estigma da histeria é fomentado devido a alguns fatores como: a dificuldade do diagnóstico, a restrição da histeria ao feminino, assim como a ausência de alterações orgânicas visíveis. A autora expõe ainda que, na época em que Freud iniciou os seus estudos, tal patologia era um fator limitante para a continuidade de um tratamento.

Os elementos acima apresentados demonstraram a importância dos estudos freudianos, bem como da contribuição de Breuer, sobretudo no que diz respeito à forma como a mulher era tratada no final do século XIX. Dito isso, consideramos essencial compreender como, ao longo da história, a histeria foi associada ao feminino, o que será feito na seção a seguir.

3.2 A histeria e o feminino

De acordo com Costa (2013), a histeria e o feminino são termos que andam juntos na psicanálise, tendo em vista que a histeria sempre foi concebida como um traço feminino. Dessa forma, torna-se, também, necessário expormos acerca da condição da mulher ao longo da história.

Muribeca (2013), ao realizar um estudo sobre a construção do papel da mulher na história da humanidade, revela que, nas sociedades primitivas, era comum o culto às deusas-mães, bem como o respeito ao corpo feminino, sendo este último reverenciado como manancial da força divina. Em seguida, a autora cita exemplos de deusas, as quais eram adoradas na antiguidade, tais como: Ísis, no Antigo Egito; na China, Nu Gua foi considerada a criadora da humanidade ao cavar o barro do chão; no Japão, Amaterazu, deusa do Sol, de quem descendiam os imperadores. Enfim, diversas deusas, de acordo com a autora, eram adoradas em todo o mundo. Ainda com base em Muribeca (2013, p. 68) temos que:

Nesse processo de fertilização e procriação atribuídas ao princípio feminino, dava-se aos homens um papel secundário. Porém, no decorrer do período neolítico (26.000 a.C. até por volta de 5.000 a.C.), o homem começa a dominar sua função biológica procriadora e dessa feita passa a controlar a sexualidade feminina. A partir de então advém o casamento, a mulher é tida como propriedade do homem, e a herança é transmitida através da descendência masculina. Dessa forma, o homem não deveria mais invejar o útero da mulher, mas a mulher é quem deveria começar a invejar o pênis do homem. Assim, a mulher, que antes pensava ser fecundada pela natureza, traduzida no poder das deusas, agora era fecundada pelo homem, que detinha o poder sobre seu desejo. O feminino se torna inferior ao masculino, em detrimento do poder fecundante da mulher.

Essa citação nos dá uma ideia de como, aos poucos, o papel feminino foi se modificando e a mulher, antes adorada, passou a ser subjugada quando comparada ao homem. Entretanto, cabe, ainda, explicitar o papel da histeria em relação ao feminino. Para tanto, continuaremos com as considerações de Muribeca (2013) acerca dessa patologia:

Na Idade Antiga, por volta do século VI antes de Cristo, Hipócrates (460-375 a.C.) com sua teoria dos humores (o sangue, a fleuma, a bílis negra e a bílis amarela), acreditava que todas as enfermidades das quais as mulheres se queixavam eram causadas pelo útero; assim, ele estabeleceu, uma estreita relação entre o sangue menstrual e a saúde das mulheres. Nesse aspecto a

palavra histeria foi associada a uma enfermidade orgânica de origem uterina portanto especificamente feminina (MURIBECA, 2013, p. 68).

Com base nessa citação da autora, podemos perceber que, além de o homem ter imposto sua hegemonia perante o sexo feminino, a histeria, considerada até então uma patologia tipicamente feminina, parece ter fomentado o estereótipo de que a mulher seria inferior ao homem.

Em *Timeu*, uma das últimas obras do filósofo Platão, podemos perceber uma narrativa que nos ajuda a ter uma compreensão mais lúcida de como o corpo feminino é discursivizado:

Eis porque nos machos os órgãos genitais são naturalmente insubmissos e autoritários, como animais surdos à voz da razão e, dominados por apetites furiosos, querem comandar tudo. Nas mulheres também e pelas mesmas razões, o que se chama a matriz ou útero é um animal que vive nelas com o desejo de procriar. Quando ele fica muito tempo estéril depois do período da puberdade, ele tem dificuldade em suportar isso, indigna-se, erra por todo o corpo, bloqueia os canais do sopro, impede a respiração, causa um grande incômodo e origina doenças de toda a espécie, até que, o desejo e o amor unindo os dois sexos, eles possam colher um fruto, como numa árvore, e semear na matriz, como num sulco (...) tal é a origem das mulheres e de todo o sexo feminino (COLLING, 2015, p. 184).

Colling (2015), ao explicar o pensamento de Platão, revela que a inauguração da teoria da matriz, bem como do útero enquanto animal, pelo filósofo Platão, culminará, mais tarde, na histeria, caracterizada como uma doença feminina, causada pela “falta de homem”.

A respeito do sistema patriarcal, Strücker e Maçalai (2016) expõem que:

Patriarcalismo é o sistema caracterizado pelo poder do gênero masculino enquanto categoria social, centrada na descendência patrilinear e no controle masculino sobre o feminino. Trata-se de uma forma de organização social, onde as relações são regidas pelos preceitos de que as mulheres estão hierarquicamente subordinadas aos homens, e os jovens, por sua vez, estão hierarquicamente subordinados aos homens mais velhos [...] (STRÜCKER; MAÇALAI, 2016, p. 03).

Com base na citação acima, podemos perceber que este sistema, que foi imposto socialmente, corroborou para a construção do imaginário feminino. Dessa forma, somado à concepção da mulher como um ser socialmente inferior, encontram-se outras representações de o que é ser feminino.

Outro estudioso sobre o assunto, Dantas (2017), ao se referir sobre esse sistema, deixa implícito um dos objetivos do patriarcalismo:

Nesse sentido, com o advento do patriarcado, as construções sociais sobre a sexualidade humana giram em torno de regulações à sexualidade feminina e à que diverge da heterossexual. Isso está inteiramente relacionado com interesses de manutenção do poder burguês, masculino e heterossexual (DANTAS, 2017, np)

Com base na exposição do autor, podemos inferir que esse sistema tinha como um dos seus principais fundamentos a opressão do gênero feminino, assim como de sexualidades distintas. Também é possível depreender que, para os adeptos de tal sistema, existiram seres superiores enquanto outros deveriam ser subordinados. Isto posto, julgamos essencial compreender como a mulher foi representada durante a história e como continua sendo. Para isso, trataremos algumas obras, sendo que uma delas é considerada um clássico da literatura francesa: *Madame Bovary*, de Gustave Flaubert. Entretanto, é preciso expor que as considerações acerca da obra de Flaubert serão realizadas a partir dos estudos de Maria Rita Kehl, uma importante psicanalista brasileira.

A exposição da pesquisadora é fundamental para nos aprofundarmos na questão da histeria, pois essa patologia parece ser oriunda do confronto da mulher com as imposições sociais às quais era submetida. Dessa forma, Kehl (2008) recorre à leitura de *Madame Bovary* como forma de entender o que o romancista Flaubert percebeu nas mulheres de sua época, que teria levado essas mulheres a um desajuste em relação à sua condição feminina. Tais desajustes são retratados pela autora como “anseios fora do lugar”, os quais culminaram na produção de uma exuberante sintomatologia. Assim, a clínica freudiana concentrou sua atenção nessas mulheres.

Kehl (2008) expõe que a sociedade europeia dos séculos XVIII e XIX produzia um grande número de discursos, os quais tinham como objetivo relacionar a mulher a um conjunto de atributos, funções e predicados que comporiam a feminilidade. Ainda segundo essa autora, a ideia era de que as mulheres, devido às suas características anatômicas e biológicas, formariam um conjunto de sujeitos definidos. A ideia da mulher como um “sujeito definido” estaria em contradição com outra ideia muito corrente: a natureza feminina precisaria ser domada pela sociedade, bem como pela educação, a fim de que a mulher cumprisse o seu destino. O papel da mulher era a

de ser procriadora, o qual definiria o seu lugar social: o espaço doméstico. Ainda a respeito das funções e atributos da mulher, a teórica explica:

A adequação das mulheres a estas funções foi fruto de uma enorme produção discursiva, como veremos logo adiante. Se hoje nos deparamos com uma ideia de feminilidade que nos parece tradicional, é importante perceber que esta tradição tem uma história e faz parte da história da constituição dos sujeitos modernos, a partir do final do século XVIII e ao longo de todo o XIX. Também é importante ressaltar que os discursos que constituíram a feminilidade tradicional fazem parte do imaginário social moderno, transmitido através da educação formal, das expectativas parentais, do senso comum, da religião e da grande produção científica e filosófica, que determinava o que cada mulher deveria ser para ser verdadeiramente uma mulher (KEHL, 2008, p. 44).

A exposição da pesquisadora é fundamental compreendermos o que era a histeria, sendo que essa patologia parece ser oriunda do confronto da mulher com as imposições sociais às quais era submetida. Dessa forma, Kehl (2008) recorre à leitura de *Madame Bovary* como forma de entender o que o romancista Flaubert percebeu nas mulheres de sua época – percebeu que algo teria as levado a um desajuste em relação à condição feminina delas. Tais desajustes são retratados pela autora como “anseios fora do lugar”, os quais teriam culminado na produção de uma exuberante sintomatologia. Assim, teria sido com essas mulheres que Freud teve contato em sua clínica.

Uma dessas mulheres era Dora que, de acordo com Freud ([1905] 2009), teria tido o seu primeiro contato com o médico aos dezesseis anos. Na ocasião, o autor e também médico relata que a menina estava sofrendo com uma tosse e rouquidão, sintomas que teriam desaparecido espontaneamente. Com o crescimento de Dora, outros sintomas se mostraram presentes, dentre os quais o aparecimento de um quadro febril, o qual recebeu, por outro médico, o diagnóstico de apendicite, conforme relata esse escritor. Além disso, a mudança de seu caráter e o desânimo eram fatores que preocupavam os pais da menina. É imprescindível salientar que a relação de Dora com a sua família era conturbada, visto que tinha uma atitude inamistosa frente ao pai e se dava muito mal com a mãe. Os sintomas de Dora, relatados pelo autor, incluíam: dispneia (dificuldades em respirar), afonia (perda parcial ou total da voz) e, possivelmente, enxaquecas. A experiência da paciente com o senhor K, amigo da família, devido a suas propostas amorosas dirigidas a ela, bem como a conseqüente afronta à honra da menina, segundo Freud, parecem ter fornecido, no caso da

paciente, um trauma psíquico que levou Breuer e ele a declararem “a condição prévia indispensável para a gênese de um estado patológico histérico” (FREUD, [1905] 2009, np).

No entanto, Freud foi além dessa teoria, buscando identificar as causas dos sintomas anteriores de Dora. O pesquisador descobriu, então, que, aos quatorze anos, o senhor K teria beijado a moça contra a vontade dela. Naquele momento, a menina não teria sentido qualquer tipo de excitação, apresentando uma violenta repugnância. O autor descreve os sintomas que sucederam tal episódio, com base no relato de Dora:

A repugnância que Dora sentiu nessa ocasião não se tornou um sintoma permanente, e mesmo na época do tratamento existia apenas potencialmente, por assim dizer. Ela se alimentava mal e confessou certa aversão pelos alimentos. Por outro lado, a cena deixara outra consequência, sob a forma de uma alucinação sensorial que ocorria de tempos em tempos e chegou a se verificar enquanto ela a relatou a mim. Disse continuar sentindo na parte superior do corpo a pressão daquele abraço. Segundo certas regras da formação de sintomas que vim a conhecer, e ao mesmo tempo levando em conta algumas outras particularidades da paciente, que de outra forma seriam inexplicáveis - por exemplo, não queria passar por nenhum homem a quem visse em conversa animada ou terna com uma mulher -, formei para mim mesmo a seguinte reconstrução da cena. Creio que, durante o abraço apaixonado, ela sentiu não só o beijo em seus lábios, mas também a pressão do membro ereto contra seu ventre. Essa percepção revoltante para ela foi eliminada de sua memória, recalcada e substituída pela sensação inocente de pressão sobre o tórax, que extraía de sua fonte recalcada uma intensidade excessiva. Uma vez mais, portanto, vemos um deslocamento da parte inferior para a parte superior do corpo. Por outro lado, a compulsão em seu comportamento construía-se como se proviesse da lembrança inalterada da cena: ela não gostava de passar por nenhum homem a quem julgasse em estado de excitação sexual porque não queria voltar a ver o sinal somático desse estado (FREUD, [1905] 2009, np).

Com base na citação acima, podemos perceber que os sintomas da menina se encontram intimamente relacionados ao inconsciente. Assim, os sentimentos não expressos eram recalcados e transformados em sintomas, os quais alguns já foram mencionados.

Diante do que foi apresentado até o momento, é possível inferir que Dora, assim como outras mulheres, foi vítima de uma sociedade extremamente machista, onde grande parte das mulheres eram excluídas de algumas atividades e limitadas ao âmbito doméstico, conforme apontado. Entretanto, devemos ressaltar que tais discursos sobre a mulher não ficaram no passado, mas se revestem de outras formas atuais que retomam sentidos sedimentados. Um caso emblemático ocorreu em 2016,

com a ex-presidenta Dilma Rousseff, quando ela aparece em uma capa de revista aparentemente “revoltada”. Com isso, seus opositores fizeram uso de uma memória discursiva⁵¹ que podemos interpretar enquanto relacionada com uma formação discursiva machista para desqualificá-la. Assim, ao ler/ver a capa da revista “ISTOÉ”, somos levados, pelas expressões faciais e por o que está contido no plano linguístico, a acreditar na incapacidade de Dilma para governar o país, sendo que, por meio do funcionamento da memória, a revista tinha como objetivo relacionar a indignação de Dilma frente aos últimos acontecimentos às características da histeria. No entanto, tais sentidos apresentam-se como forma de evidência, sendo que é sobre essa última que, conforme Orlandi (2001b), a Análise de Discurso se propõe a atuar, devido à sua função interpretativa. O destaque, nessa revista, é dado às expressões de Dilma⁵², acompanhadas da seguinte frase: “As explosões nervosas da Presidente”, conforme exposto abaixo:



Imagem 5- Capa de Dilma “nervosa” divulgada pela Revista IstoÉ

Disponível em: <https://www.sensacionalista.com.br/2016/04/02/istoe-contrata-bolsonaro-como-editor-chefe/> Acesso: 12/02/2021

A análise desta edição permitiu que Lopes (2016), com base em uma perspectiva comunicacional, evidenciasse de que forma a mídia reproduz um modelo normativo de como a mulher deve se portar no âmbito social. Assim, a autora partiu da premissa de que a construção midiática é, na verdade, um reflexo social, isto

⁵¹ Entendemos a noção de memória discursiva a partir de Indursky (2011). Para essa autora, enquanto o interdiscurso é saturado, uma vez que corresponde a todos os saberes já ditos e que retornam ao nível intradiscursivo, a memória discursiva é lacunar, pois estabelece relação com uma determinada formação discursiva. Assim, enquanto alguns saberes serão mobilizados por uma determinada FD, outros não podem ser.

⁵² É importante mencionar que a foto presente na capa da revista trata-se de uma montagem, feita a partir de um momento em que Dilma estava comemorando um gol feito pelo Brasil na Copa do Mundo de 2014.

porque a mídia e a sociedade estariam imbricadas em um processo relacional e reflexivo. A autora teve como finalidade analisar a representação de papéis e estereótipos sociais, assim como a coleta de posts no Twitter e Facebook contendo a hashtag #IstoÉMachismo, a fim de analisar, também, a resposta dos internautas em relação à revista. Lopes (2016) concluiu, por fim, que os sentidos produzidos pela representação midiática da revista “ISTOÉ” reproduzem o que se compreende por papel e local da mulher na sociedade, ao mesmo tempo em que questionam a capacidade da mulher em atuar em cargos públicos, como, por exemplo, a Presidência da República.

No âmbito da Análise de Discurso Materialista, podemos citar o estudo de Camargo et al (2017), que teve como materialidade discursiva a reportagem do dia 6 de abril de 2016, contida na mesma revista. Os autores descrevem como a ex-Presidenta Dilma foi caracterizada pela revista “ISTOÉ” naquele momento:

[...] Sem identificar suas fontes, a presidenta é descrita pela revista como **histórica**, furiosa, à beira de um ataque de nervos e propensa a atos violentos. Em meio a frases irônicas, os adjetivos e **estereótipos** utilizados para desqualificá-la fazem parte de um extenso vocabulário moral e psicanalítico de **degradação do feminino como força política, sujeito social e modo de ser e viver** (CAMARGO et al, 2017, p. 02 [grifos nossos]).

Essa citação nos interessa, pois podemos perceber que a mulher é quem costuma ser tratada como histórica, sendo que os motivos para isso, segundo a citação dos autores, parecem ser diversos. Com o objetivo de tentarmos elucidar como o homem e a mulher são tratados diante de uma situação de revolta, sobretudo sobre como as diferenças subjazem a forma de tratamento de ambos os gêneros, trazemos duas imagens dispostas lado a lado, representadas abaixo:



Imagem 6: Dilma e Bolsonaro: Revista IstoÉ. Disponível em:

<https://quicando.blogosfera.uol.com.br/2019/11/01/capas-jair-dilma-mulher-nunca-tem-direito-a-ficar-pistola/> Acesso em: 20/01/2022

Em um primeiro plano, os elementos imagéticos selecionados para compor as duas imagens reproduzem efeitos de sentidos distintos referentes a cada uma das personagens presentes nas capas. Já tivemos a oportunidade de expor quais desses efeitos são reproduzidos acerca da imagem de Dilma, mas e em relação ao Presidente atual? É possível observarmos que Bolsonaro é tratado como um “leão”. No imaginário social, o leão é um animal feroz, selvagem, destemido, forte, que domina os outros sendo, até mesmo, chamado de “O Rei da Selva”. Dessa forma, temos uma ex-Presidenta descontrolada; por outro lado, temos um Presidente (homem) tratado como um rei. Tendo isso em mente, passaremos a expor mais um trabalho a esse respeito.

Uma análise realizada por Garcia e Lunkes (2019), que tem como uma das materialidades discursivas a imagem 3, referente à ex-Presidenta, evidenciou que a capa divulgada pela revista “ISTOÉ” tem como objetivo enlaçar a posição da ex-Presidenta aos sintomas históricos, culminando em efeitos de sentidos específicos, vale dizer, o descontrole e a incapacidade de Dilma Rousseff para governar o país.

A presente seção teve como finalidade expor a relação entre o feminino e a histeria, tendo em vista que os discursos sobre a mulher histórica ocorrem em uma dada formação social e em conformidade com determinadas condições de produção. Assim, convidamos a todas(os) para refletirem sobre a histeria na perspectiva psicobiológica, conforme será feito na próxima seção do trabalho.

3.3 A histeria na perspectiva psicobiológica

A histeria, atualmente, encontra-se no CID-10⁵³ representada pelo código F40-F48, relacionada aos transtornos neuróticos, ligados ao “stress”, bem como aos transtornos somatoformes. Entretanto, convém expormos acerca dos estudos contemporâneos sobre a histeria para que, mais adiante, a relação entre o produzido em um dado momento da história e o produzido pelo Presidente Jair Bolsonaro possa ser compreendido como parte de um processo discursivo, tendo em vista que, com base em Souza (2014), é possível dizer que, pelo efeito da memória, a qual, de forma silenciosa, intervém no momento da enunciação, as palavras, independente do seu arranjo sintático ou da relação mantida com signos não verbais, já nos vêm significadas. Assim, tal processo de significação leva em conta a língua, na perspectiva da Análise de Discurso, com relação à história.

Um estudo realizado por Ávila e Terra (2010) expôs que a histeria se comporta como um distúrbio bastante difuso e que observadores diferentes podem tratá-la de maneiras diferentes, ao levar em consideração os seus respectivos campos de atuação. Os autores acrescentam que:

No início, esse transtorno era visto de forma abrangente, incluindo neuroses, psicoses, catatonia, epilepsia e quadros degenerativos como demências e doença de Parkinson. Na atualidade, tal abrangência cedeu lugar à inclusão de sintomas histéricos nos critérios diagnósticos de várias doenças, como os transtornos somatoformes, a fibromialgia e a síndrome de burnout, por exemplo (ÁVILA; TERRA, 2010, p. 334).

A passagem acima revela que, com o avanço da ciência, a histeria passou a integrar o quadro clínico de outras doenças. Além disso, ainda com base nos autores, os pacientes histéricos geralmente apresentam transtornos sexuais, uma vez que perseguem, em vão, uma identidade inatingível. A respeito do termo “histeria” os autores expõem que:

Em 1993, com a décima edição da Classificação Internacional das Doenças (CID-10) e, em 1994, com a quarta edição do Manual Diagnóstico e Estatístico dos Transtornos Mentais (DSM-IV), ficou estabelecido o fim da

⁵³ A histeria, atualmente, encontra-se relacionada a outras patologias, conforme evidencia a classificação do CID-10. Disponível em: <<http://clinicajorgejaber.com.br/novo/wp-content/uploads/2018/05/CID-10.pdf>>. Acesso em: 15/03/2021.

categoria histeria, com sua redesignação sob novas nomenclaturas diagnósticas. A pergunta básica a se fazer é: se o termo histeria desapareceu dos manuais de classificação nosológica ao ser substituído por termos muito mais restritivos (e.g. transtornos somatoformes e dissociativos)¹⁰, qual teria sido a vantagem dessa modificação terminológica? Aparentemente, ganhou-se um maior rigor descritivo, pois agora esses sintomas estão devidamente enumerados e catalogados. Possivelmente, também, essa alteração, ao favorecer uma diferenciação mais efetiva entre patologias psiquiátricas e orgânicas, pode ter suscitado um melhor manejo clínico dos doentes (ÁVILA; TERRA, 2010, p. 334)

Essa informação extraída do estudo desses pesquisadores evidencia que, assim como os discursos sobre a histeria, a patologia em si, ao contrário do que muitos acreditam, ainda existe.

Duarte e Chatelard (2014) sugerem que uma das formas que a *histeria* pode se apresentar atualmente é através da anorexia, sendo que não podemos pensar os sintomas alimentares como novos, pois já existiam nos séculos passados. Entretanto, as pesquisadoras chamam a nossa atenção para essa “psicopatologia”. Ainda para essas autoras, a anorexia é entendida como tentativa fadada ao fracasso, tendo em vista que visa a separar o sujeito daquilo que ela é para colocar-se como desejante frente ao Outro. Assim, “a anorexia define o corpo do sujeito, fazendo-o colocar-se novamente sob os cuidados e jugo deste Outro” (DUARTE; CHATELARD, 2014, p. 127). Essa relação feita pelas autoras é de extrema importância, pois demonstra que a histeria age sobre o corpo da mulher, sendo que este há muito tempo é tomado como objeto discursivo. Assim, entendemos que, na medida em que os discursos científicos definem o que é ou não “*histeria*”, a própria patologia se coloca como a possibilidade de esses discursos existirem. Contudo, o mais importante é atentarmos que, tanto do ponto de vista psicanalítico quanto do ponto de vista psicobiológico, a designação *histeria*, ou melhor, tudo o que ela representa, age como forma de determinar a ação da mulher, quando essa se encontra em um momento de vulnerabilidade. Nesse sentido, se a mulher está com raiva, é devido à *histeria*, se está confusa é porque é *histérica*. Por outro lado, o sistema social fundamentado na hegemonia do gênero masculino é isento de responsabilidades quando a questão é a saúde da mulher.

Palonsky (1997) descreve os sintomas da histeria na época de Freud como distintos dos que se apresentam atualmente, sendo que tais sintomas incluíam paralisias, sérias perturbações, entre outros. Assim, a apresentação dos sintomas

varia de acordo com a época, pois as identificações do sujeito com determinados valores sociais estabeleceriam os sintomas, ou seja, a variação dos sintomas corresponde à variação dos ideais sociais, os quais não são fixos. Como exemplo, a autora cita o ideal da beleza feminina, o qual sofreu constantes mudanças ao longo da história, o que resultaria em diferentes formas de identificação com esse ideal por parte dos sujeitos.

Conforme Palonsky (1997, p. 30), “quadros como anorexia e bulimia, tão frequentes na atualidade, poderiam ser equivalentes das grandes crises de cem anos atrás”. Ainda de acordo com essa teórica, o trabalho do analista consiste em apontar para uma saída, sendo que esta implicaria no enfrentamento/atravessamento da angústia em confronto com o real.

Bursztyn (2011) expõe que, por um lado, as instituições psiquiátricas contemporâneas buscam aliar o tratamento medicamentoso com as técnicas psicanalíticas como a hipnose, a fim de tratar os sintomas da histeria. Os principais medicamentos utilizados são os antidepressivos e os benzodiazepínicos, dadas as orientações diagnósticas do CID-10. Por outro lado, na rede pública, não há uma restrição ao modelo médico, o que significa dizer que há uma interlocução entre os diversos profissionais que faz com que o discurso médico-científico seja descentralizado, dando espaço para o discurso científico, onde os saberes das diferentes ciências são valorizados. Tal é o pilar que sustenta a prática multidisciplinar. Com isso, é possível notar uma diferença entre os serviços públicos e privados de assistência à saúde, onde as relações de força (ALTHUSSER, 1970) se fazem presentes como parte da vida social dos sujeitos de direito. Além disso, vale mencionar que o tratamento e a assistência à saúde mental de pacientes foram objetos de diversos discursos ao longo da história. Entretanto, isso não significa dizer que este estudo tenha esses objetos discursivos como foco, pois o ponto fundamental é o funcionamento discursivo da designação *histeria*.

Retomando as considerações de Bursztyn (2011, p. 744), a dimensão política deve ser considerada em relação à prática analítica, conforme a citação a seguir:

A incidência da prática analítica na orientação política da saúde mental resulta da intervenção de psicanalistas no sentido da valorização da clínica, indicando, desse modo, a importância da interlocução entre as dimensões política e clínica para orientar o tratamento de sujeitos assistidos nos novos serviços. A aposta na clínica do sujeito assume, dessa forma, uma dimensão política importante ao nortear o acompanhamento de pacientes inseridos

nessa rede de serviços. O engajamento de psicanalistas nesse campo de assistência, portanto, fortalece a discussão contínua sobre uma prática clínica que leva em conta as questões da cidadania, essencialmente no que tange à inserção desses sujeitos na rede social.

Entendemos, assim, que o fazer científico está muito relacionado à política social vigente, conforme discutimos anteriormente. Destacamos ainda a importância de um olhar mais humanizado, o qual enxerga o paciente não somente como um corpo biológico, mas enquanto um ser dotado de afetos.

4. Uma análise da designação *histeria* no discurso de Bolsonaro

Neste capítulo, refletiremos sobre as principais noções que nortearão as nossas análises, assim como apresentaremos estudos dentro da teoria da AD que possam subsidiar o que pretendemos apresentar ao longo do nosso gesto analítico. Nesse sentido, noções, como, por exemplo, sujeito, formações imaginárias, ideológicas e discursivas serão imprescindíveis. Nosso estudo visa trabalhar sobre os sentidos possíveis de serem estabelecidos pela designação *histeria* quando utilizada pelo Presidente da República no período inicial da pandemia de COVID-19 no Brasil; assim, na primeira seção, começaremos com uma discussão sobre a noção de língua, tal como encontra-se fundamentada na teoria da Análise de Discurso. Para tanto, nos serviremos dos estudos de Ferdinand de Saussure para melhor entendermos a diferença entre a língua na perspectiva estruturalista e a aquela presente nos estudos discursivos com filiação em Michel Pêcheux. Para o começo dessa discussão, faremos os seguintes questionamentos: (i) em que está baseada a noção de língua em Saussure ([1916] 2006)⁵⁴?; (ii) como a língua é tratada no âmbito do discurso?

Da mesma forma, ainda na primeira seção, trataremos da noção de excesso, principalmente com base em Ernst (2009), e, para isso, levantamos a seguinte questão: (iii) qual é o papel do excesso na AD materialista? Ainda na primeira seção, empreenderemos uma discussão acerca da designação no âmbito discursivo, quando trataremos estudos realizados a respeito dessa noção. Assim, nos questionamos: (iv) qual é a diferença entre designar no senso comum e na Análise de Discurso?

Na segunda seção deste capítulo, trataremos o empreendimento teórico-analítico desta dissertação, apresentaremos o gesto descritivo-interpretativo frente ao nosso *corpus* de análise.

4.1 A língua, o excesso e a designação

Na obra “Curso de Linguística Geral”, Saussure ([1916] 2006) define o objeto da linguística, com base em uma reflexão sobre a linguagem e seus componentes. Os

⁵⁴ Para discutir a noção de “língua” na perspectiva estruturalista recorreremos ao Curso de Linguística Geral.

principais constituintes da linguagem seriam, ainda de acordo com esse autor, a fala e a língua. Nesse sentido, ao se questionar sobre a língua e a linguagem, esse teórico expõe:

Mas o que é a língua? Para nós, ela não se confunde com a linguagem é somente uma parte determinada, essencial dela, indubitavelmente. É, ao mesmo tempo, um produto essencial da faculdade da linguagem e um conjunto de **convenções necessárias**, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos. Tomada em seu todo a linguagem é multiforme e heteróclita; o cavaleiro de diferentes domínios, ao mesmo tempo fisiológica e psíquica, ela pertence além disso ao domínio individual e ao domínio social; não se deixa classificar em nenhuma categoria de fatos humanos, pois não se sabe como inferir a sua unidade. A língua, ao contrário, é um todo por si e um **princípio de classificação**. Desde que lhe demos o primeiro lugar entre os fatos da linguagem, introduzimos uma ordem natural em um conjunto que não se presta a nenhuma outra classificação (SAUSSURE, [1916] 2006, p.17, negritos nossos).

Essa passagem, ao mesmo tempo em que nos permite entender como esse autor diferenciou a língua da linguagem, demonstra a concepção idealista em torno dessa noção através de marcas linguísticas como: “convenções necessárias” e “princípio de classificação”. Outra parte do texto que permite sustentar a leitura que estamos propondo trata-se de um recorte presente no começo do terceiro capítulo:

Bem longe de dizer que o objeto precede o ponto de vista, **diríamos que é o ponto de vista que cria o objeto**; aliás nada nos diz de antemão que uma dessas maneiras de considerar o fato em questão seja anterior ou superior às outras (SAUSSURE, [1916] 2006, p.15, negritos nossos).

Esse trecho selecionado evidencia que a língua, na perspectiva saussuriana, importa enquanto um objeto abstrato, o que difere da Análise de Discurso, sendo que essa teoria se interessa pela língua enquanto materialidade, observando-se, assim, a sua relação com a ideologia. Assim, recorreremos aos estudos desse último autor a fim de compreendermos em que consiste essa diferença. Em uma das obras de Pêcheux, é possível constatarmos uma visão diferente acerca da tese materialista:

Para resumir, diremos que o essencial da tese materialista consiste em colocar a independência do mundo exterior (e do conhecimento objetivo de suas leis, que chamaremos daqui pra frente processo científico) em relação ao sujeito, *colocando simultaneamente* a dependência do sujeito com respeito ao mundo exterior (de onde resulta o caráter necessário dos efeitos que afetam esse sujeito, chamados, doravante, processo nocional-ideológico) (PÊCHEUX, [1975] 2014, p. 73, grifos do autor).

É notória a diferença entre as duas teses. Uma concebe a língua como uma abstração de um ponto de vista, o que pode ser traduzido como: “um objeto não existe sem alguém que o pense/imagine”. De outro lado, temos a tese materialista, que não está centrada na questão da origem do objeto, mas sim na sua pré-existência em relação aos indivíduos. Os pensamentos desses autores colocam em cena uma outra questão muito importante para a AD: a questão do sujeito.

Sem pretendermos nos estender muito sobre a noção de “sujeito”, dado o objetivo da seção, diremos apenas que, na Análise de Discurso, o sujeito é descentrado, sendo considerado um efeito das coordenadas jurídico-político-ideológicas que sobredeterminam uma formação social. Nesse sentido, interessa discutirmos sobre a noção de esquecimento n° 2 de que nos fala Michel Pêcheux, pois entendemos que essa noção representa o “ponto de encontro” entre a língua e o sujeito.

[...] concordamos em chamar de esquecimento n° 2 ao “esquecimento” pelo qual todo sujeito-falante “seleciona” no interior da formação discursiva que o domina, isto é, no sistema de enunciados, formas e sequências que nela se encontram em relação de paráfrase – *um enunciado forma ou sequência, e não um outro, que, no entanto, está no campo daquilo que poderia reformulá-lo na formação discursiva considerada* (PÊCHEUX [1975] 2014, p.161, grifos do autor).

A retomada do esquecimento n° 2, através dessa citação é importante, pois entendemos que, ao discutir sobre essa noção, o autor coloca em pauta o enunciado e, ao fazê-lo, pressupõe um sujeito, o que permite a articulação de duas noções fundamentais para essa teoria. Em seguida dessa afirmação, o teórico expõe o que pode ser entendido como esquecimento n° 1:

Por outro lado, apelamos para a noção de “**sistema inconsciente**” para um outro “esquecimento”, o “*esquecimento n°1* remetia, por uma analogia com o recalque inconsciente, a esse **exterior**, na medida em que- como vimos- esse exterior determina a formação discursiva em questão (PÊCHEUX, [1975] 2014, p.162, negritos nossos).

Por meio das expressões destacadas, nota-se que o sujeito da Análise de Discurso é um sujeito interpelado pelo inconsciente, o que marca a diferença entre o sujeito pressuposto pela linguística estruturalista, mas há ainda uma outra questão que merece destaque: a exterioridade. Tal ponto é fundamental para a AD, bem como

para este estudo, pois responde a uma das nossas questões iniciais, que norteiam a presente seção: como a língua é tratada no âmbito do discurso? Na perspectiva discursiva, a língua é relacionada com o que lhe é exterior, diga-se: o sujeito, a história e as condições de produção (ORLANDI, 2001a). Em contrapartida, a língua, no ponto de vista saussuriano, é concebida como um sistema fechado, sem relação com o que está fora do sistema linguístico, pois, mesmo que o sujeito falante esteja pressuposto, não é tido como um componente a ser estudado/analísado no quadro teórico sistêmico.

Uma vez exposta essa diferença, bem como explorada a perspectiva materialista sobre a língua, a qual, vale dizer, sustenta todo trabalho que objetiva a compreensão dos processos discursivos, tendo como base uma materialidade linguística, passaremos para uma reflexão sobre o excesso que, neste estudo, é considerado em conformidade com Ernst (2009), tanto pelo seu caráter operacional quanto pelos efeitos de sentido produzidos quando da sua formulação. Além disso, parece-nos pertinente tratar dessa noção, tendo em vista que podemos visualizá-lo funcionando na língua. Assim, língua e excesso manteriam uma certa relação significativa e, por isso, pretendemos refletir sobre como se dá o funcionamento dessa relação.

No nosso *corpus*, pudemos observar um excesso da designação *histeria*, a qual reproduz certos sentidos, representados como forma de evidência. Desse modo, a opacidade do sentido está relacionada a essa evidência, a qual provém do funcionamento da interpelação ideológica. Na verdade, o que estamos dizendo é que os sentidos se apresentam como únicos e que, para desfazer essa “ilusão”, a AD dispõe de um dispositivo teórico-analítico, que será mais bem compreendido na medida em que avançarmos na análise. No que diz respeito a uma das nossas perguntas iniciais, o excesso funciona no discurso para sustentar essas evidências, o que, conseqüentemente, produz o efeito de afastamento de outros sentidos possíveis.

Dito isso, passaremos para o entendimento de uma noção central para o gesto analítico que empreenderemos na última seção: a designação. Assim, para facilitar a sua compreensão, fizemos uma revisão do termo em alguns dicionários, em suas versões on-line, pois, conforme Petri (2012), através deles e das gramáticas ocorre o

processo de gramatização das línguas⁵⁵. Tal processo corrobora para a evidência do sentido de um termo, segundo a autora. Além disso, conforme Tejada (2020, p. 84), “os dicionários nos permitem a consulta de significados histórica e ideologicamente naturalizados pelas posições dominantes de uma formação social”.

Nosso objetivo, ao recorrermos aos dicionários on-line, é compreendermos tais significados para questioná-los, bem como compreendermos a designação pelo viés discursivo. Nunes (2010) expõe que um analista de discurso, ao se deparar com um dicionário, tem em mente que esse instrumento linguístico foi produzido em certas condições históricas, por um determinado sujeito (lexicográfico) e que a leitura de suas palavras não é única, mas depende das condições de produção do sujeito leitor. Nesse sentido, a produção de um dicionário é uma prática discursiva, tendo em vista que envolve sujeitos e é feita para sujeitos. Posto isso, passaremos para a explanação do termo “designação”.

De acordo com o site *dicio*⁵⁶, o verbete *designação* é significado como a ação ou efeito de designar, nomear, de atribuir uma significação a alguém através de um nome. No dicionário Michaelis online⁵⁷, podemos encontrar outras significações, como: caracterização de alguém por meio de “palavras” ou “expressões”; “denominação”, “qualificação”. Dessa forma, é possível constatarmos que existem “coisas” ou objetos e pessoas, que seriam, através da língua, caracterizadas, qualificadas, denominadas. Essa relação é apresentada, pelo dicionário, como uma relação direta entre a língua e o mundo, isto é, as condições de produções não são consideradas, o que evidencia um distanciamento em relação a perspectiva da AD materialista.

A versão digital do dicionário Aurélio trata a designação como a ação de designar, indicar. Dessa forma, é possível constatarmos que existem “coisas” ou objetos e pessoas, que seriam, através da língua, caracterizadas, qualificadas,

⁵⁵ Para refletir sobre o processo de gramatização das línguas, Petri (2012) leva em consideração os estudos de Auroux (1992).

⁵⁶ Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/designacao/#:~:text=substantivo%20feminino%20A%C3%A7%C3%A3o%20ou%20efeito,um%20funcion%C3%A1rio%20para%20determinada%20fun%C3%A7%C3%A3o>>. Acesso em 27/02/2022.

⁵⁷ Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/designa%C3%A7%C3%A3o/>>. Acesso em 27/02/2022.

denominadas. Essa relação é apresentada, pelo dicionário, como uma relação direta entre a língua e o mundo, isto é, as condições de produções não são consideradas, o que evidencia um distanciamento em relação à perspectiva da AD materialista no que concerne ao processo de produção dos sentidos.

Em vista do efeito de transparência empreendido através dos dicionários, se faz necessária uma visão diferente, a fim de que possamos compreender novos sentidos para a designação. Logo, recorreremos, primeiramente, às pesquisas de Guimarães (2003; 2002). Esse autor não está baseado na Análise de Discurso Materialista, mas faz uma distinção entre referência, nomeação e designação, o que nos ajudará a refletir a partir de uma perspectiva materialista do discurso. O pesquisador expõe que a referência é entendida como um procedimento linguístico, o qual visa particularizar algo na e pela enunciação. Para melhor explicar o que propõe, o teórico utiliza o seguinte exemplo: “o jogador está sentado na segunda mesa à esquerda”. Nesse enunciado, de acordo com Guimarães (2003), o sintagma nominal “o jogador” está particularizando uma pessoa, isto é, indicando-a. Diferente é a nomeação, definida como o funcionamento semântico que cumpre a função de atribuir um nome a algo.

A designação, para esse teórico, não se confunde com as outras duas noções, pois está relacionada com a história e com o real, conforme a passagem a seguir:

A designação é o que considero a significação de um nome enquanto sua relação com outros nomes e com o mundo recortado historicamente pelo nome. A designação não é algo abstrato, mas linguístico e histórico. Ou seja, é uma relação linguística (simbólica) remetida ao real, exposta ao real (GUIMARÃES, 2003, p. 54).

O excerto acima se aproxima mais da teoria discursiva, uma vez que coloca em relação a linguagem com o que lhe é exterior, conforme a visão materialista. Entretanto, analisar o funcionamento de uma designação em um discurso exige um olhar mais atento, pautado em um dispositivo analítico. O que nos interessa na citação supracitada é o fato de que um nome parece, para esse autor, manter relação com a história, no sentido de que esse nome significa em relação a outros discursos proferidos, bem como nos remete a outros possíveis.

Guadanini (2010) concebe o “fenômeno da designação” enquanto uma estratégia discursiva, que, conforme a autora, é resultante de um processo

dependente dos sujeitos e das circunstâncias de produção, os quais envolvem a “encenação do ato de linguagem”. Em um primeiro momento, podemos notar alguns pontos semelhantes com a AD materialista, representados pelos termos processos, sujeito e circunstâncias de produção. Todavia, é imprescindível expor que o conceito de designação no qual a pesquisadora está baseada diz respeito aos estudos de George Kleiber e Patrick Charaudeau. O primeiro autor parte de uma perspectiva calcada na Semântica Referencial; o último encontra apoio na Análise de Discurso Semiolinguística, que difere da AD materialista pelo modo como trata o discurso, o sujeito e a ideologia. Diante disso, julgamos necessária a reflexão sobre uma passagem do texto a fim de facilitar o entendimento das diferenças entre ambas as teorias:

Em conformidade com Charaudeau, uma maneira de se abordar o discurso seria “inserir-lo em uma problemática de conjunto, que tenta religar os fatos da linguagem a certos outros fenômenos psicológicos e sociais: a ação e a influência”. Conseqüentemente, trata-se, para o autor, de examinar o fenômeno da construção psico-sócio-linguística do sentido, isto é, o “processo de semiotização do mundo”, o qual se realiza através de um sujeito também psico-sócio-linguístico (GUADANINI, 2010, p. 21).

Essa exposição nos permite dizer que, embora essas teorias se preocupem com a questão do sentido, o que configura um ponto em comum entre elas, o abordam de formas bem distintas. Já tivemos a oportunidade de explicar sobre o sujeito da teoria materialista, o qual funciona pelo inconsciente e que se distingue da Análise de Discurso oriunda dos estudos semiológicos. Essa última trata de um sujeito consciente, transparente, assim como o sentido. A relação sujeito-sentido se dá em uma direção, conforme a situação apresentada. No que diz respeito ao discurso, este é concebido, conforme Charaudeau (1994), como um “jogo comunicativo”. Diferente é Análise de Discurso baseada em Pêcheux ([1975] 2014), que define o discurso, seu objeto de estudo, como o efeito de sentido entre interlocutores. Tendo realizado essa abordagem e diferenciação, apresentaremos as contribuições de Friedrich Ludwig Gottlob Frege, seguidas pelos estudos de autores da Análise de Discurso Materialista.

As considerações sobre Frege são importantes para compreendermos a língua do ponto de vista idealista, considerando que, para nós, é importante diferenciá-la da perspectiva materialista, com a qual nos filiamos. Contudo, com base em Pêcheux ([1975] 2014), o que interessava em Frege era a sua noção de independência do

objeto em relação ao sujeito, o qual era denominado por Frege como “o processo sem sujeito” (FREGE [1978] 2009 apud PÊCHEUX [1975] 2014). É nesse sentido que podemos pensar, a partir da contribuição fregeana, na língua enquanto um objeto independente do sujeito, sócio-histórico e que interessa, para Análise de Discurso, enquanto materialidade linguística.

Frege ([1976] 2009), do ponto de vista lógico, argumenta que, se considerarmos dois sinais “a” e “b” e admitíssemos uma equivalência entre ambos, expressa pela seguinte sentença $a=b$, teríamos uma referência, onde a e b se referem à mesma coisa. No entanto, para o autor, a discussão se limitaria aos sinais. Parece que o problema levantado pelo autor tem relação com um tipo de idealismo, o qual podemos encontrar na explicação de Saussure ([1916] 2006) sobre o significado linguístico, sendo que esse parece estar preso ao significante. Em seguida, esse teórico acrescenta que:

Mas tal relação entre os nomes ou sinais só se manteria na medida em que eles denominassem ou designassem alguma coisa. A relação surgiria da conexão de cada um dos dois sinais com a mesma coisa designada. Essa conexão, porém, é arbitrária. Ninguém pode ser impedido de empregar qualquer objeto ou evento arbitrariamente produzido como um sinal para qualquer coisa. Com isto, a sentença $a = b$ não mais se referiria propriamente à coisa, mas apenas à maneira pela qual a designamos; não expressaríamos por seu intermédio, propriamente, nenhum conhecimento (FREGE, ([1976] 2009), p.130)

Com base no trecho exposto, é possível depreender que referenciar e designar não são equivalentes, na perspectiva fregeana e, como veremos, tampouco no ponto de vista discursivo. Além disso, nessa passagem há um pressuposto importante para compreendermos mais a noção de designação: a questão da subjetividade. Logo, sempre que algo ou alguém é designado, isso se dá pela prática discursiva que requer um sujeito. Com isso, destacamos o trabalho de Mariani (1996)⁵⁸, tendo em vista a leitura que a autora fez de Frege ([1976] 2009).

A teórica cita a distinção que Frege ([1976] 2009) faz entre referência e sentido:

À referência corresponde a possibilidade de designar algo através da linguagem, mas com tais designações (em suas distintas maneiras de realização linguística), estão ligados distintos sentidos. Diferencia-se, a partir

⁵⁸ Retomaremos esse estudo na seção destinada ao nosso gesto analítico, tendo em vista a sua importância para nosso trabalho.

de Frege, a maneira como se dá a relação de designação entre uma expressão e o objeto por ela designado (MARIANI, 1996, p. 122).

Com essa passagem compreendemos que, para Frege, referenciar e designar não são equivalentes; a autora evidencia a relação entre essas noções, tendo em vista que é a partir da referência que o sujeito designa. Com o objetivo de facilitar a compreensão acerca do pensamento de Frege ([1976] 2009), a pesquisadora faz uso de um dos exemplos do autor:

E é a evidência da necessidade de tal distinção que um de seus famosos exemplos representa: "a estrela da manhã" e "a estrela da tarde" não são expressões lingüisticamente idênticas, nem têm o mesmo sentido (sinn), apesar de possuírem a mesma referência (bedeutung). Ou, em outras palavras, as duas expressões diferentes coexistem na língua referindo /designando/ nomeando o planeta Vênus, (que, aliás, é também outra expressão para o mesmo referente), mas a escolha de uma ou outra para se fazer a referência provoca alterações no modo como a significação se realiza (MARIANI, 1996, p.123).

No trecho supracitado, é possível observar que a referência parece manter alguma relação com o sentido e, nesse ponto, se confunde com a designação. No entanto, uma leitura mais atenta nos permite dizer que o autor, na verdade, defende que o termo mais adequado para se "referir" à relação das expressões linguísticas com as coisas seja, de fato, a designação, tendo em vista que tais expressões significam e não apenas referem algo. Nesse sentido, à referência não seria mais atribuída a possibilidade de designar, posto que a designação é que assumiria essa função. Com base no exposto, depreende-se que o autor rompe, ao menos nesse quesito, com o idealismo, o qual mencionamos. Contudo, conforme Mariani (1996), o autor se afasta da perspectiva discursiva, ao propor que, em uma "linguagem perfeita" as variações de sentidos não devem ser toleradas. Frege ([1976] 2009) reconhece a existência de diferentes sentidos, na linguagem natural, para uma referência, mas acreditava ser possível, com uma língua artificial, evitar mal entendidos, ambiguidades que comprometeriam o conhecimento científico. Por outro lado, a Análise de Discurso, segundo Sobrinho (2018), considera o equívoco e a falha como constitutivos do "real da língua na sua imbricação com real da história" (SOBRINHO, 2018, p. 12).

Outra questão importante levantada por Mariani (1996) concerne à relação do autor com o real, pois, para Frege ([1976] 2009), a linguagem natural não corresponde ao real.

Com o objetivo de desenvolver essa questão, a teórica retoma a análise do seu *corpus* discursivo, onde observa que as denominações utilizadas para designar os adeptos ao comunismo parecem retomar e sustentar efeitos de negatividade, sendo esses construídos historicamente. Para sustentar essa posição, Mariani (1996) defende, com base em exemplos, que o fato de que algumas expressões possuem uma mesma referência não garante que elas possam ser intercambiáveis em todos os contextos. Assim, ela cita alguns exemplos que compuseram o seu *corpus* de análise: (i) “os vermelhos buscam solapar a disciplina”; e (ii) “Eles admitem até um intelectual rebelde, comunista, mas não admitem um operário no poder”. Tomando como base essas sentenças, a pesquisadora explica que não seria possível substituir “comunista” por “inimigo da Pátria”; por outro lado, tal substituição seria possível em na primeira formulação (i).

Entendemos que as considerações realizadas deslocam o nosso olhar para uma nova maneira de compreendermos as designações, relacionando-as com as condições de produção, tratadas no primeiro capítulo teórico. Assim, concordamos com essa autora quando expõe que:

Entendemos, nesta perspectiva, que o denominar não é apenas um aspecto do caráter de designação das línguas. Denominar é significar, ou melhor, representa uma vertente do processo social geral de produção de sentidos. O processo de denominação não está na ordem da língua ou das coisas, mas organiza-se na ordem do discursivo, o qual, lembrando mais uma vez, consiste na relação entre o linguístico e o histórico-social, ou entre linguagem e exterioridade (MARIANI, 1996, p.138)

Para ela, com base no trecho exposto, a designação compreende a denominação e o que mais nos interessa é a produção de sentidos a partir desse mecanismo. Logo, para efeitos teóricos, utilizaremos o termo. Com o mesmo objetivo, isto é, para sustentarmos a relação da designação com a exterioridade, partimos para as contribuições do trabalho desenvolvido pela pesquisadora Freda Indursky.

Indursky (2002), em seu texto sobre o discurso do Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra (MST), analisa as designações “ocupação” e “invasão”. A primeira designação, “ocupação”, seria utilizada pelos sujeitos que se identificam com o discurso dos sem-terra, enquanto a segunda, “invasão” pelos que se identificam com a posição-sujeito dos proprietários rurais. Tal confronto aponta para formações discursivas divergentes que remetem o analista para uma determinada cena discursiva. No estudo realizado, Indursky (2002) não constatou uma

presença de uma cena discursiva de interlocução⁵⁹, tendo em vista que aqueles que se identificam com a posição dos proprietários rurais não reconhecem os sem-terra como seus interlocutores. Nesse sentido, a análise tomou como *corpus* o discurso que circulou na imprensa entre os anos de 1995 e 1996. Outro ponto importante nesse trabalho é que as designações parecem funcionar tanto para representar processos discursivos antagônicos como para designar os sujeitos imbricados nesse processo. A esse respeito, temos a seguinte passagem que corresponde à explicação sobre a formação discursiva dos proprietários rurais:

Nessa formação discursiva, ignorar que a terra possui um proprietário e nela acampar mobiliza o discurso jurídico que garante o direito de propriedade (art. 5º da Constituição, item XXII) e, com base nele, os latifundiários chamam os sem-terra de “invasores” e aos seus líderes de “formadores de quadrilha”. Assim procedendo, ao mesmo tempo que desqualificam os sem-terra, enquanto seus interlocutores, os transformam em sujeitos fora da lei (INDURSKY, 2002, p. 124).

As designações “formadores de quadrilha”, “invasores” e “sujeitos fora da lei” não apenas se referem àqueles que se identificam com a posição sujeito sem-terra, mas também os significam. Tendo isso em mente, passaremos para a discussão de um outro estudo realizado por essa autora.

Indursky (2013), ao empreender outra análise acerca do discurso do MST, toma como *corpus* uma entrevista com Diolinda Alves de Souza, líder desse movimento. O objetivo dessa pesquisadora consistia em analisar o processo de subjetivação/identificação de Diolinda. Nesse sentido, a autora constata que, em um determinado momento da entrevista, em vez de fazer uso da designação “ocupação”, própria da formação discursiva na qual se inscreve, utiliza “invasão” para falar das práticas do MST. Indursky (2003) explica essa substituição com base em processo metafórico específico, proposto por Pêcheux (1988). A teórica chega à conclusão de que a designação “invasão”, ao passar de uma formação discursiva para outra, é ressignificada, sendo equivalente a ocupação.

Diante do exposto, é possível dizer que os trabalhos de Indursky (2002) estão em consonância com aquele produzido por Mariani (1996), ou seja, ambas as autoras

⁵⁹ Para a autora, a cena discursiva de interlocução é um lugar de conflito/confronto entre formações discursivas.

colocam as condições de produção como fundamental para o entendimento do funcionamento da designação.

Dessa forma, uma determinada formação discursiva, frente a um acontecimento histórico, designará tal processo de uma determinada maneira, reproduzindo certos efeitos de sentidos. Assim, o sujeito, na ilusão de que seu enunciado produza um determinado sentido, enunciará de um modo e não de outro, assim como esquecerá que a língua é equívoca, resultando, conforme Orlandi (2001a), em diferentes possibilidades de sentido. Ainda no âmbito da Análise de Discurso, gostaríamos de destacar o estudo realizado por Mônica Zoppi-Fontana.

Zoppi-Fontana (2003) considerou as relações parafrásticas que as designações mantêm entre si, bem como a contradição de tais designações no arquivo. Importa dizer que o estudo teve como foco o espaço urbano, mais especificamente o processo de designação dos camelôs. O estudo constatou três tipos de processos de designação, organizados a partir das seguintes operações semânticas: a indefinição da referência, efeito da ausência e presença de determinantes indefinidos. Ainda nesse primeiro processo, a pesquisadora observou a utilização de analogias, que colocavam os camelôs em uma relação de desvantagem face às outras categorias. O segundo processo analisado evidenciou um outro mecanismo: a utilização de metonímias, o qual visou a designar os sujeitos a partir dos lugares/espacos ocupados, sendo que estes últimos eram definidos a partir de metáforas bélicas como: “praça de guerra”, “ponto de banditismo” entre outras. No terceiro e último processo, observou-se a definição dos camelôs enquanto objetos, o que se demonstrou comum nos discursos presentes nas leis, decretos e resoluções de Campinas.

Com base na discussão do trabalho de Zoppi-Fontana (2003), é possível observar que, de fato, o processo de designação mostra-se complexo. No entanto, conforme assinalado, no estudo da autora, esse processo ficou centrado na questão da referência. Assim, para avançarmos, é necessário considerarmos as condições sócio-históricas desse processo. Nesse sentido, acrescentaremos as contribuições de Mariana Jantsch de Sousa.

Em seu texto, Sousa (2020) analisa o par de designações golpe/impeachment, representativas de um processo político, jurídico e social, que tinha como objetivo a destituição da então Presidenta, eleita democraticamente, Dilma Rousseff. Essa

pesquisadora constatou a presença de duas formações discursivas antagônicas: a formação discursiva anti-Dilma e a formação discursiva pró-Dilma. As duas formações discursivas designavam o mesmo acontecimento de formas distintas.

A primeira utilizava a designação “impeachment”; enquanto a segunda designava a destituição da presidenta como “golpe”. Assim, segundo a autora, esses termos, embora evidenciem uma relação específica entre a ideologia e aqueles que o empregam, atendem ao mesmo propósito: a legitimação dos saberes das formações discursivas em que se inscrevem, bem como de suas posições em relação a esse processo. Além disso, cada formação discursiva mobilizou uma memória discursiva. A FD anti-Dilma trouxe, do nível interdiscursivo, a memória referente ao processo que ficou conhecido como “impeachment de Fernando Collor”, ainda que não tenha sido um impeachment, a fim de atribuir um efeito de legitimação de sua prática discursiva. Por outro lado, a formação discursiva pró-Dilma fez surgir a memória da ditadura militar, mais especificamente do golpe militar, para demonstrar que tirar uma Presidenta, democraticamente eleita do poder, é um processo ilegal, isto é, um golpe. A noção de memória discursiva mostra-se, assim, de extrema importância, uma vez que mantém uma relação com a história.

Outro aspecto presente no texto de Sousa (2020) que gostaríamos de abordar diz respeito ao fato de que esses pequenos elementos, “golpe” e “impeachment”, conforme a teórica, “representam, como em um processo metonímico, todo o movimento de saberes engajados em sustentar e legitimar o discurso das FDs em que se inserem” (SOUSA, 2020, p.261).

Por fim, para encerrarmos a discussão da presente seção, gostaríamos de expor, amparados nos estudos apresentados, o que entendemos como “designação” no âmbito da Análise de Discurso. A designação deve ser vista como um processo, que leva em conta as condições sócio-históricas de produção de um termo, o sujeito e a ideologia. Além disso, ao se inscrever em uma formação discursiva e não em outra, mobilizará uma determinada memória discursiva, reproduzindo certos efeitos de sentido. Nesse processo, os sentidos relacionados a um termo, ao serem retomados, podem ser tanto estabilizados quanto deslocados.

Retomando o quarto e último questionamento realizado no início da seção sobre a diferença da designação para a Análise de Discurso e para o senso comum, defendemos que a designação deve ser vista como um processo, que leva em conta

as condições sócio-históricas de produção de um termo, o sujeito e a ideologia. No senso comum, esse termo é utilizado como análogo à referência, o que desconsidera elementos essenciais do processo discurso, dos quais estamos tratando desde o início desse estudo. Através do estudo da designação conseguimos compreender o funcionamento do político na língua, e, no objeto aqui analisado, esse funcionamento é determinante na forma como o combate à pandemia se organiza na sociabilidade brasileira.

4.2 Descrição e interpretação do *corpus*

Nesta seção, passaremos a descrever e interpretar o nosso *corpus* levando em consideração os princípios da AD, sobretudo no que diz respeito à relação do sujeito com a língua, a história e a ideologia (ORLANDI, 2001a). No entanto, por termos tratado das condições sócio-histórico-ideológicas e específicas de produção do discurso no segundo capítulo, consideramos retomá-las, acrescentando, quando pertinente, alguns aspectos ainda não expostos. Nesse sentido, nos remeteremos ao passado, mais especificamente ao começo do governo Bolsonaro, em 2018. Entendemos ser fundamental refletirmos sobre o estudo realizado por Campean (2019).

Conforme esse teórico, logo no primeiro semestre de Bolsonaro como Presidente, uma das principais polêmicas referente à educação já estava criada: o corte de verbas na Educação Superior, o que foi tratado tecnicamente como contingenciamento. O estudioso acrescenta que:

A questão envolvia ainda a questão: corte de 30% ou contingenciamento de 3,5%. Do ponto de vista técnico do Direito, de fato não houve “corte”, mas “contingenciamento”. E não foi de 3,5% como afirmou o ministro, e sim, de cerca de 30%. O contingenciamento é uma espécie de congelamento, bloqueio, ao contrário do corte que é definitivo. Mas o contingenciamento pode ser transformado em corte, caso a situação econômica não melhore. Trata-se de uma especificidade de nomeação jurídica que acaba sendo utilizada como ponto de deriva no discurso político (CAMPEAN, 2019, p. 188).

Em um outro momento de sua tese, Campean (2019) discorre a respeito das condições de produção do discurso em que se encontra inserido tal contingenciamento do governo, com base em uma entrevista concedida pelo ex-ministro da Educação:

Em entrevista publicada pelo jornal O Estado de São Paulo, Weintraub disse: “Universidades que, em vez de procurar melhorar o desempenho acadêmico, estiverem fazendo balbúrdia, terão verbas reduzidas”. E complementou que “tem ocorrido em universidades, eventos políticos, manifestações partidárias e festas inadequadas ao ambiente universitário”, citando como exemplo “Sem-terra e gente pelada dentro do campus” (CAMPEAN, 2019, p. 191, grifos do autor).

Os trechos evidenciados acima expõem que as declarações por parte do governo Bolsonaro eram, na verdade, um prenúncio do que ainda estava por acontecer no âmbito científico e educacional. Como vimos, os ataques à ciência, à educação e a tudo o que diz respeito ao futuro do Brasil e dos brasileiros são pontos notáveis no discurso bolsonarista, pois conforme veremos nas análises, evidenciadas nas próximas seções, o saber científico parece ser desqualificado no discurso do Presidente, ou melhor dizendo, um dos efeitos produzidos é a instauração da dúvida em relação ao que é proposto pela ciência. Nesse sentido, entendemos que tais discursos podem causar um grande impacto na vida dos brasileiros, tendo em vista que estão relacionados com a saúde e suas consequências seriam inestimáveis.

É importante esclarecer que o ex-ministro da Educação, Abraham Bragança de Vasconcellos Weintraub permaneceu no governo de 8 de abril de 2019 a 19 de junho de 2020. Em virtude dos ataques de Weintraub à educação, ocorreram diversas manifestações no dia 7 de setembro de 2019, conforme evidencia a imagem abaixo:



Imagem 7: Manifestações contra o Governo Bolsonaro em setembro de 2019.

Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2019/09/07/manifestacoes-contra-bolsonaro-ocupam-ruas-no-7-de-setembro.htm> Acesso em: 15/12/2021

A imagem acima demonstra a insatisfação de parte da população brasileira com o atual governo. Dessa forma, é fundamental, para o nosso gesto analítico, entendermos quais práticas foram e são fulcrais para o governo Bolsonaro.

Ao avançar um pouco no tempo, para o começo do ano de 2020, houve a chegada da pandemia no Brasil, sendo que essa chegada foi acompanhada de diversos discursos proferidos por diferentes membros do campo político, entre os quais temos como principal representante deles, no Brasil, o Chefe do Executivo. Além disso, várias práticas contrárias ao que preconizava a ciência foram sendo disseminadas por parte do Presidente da República, o que representou uma afronta às mais diversas autoridades sanitárias do país.

No dia 11 de março foi publicada, no Diário Oficial da União (DOU), a portaria nº 356, de 11 de março de 2020, a qual regulamentava as medidas de isolamento e quarentena, assim como concedia o poder para os secretários de saúde de municípios e estados editarem as medidas para quarentena. Entretanto, conforme mencionado, o Presidente recusou as medidas preventivas contra o novo coronavírus. A imagem abaixo ilustra uma das práticas contrárias ao que era/é defendido pelos órgãos de saúde:



Imagem 8 - Bolsonaro nas manifestações do dia 15/03/2020. Disponível em: < <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/03/15/mesmo-com-recomendacao-de-monitoramento-por-coronavirus-bolsonaro-participa-de-carro-de-ato-em-brasilia.ghtml>. Acesso em: 16/10/2021

A imagem acima é referente a uma manifestação, no dia 15 de março de 2020, durante o dia. É mister expor que, de acordo com o site G1, neste período, o Presidente estava em monitoramento, devido à suspeita de infecção pelo novo coronavírus, o que demonstra mais uma vez o seu descrédito na ciência.

Em 19 de dezembro de 2020, o político chegou a questionar a pressa por um imunizante, expressando-se da seguinte maneira: “a pressa da vacina não se justifica”⁶⁰ (BOLSONARO, 2020). O questionamento do Presidente ocorreu em uma conversa gravada com o próprio filho, o deputado federal Eduardo Bolsonaro (PSL-SP). Posto isso, passaremos à descrição e à interpretação do nosso primeiro recorte discursivo, onde podemos observar a utilização da designação “gripezinha” por parte da autoridade.

4.2.1- A construção do imaginário sobre o vírus

O nosso primeiro recorte discursivo é composto por sequências que nos permitem compreender a imagem que o Chefe de Estado faz do/sobre o vírus. Nesse sentido, selecionamos sequências discursivas dos seguintes episódios: entrevista para a CNN Brasil (15/03/2020), entrevista para a Rádio Bandeirantes (16/03/2020) e pronunciamento oficial da Presidência da República (24/03/2020).

Em entrevista para a CNN, o Presidente parece colocar em pauta a letalidade do vírus, bem como delimitar quem será atingido por ele, conforme evidenciado a seguir:

SD1-E1: “Na quinta-feira, fiz um pronunciamento, onde falei que esse movimento tinha que ser repensado porque tem um fato novo aí no mundo, o víru, o vírus, o coronavírus, **que pode realmente ser fatal para pessoas debilitadas ou pessoas idosas**”.

Conforme exposto no primeiro trecho do episódio 1, o sujeito enunciador expõe que o vírus, se for fatal, será somente para os idosos e as pessoas com alguma comorbidade. Tal afirmação vai de encontro ao que é defendido pelo discurso

⁶⁰ Além disso, o atual Presidente alegou que a pandemia já estava acabando. Disponível em: <<https://noticias.r7.com/brasil/bolsonaro-diz-que-pressa-por-vacina-contracovid-19-nao-se-justifica-19122020>>. Acesso: 23/10/2021

científico. Um estudo realizado por Costa et al (2020) evidenciou que, embora a taxa de mortalidade entre pessoas sem comorbidades seja pequena, ela existe. A taxa, no início de 2020, correspondia a 1,4% de mortes entre aqueles que não possuíam nenhuma patologia preexistente.

Outro dado que despertou bastante a nossa atenção foi a taxa de óbitos referente a pacientes com doenças cardiovasculares, que ficou em 13,2%. Vale ressaltar que este estudo foi conduzido no início da pandemia, quando o Presidente se pronunciou, mas outros estudos foram realizados e, muito provavelmente, esta porcentagem aumentou. Dessa forma, entendemos que, ao contrário do que afirma Bolsonaro, o vírus pode infectar um grande número de pessoas, sendo estas de diferentes idades.

O trecho apresentado, embora não contenha a designação *histeria*, é importante, pois nos auxilia no entendimento na forma como o sujeito representa o vírus, assim como nos possibilita realizar algumas afirmações que concernem à forma como o vírus vai se constituindo imaginariamente a partir de diferentes tomadas de posição. Dizer que somente pessoas debilitadas ou idosas poderão ser vítimas do vírus significa criar uma divisão entre membros de uma determinada sociedade, a qual conduz à realização de práticas estigmatizadoras e excludentes, não condizentes com a formação democrática do país do qual é representante. A oração subordinada adjetiva apositiva “[...] o coronavírus, **que pode realmente ser fatal para pessoas debilitadas ou pessoas idosas**” nos permite elaborar algumas afirmações sobre o vírus, a fim de compreendermos a forma como a pandemia e o vírus são significados pela posição política, ideológica e de classe do sujeito-enunciador em questão:

(1a) O vírus somente é fatal para pessoas debilitadas ou idosas.

(2a) O vírus pode ser fatal para pessoas de diferentes características fisiológicas.

(3a) O vírus pode ser fatal para todas as pessoas.

Com isso em mente, compreendemos que Bolsonaro se identifica com a posição (1), a qual ajuda na construção discursiva do referente *histeria*, marcado posteriormente na fala do Presidente. Assim, é possível formularmos outros três

enunciados com base nesse imaginário sobre o vírus, os quais estão respectivamente em relação com as três afirmações acima listadas:

(1b) Se o vírus somente é fatal para pessoas debilitadas ou idosas, somente essas pessoas precisam ficar em isolamento.

(2b) Se o vírus pode ser fatal para pessoas de diferentes características fisiológicas, todas as pessoas possuem risco de morte.

(3b) Se o vírus pode matar, todas as pessoas precisam ficar em isolamento.

Dessa forma, são as posições 2a, 2b, 3a e 3b que serão designadas pelo Presidente como *histeria*, conforme veremos nas análises das demais sequências discursivas. Outra sequência que nos auxilia na compreensão desse imaginário de que o vírus é fraco e somente pode causar a morte de pessoas debilitadas ou idosas, pode ser encontrada no segundo episódio:

SD2-E2: As pessoas com deficiência ou as pessoas mais idosas que tem deficiência, **obviamente**, até pela idade, podem vir a óbito até porque **uma gripe outra qualquer** leva a óbito.

Através do advérbio “obviamente” e do sintagma nominal “uma gripe outra qualquer” é materializado o pré-construído de que todo mundo sabe o que é uma gripe, bem como suas consequências. Logo, se “uma gripe qualquer” pode levar a óbito, o mesmo ocorre com o novo coronavírus, tendo em vista que, a partir da posição a partir da qual enuncia, entende-se que esse vírus se manifesta como uma gripe, ou seja, seus sintomas são muito parecidos com os sintomas de uma gripe: febre, tosse seca, cansaço, perda de paladar, perda de olfato. Além desses sintomas, podem estar presentes outros⁶¹ menos comuns, como dor de cabeça, garganta inflamada, olhos irritados e diarreia. O efeito produzido é de proximidade entre patógenos distintos, que fica melhor expressado pela seguinte equação: “Se uma gripe qualquer pode levar à morte, o novo coronavírus também não deve ser motivo de preocupação, pois o novo coronavírus não passa de uma gripe”. Ou seja, a capacidade de levar a óbito é uma

⁶¹ Os sintomas das diferentes cepas do novo coronavírus estão disponíveis em: <<https://butantan.gov.br/noticias/conheca-os-sintomas-mais-comuns-da-omicron-e-de-outras-variantes-da-covid-19>>. Acesso em: 05/01/2022.

característica comum entre os vírus causadores de gripe. No entanto, essa imagem produzida não leva em conta os diferentes tipos de patógenos causadores de uma gripe, onde suas características também são variáveis. É retomado do interdiscurso um saber científico sobre os vírus ao mesmo tempo que outros são silenciados, e tal é o funcionamento da memória discursiva. Essa memória, no processo analisado, funciona contra o discurso científico atual, tendo em vista as novas descobertas sobre o novo coronavírus.

De acordo com Brito et al (2020), embora o novo vírus não seja tão letal quanto o SARS-COV, descoberto em 1937, ele possui uma maior capacidade de disseminação, assim como se mostra resistente no âmbito externo, podendo sobreviver por até 72 horas em certos tipos de superfícies como o plástico, por exemplo. Dessa forma, esses autores o consideram um vírus de extrema periculosidade devido às suas características. Com isso, é possível observar, no discurso de Bolsonaro, que essas informações são apagadas pelo efeito ideológico, resultando em uma falta, conforme Ernst (2009), na estrutura sintática do enunciado. No entanto, o exame dessa sequência discursiva também evidencia a natureza heterogênea das formações discursivas, segundo propõe Indursky (1992), pois o não-dito também significa e pode auxiliar o analista na compreensão da natureza das formações discursivas em jogo. Podemos observar tal funcionamento a partir da SD a seguir, pois o sujeito estabelece uma relação entre o vírus e a idade, o que reafirma a sua posição-sujeito:

SD3-E2: Atinge mais aos idosos, mas por que os idosos? Porque é natural, Datena. A gente vai pegando uma idade, a gente vai ficando mais fraco, a gente vai ter outros problemas, o cara perde um rim, o cara tem problemas mais variados possíveis.

No excerto acima, vemos novamente o apagamento de certos saberes sobre o novo vírus, isto é, algo não é dito, sendo que não são apenas as pessoas de mais idade (idosos) que podem contrair o novo coronavírus, tendo em vista o que já foi apresentado. Assim, o fato de que pessoas acometidas por alguma comorbidade e de diferentes características fisiológicas também são passíveis de contrair o novo vírus é apagado do discurso do sujeito, o que demonstra o limite do que pode ser dito, com base na formação discursiva em que se inscreve. Mas não só isso: qualquer pessoa

pode contrair o vírus (“saudável” ou não, com comorbidade ou não) e, além disso, qualquer pessoa pode morrer por complicações causadas pelo vírus. Isso também não é formulado e permanece como não-dito. Não seria possível, portanto, considerando as condições epidemiológicas, selecionar um grupo de pessoas que poderia ser vítima do vírus e separá-las do restante das pessoas, as quais são saudáveis e responsáveis por manter a economia funcionando. Com isso, podemos afirmar que essa sequência se encontra em relação parafrástica com a primeira analisada.

Outro ponto importante que deve ser ressaltado é construção retórica de pergunta seguida por resposta. Ou seja, o sujeito, ao fazer uso desse mecanismo discursivo, produz um efeito que funciona para afastar a dúvida de que poderia existir outros fatores relacionados à contração do vírus, ou, melhor dizendo, trata-se de apagar o discurso-outro, neste caso representado pelo discurso científico, que se encontra em relação de antagonismo àquilo que é dito a partir da posição anticientífica, da qual o Presidente enuncia. Bolsonaro, o mito, constitui-se como sujeito suposto saber. Sendo assim, podemos formular outros enunciados que seriam possíveis de serem ditos a partir de um processo de identificação com essa formação discursiva:

(1c) É natural que só as pessoas idosas morram.

(1d) Se uma pessoa é idosa, ela contrairá o vírus e morrerá.

(1e) Uma pessoa idosa, por ser fraca, deverá morrer.

Essas sequências estão em relação de contradição com as posições 2a, 2b, 3a e 3b mencionadas anteriormente e funcionam reforçando o sentido de naturalização de que idade e comorbidade seriam os fatores determinantes para a contração do vírus, bem como a morte decorrente desse patógeno.

A SD abaixo, também presente no Recorte 1, apresenta um processo de designação, calcado no imaginário construído sobre o vírus:

SD4-E3: No meu caso particular, pelo meu histórico de atleta, caso fosse contaminado pelo vírus, não precisaria me preocupar, nada sentiria ou seria, quando muito, acometido por uma **gripizinha ou resfriadinho**, como bem disse aquele conhecido médico, daquela conhecida televisão.

Com base no enunciado exposto acima é possível notar, novamente, uma afirmação sem embasamento científico, tendo em vista que, para o sujeito, ter um “histórico de atleta”, isto é, o fato de alguém ter praticado algum esporte, seria o suficiente para não ter sintomas graves da doença e não correr risco de morte. No entanto, o que mais chama a nossa atenção é o uso do diminutivo que, de acordo com Leite (2015, p.156), “do ponto de vista morfológico, a partícula ‘inho’, é definida, de modo geral, nas Gramáticas Normativas como morfema indicador de grau diminutivo”. Por outro lado, do ponto de vista discursivo, ainda conforme essa autora, o morfema admite diferentes efeitos de sentidos, que são distintos daqueles que indicam dimensão física. A pesquisadora analisa o termo “portuguesinho”, presente em uma propaganda voltada para a Copa do Mundo de 2014, realizada na cidade do Rio de Janeiro. A designação “portuguesinho” faz referência, com base em Leite (2015), à língua falada no Brasil, mas na pretensão de falar sobre a língua, a propaganda constrói sentidos que funcionam como estereótipos sobre o brasileiro e o Brasil. Em relação à língua falada no Brasil, a analista aponta um sentido depreciativo, quando da utilização do “inho”: “o ‘portuguesinho’ do Brasil em oposição ao português de Portugal” (LEITE, 2015, p. 160).

De modo análogo, consideramos que, no nosso *corpus*, a designação “gripezinha” apresenta também um sentido depreciativo em relação ao patógeno, mas que produz o efeito de sentido de que não seria tão perigoso ou até menos perigoso dos que as demais gripes, tendo em vista que o sujeito não fez uso do termo “gripe”, mas “gripezinha”.

Outro estudo que merece destaque é o de Rodrigues et al (2020), já mencionado. O trabalho desses pesquisadores foi relativo a duas narrativas, de formações discursivas distintas: “O Brasil em diminutivo” e o “Brasil de Bolsonaro”. Com base em formulações parafrásticas, os autores chegaram à conclusão de que, para aqueles que se desidentificam com o governo, “o Brasil em diminutivo” é o Brasil do Bolsonaro, sendo que as narrativas se torcem uma na outra e, por conseguinte, contraem relações de sentidos pelo efeito do interdiscurso. Em contrapartida, o “Brasil reduzido a Bolsonaro” corresponde à formulação daqueles favoráveis ao governo, conforme exposto abaixo:

A narrativa “o Brasil do Bolsonaro leva a significar “Bolsonaro” como “mito”. Nesta direção dos sentidos, Bolsonaro é metaforizado por “salvador”, de tal modo que “gripezinha” se torna interpretável como “pedra no do caminho do “salvador”, daquele que precisa “reduzir o Estado” para garantir a economia e, assim, garantir-se nesse lugar (RODRIGUES et al, 2020, p. 319, grifos dos autores).

O excerto supracitado é relevante porque evidencia uma imagem construída sobre o atual Presidente. Além disso, trata da designação “gripezinha”, a qual, conforme já exposto, utiliza um mecanismo que, em termos gramaticais, é entendido como um morfema de grau (inha/inho). No entanto, discursivamente, defendemos que o efeito de sentido produzido é de diminuição dos efeitos do vírus, isto é, o processo em questão se encontra alicerçado em um imaginário construído e que leva os sujeitos interpelados por tal ideologia a designarem o vírus como “gripezinha”. Em virtude disso, embora seja um determinado imaginário que proporcione o uso de tal designação, essa mesma forma de designar impulsiona esse mesmo imaginário, adquirindo um funcionamento metonímico, tendo em vista que se refere a todo esse processo que envolve a imagem sobre o vírus, o inconsciente e a interpelação ideológica. No entanto, há de se falar que esse processo discursivo atende aos propósitos da nossa formação social atual, capitalista, em sua versão neoliberal, conforme podemos observar na citação dos autores acima: *daquele que precisa reduzir o Estado para garantir a economia e, assim, garantir-se nesse lugar.*

Conforme veremos a seguir, a relação entre imaginário e designação é fundamental para entendermos o processo discursivo em questão. Assim, passaremos para a análise do próximo recorte discursivo, que nos possibilitará compreender a imagem que o sujeito faz de si enquanto Presidente da República.

Desse modo, com base nas análises realizadas até o momento, entendemos que o sujeito se filia a uma formação discursiva de extrema direita. Isso porque os elementos linguísticos, relacionados com a posição anticientífica do sujeito, produz o sentido de segmentação, ou seja, existe um grupo de pessoas que, por não serem funcionais, devem ser separadas do restante da população. Esse grupo é composto somente por pessoas mais velhas ou com alguma doença, o que, para o sujeito-enunciador, não justificaria a adoção de medidas mais restritivas. Com isso, há a circulação de sentidos que corroboram para o afastamento desse grupo por parte dos demais segmentos sociais. Esse funcionamento designado de “extrema direita” tem

íntima relação com o fascismo e com o protofascismo. Historicamente, a segregação, aliada com o preconceito, tem se mostrado uma forte característica de grupos fascistas. Para compreendermos melhor o que é fascismo e, por conseguinte, protofascismo traremos as contribuições de Monteiro (2018).

Com base nesse último autor, é possível dizer que, ao longo da história, democracias e autoritarismos foram constatados com maior frequência do que regimes fascistas. Disso resulta que governos fascistas e com características do fascismo não possuem a mesma equivalência, e isso é fundamental para compreendermos o protofascismo. Já mencionamos que a segregação, maior incidência de preconceito contra grupos minoritários e, vale acrescentar, valorização extrema do capital são fortes características do fascismo.

Na seção destinada à discussão sobre a *histeria* nos aprofundaremos nos estudos sobre o protofascismo. Por ora, centraremos nossa atenção na relação entre imaginário e designação a fim de compreendermos o processo discursivo em questão. Assim, passaremos para a análise do próximo recorte discursivo, que nos possibilitará compreender a imagem que o sujeito faz de si enquanto Presidente da República.

4.2.2 O imaginário de si no discurso de Bolsonaro

Nesta seção, a partir do nosso segundo recorte discursivo, analisaremos as marcas linguísticas que permitem refletir sobre as diferentes posições-sujeito presentes nesse processo discursivo. Dessa forma, começaremos por uma reflexão sobre a posição-sujeito, com base nos estudos de Orlandi (2001a).

Para Orlandi (2001a), a posição-sujeito, definida como posição do sujeito no discurso, repousa sobre as formações imaginárias, citada anteriormente. Esse ponto é fundamental para entendermos que, através do imaginário construído pelo sujeito do discurso, podemos chegar à sua posição. Como vimos, ao longo da análise do recorte de discurso anterior, a imagem construída sobre o vírus evidenciou a posição da qual o Presidente da República enunciava, sendo essa considerada como anticientífica. Contudo, um sujeito, retomando Indursky (1992), pode se relacionar de

diferentes maneiras com uma determinada Forma-Sujeito⁶² de uma formação discursiva. Nesse sentido, entendemos que, nesse processo discursivo, o sujeito produz mais de uma imagem sobre “o que é ser um bom Presidente”. Entretanto, a imagem produzida funciona para garantir o seu lugar social, conforme podemos observar nas SD abaixo:

SD5-E1: Passei de carro, não parei e depois, fui para a presidência da república e ali de dentro da presidência o povo se aglomerou na frente e eu fui **conversar com o povo**, tirei fotografias, trocamos ideias, informações.

SD6-E2: Agora, eu resolvi **apertar a mão do povo**, escuta aqui, eu não convoquei o povo para ir para as ruas e isso é um direito meu, afinal de contas eu **vim do povo**, você bem disse, **eu venho do povo brasileiro**.

SD7-E2: Eu tenho a obrigação, a moral de **atender a população**.

SD8-E2: Eu sou **escravo**, quase escravo, da **vontade popular**.

Com base nos enunciados acima, é possível observar que os excertos “fui conversar com o povo” (SD5), “fui apertar a mão do povo” (SD6) e “eu sou escravo [...] da vontade popular” (SD8) funcionam em prol desse sujeito, tendo em vista que essas construções linguísticas reproduzem um sentido de proximidade com o povo. O efeito reproduzido é garantido pelo funcionamento do pré-construído de que o homem político precisa ter apoio popular e uma boa relação com o povo que representa. Entretanto, podemos observar que não se trata de *qualquer* povo, mas da parcela da população que apoia o Presidente.

Indursky (1992), ao analisar o discurso Presidencial da III República do Brasil, constata, também, um excesso de termos tal como “povo”. Além disso, a pesquisadora caracteriza a imagem de Presidente democrata, construída por esses governantes, como um simulacro⁶³, tendo em vista que essa imagem estaria baseada “na suposta imagem que os brasileiros possuem de um Presidente democrata” (INDURSKY, 1992, p. 52). Esse estudo é relevante para este trabalho, uma vez que duas imagens referentes aos Presidentes da República desse período se fazem presentes no

⁶² Segundo a autora, ao se relacionar com o Sujeito do saber, os sujeitos do discurso produzem diferentes efeitos-sujeitos.

⁶³ A teórica explica essa noção a partir de Deleuze (1974) que, por sua vez, está baseado no filósofo Platão. Assim, o simulacro seria falsa cópia, isto é, baseia-se na cópia, mas não se confunde com ela, pois é uma imagem sem semelhança.

processo discursivo que estamos analisando: a imagem do “Presidente democrático” e a imagem do “Presidente injustiçado”. É importante salientar que na SD6 um outro efeito é produzido em “afinal eu vim do povo” e “eu venho do povo brasileiro”: o efeito de pertencimento a uma determinada classe. Logo, “se o sujeito veio do povo, ele sabe o que o povo quer e precisa”.

Outro ponto importante é autodesignação “escravo” em “eu sou escravo” (SD8). O predicativo do sujeito “sou escravo” funciona corroborando com a imagem de sujeito popular, pois ser escravo significa ser submisso, e, no complemento nominal “da vontade popular”, encontramos a o quê o sujeito é submisso; isso redundando em dizer que o sujeito seria submisso à população. Além disso, seria diferente se o sujeito dissesse: “estou a serviço da vontade popular” ou “estou à disposição da população”, o que causaria um outro efeito de sentido, tendo em vista que o sentido, como vimos, não está na palavra, mas na relação dela com a história. Assim, a historicidade do termo “escravo” nos remete à subjugação total frente à determinação do outro. Com referência ao “escravo”, muitos sentidos como, por exemplo, *sofredor* e *submisso* foram sendo associados ao termo escravo, sendo que o sujeito-enunciador faz apelo a um passado que não corresponde ao seu lugar social para significar seu “modo de governar”. Ademais, ao utilizar essa designação, o sujeito faz uso de uma incisa “quase escravo” da vontade popular, a qual serve para corrigir a expressão “sou escravo” e faz com que a imagem de “Presidente popular” possa ser questionada. Consideramos que há, aqui, a tentativa de produzir uma imagem de si próxima à da principal figura do Cristianismo, tal como um Messias que é próximo da população e poderá produzir o milagre da resolução dos problemas do país.

Assim, a historicidade do termo “escravo” nos remete à época da escravidão no Brasil, que teve início no século XVI, onde povos que aqui residiam ou que para cá foram trazidos, como o caso dos indígenas e africanos, respectivamente, eram obrigados a prestar trabalhos sem receber qualquer recompensa por isso. Além disso, as condições insalubres de trabalho e sobrevivência faziam com que muitos escravos adoecessem e, posteriormente, viessem a óbito. Dessa forma, muitos sentidos como *sofredor*, *submisso* e *sub-humano* foram sendo associados ao termo escravo. Com isso, entendemos que o sujeito faz apelo a um passado que não corresponde ao seu lugar social para significar seu “modo de governar”. Ademais, ao utilizar essa designação, o sujeito faz um “recorte” da história, recorte esse que demonstra o

passado sofrido e negativo de grande parte do povo brasileiro, mas que, ao retornar no nível intradiscursivo, faz com que ser “Presidente democrático” signifique ser alguém submisso, sofredor e digno de pena.

Podemos afirmar que o imaginário de “escravo” que autoriza a formulação observada na SD8-E2 está vinculado à posição da branquitude, a qual se relaciona a um imaginário romântico da escravidão, como se o presidente colocasse os interesses da população acima de seus próprios interesses. Ser escravo é fazer um sacrifício, tal como um ser bíblico, um messias. Este imaginário funciona, também, como imaginário de Presidente injustiçado. Defender os interesses da população, nas condições de produção a partir das quais os enunciados são produzidos, envolve não considerar a pandemia como uma ameaça à população, já que coloca o povo acima de si mesmo. Proteger o povo e estar com o povo significa garantir as condições de trabalho necessárias para que o povo siga recebendo seu salário e mantendo a economia funcionando; proteger o povo não significa garantir as condições de manutenção das pessoas em suas casas para evitar a circulação do vírus. Com isso em mente, passaremos para o próximo recorte a fim de analisarmos uma outra imagem: a imagem do “presidente injustiçado”, que é reproduzida nas seguintes SD:

SD9-E2: eu tô **sozinho** em um canto, **sozinho** em um canto, **apanhando de todo mundo**, grande parte da mídia, não são todos tá?

SD10-E2: Estou fazendo a minha parte, agora repito: querer **jogar nas minhas costas**, uma possível disseminação do vírus, tendo em vista eu ter ido cumprimentar alguns aqui, que tinha algumas centenas, apenas, na frente da... da presidência da república, muito menos gente do que estava na Oca do Parque do Ibirapuera...ah isso daí, beira, no meu entender, não é da tua parte não, mas beira, beira, beira a uma politicagem, a mais, a mais, a mais arteira possível.

SD11-E2: É uma **carga enorme pra cima de mim**. Mexe com a minha família toda, toda.

SD12-E2: Você sabe qual foi o único deputado que discursou contra ela? Foi eu. Ninguém mais ninguém discursou contra. **Apanhei** feito um cão danado por vários dias, em especial na rádio CBN. **Não me deram espaço** pra dizer porque eu tava contra esse projeto.

SD13-E2: Agora, as mídias sociais bate nele, **bate em mim**, bate em você também, bate em todo mundo.

SD14-E2: E tudo que eu poderia interferir, **vem pancada em cima da gente** o tempo todo, como se o grande responsável por tudo que acontece de errado, no Brasil, sou **eu apenas**, tá?

SD15-E2: Então essas questões, não tem nada demais o governador falar: olha, o ICMS sempre foi dessa maneira, sempre foi assim, vamos ver o que a gente pode fazer. E **não atacando**, fazendo abaixo assinado, **vinte governadores contra o Jair Bolsonaro**.

SD16-E2: Eu tô quinze meses calado, **apanhando, apanhando, apanhando, apanhando** calado.

SD17-E2: Eu **sou atacado** por essa banda da imprensa, né, não é todo mundo, vinte quatro horas por dia, o tempo todo fake news.

Nas sequências discursivas observadas acima, é possível notar um excesso do verbo apanhar, presente nas sequências discursivas 9, 12 e 16, o qual funciona em relação ao sujeito. Os verbos bater, atacar e jogar, presentes nas demais sequências, estão em uma relação parafrástica com o verbo apanhar e funcionam colocando o sujeito em posição de vítima, tendo em vista que ser atacado ou apanhar decorre de uma ação de um outro sujeito. No entanto, não estamos nos referindo a um sujeito em específico, tampouco ao sujeito empírico, mas da ação de um discurso-outro de outras posições no interior do discurso, isto é, o outro é reconhecido e representado enquanto um agressor – a rádio CBN, a imprensa, vinte governadores, as mídias sociais. Importa lembrar que a resposta do sujeito é decorrente de várias críticas surgidas na mídia a respeito da aglomeração realizada no dia 15 de março de 2020, bem como das inúmeras manifestações contra instituições da saúde e científicas.

Com isso, nas palavras do presidente, entendemos que “ser agressor” é ser a favor de uma posição científica, que valoriza a saúde ou ser contra a posição anticientífica; é falar a partir de uma posição contrária da posição a partir da qual o presidente enuncia. É nesse confronto, entre essas duas posições divergentes ideologicamente, que a imagem do Presidente injustiçado é reproduzida.

Ao refletir sobre a imagem do Presidente injustiçado produzida no discurso do ex-Presidente da República João Baptista de Oliveira Figueiredo, último Presidente do período da ditadura militar, Indursky (1992) expõe que ela (a imagem) advém do efeito perlocucionário, provocado nos seus interlocutores. Em virtude disso, ainda segundo a pesquisadora, essa imagem reflete a mágoa e o sentimento de injustiça

que invadem o sujeito. No entanto, a imagem do Presidente injustiçado, estava, igualmente, presente nos discursos de Castello Branco e Artur da Costa e Silva, também ex-Presidentes do período da ditadura.

No nosso *corpus*, consideramos que a imagem do Presidente injustiçado funciona como suporte para legitimar os discursos de Bolsonaro, e esse funcionamento se estende para a sua gestão dos efeitos da pandemia no país. Nesse sentido, qualquer manifestação contrária aos discursos do Presidente é considerada um ataque e, por isso, deverá ser desconsiderada pelo resto da população, vale dizer, “o cidadão de bem”, submisso. Em vista disso, as decisões do Presidente sobre como lidar com a pandemia devem ser tratadas como “as mais corretas, justas e adequadas”, mesmo diante de tantos ataques realizados por seus opositores.

Nesse ponto, é essencial que retomemos o estudo de Mariani (1996) sobre a imagem construída do Partido Comunista do Brasil (PCB) desde a década de 1920. De acordo com a pesquisadora, diferentes jornais representaram em diferentes períodos históricos o que entendiam por ser comunista. As designações associadas a tal partido eram sempre as mais inusitadas: sectário, feroz, tirano, desvairado, inimigo, vermelho e perigoso. Há ainda de se considerar, com base nessa mesma autora, que os ditos “comunistas” não tinham ou mal tinham espaço na imprensa brasileira, tendo em vista o perigo que representavam para a sociedade. A imagem outrora construída sobre os comunistas ou aqueles opostos ao governo vigente parece, no processo discursivo analisado, ser retomada do interdiscurso, tendo em vista o “perigo” que os “agressores”, “esquerdopatas” também representam. Esse saber retorna na forma de um pré-construído, de uma imagem cristalizada, proveniente de uma formação discursiva específica, mas que deixaremos para analisar posteriormente, dada a sua importância.

A última imagem referente ao Presidente que será analisada pode ser designada como “a imagem do Presidente Salvador”, tendo em vista a missão e o dever do qual o sujeito estaria incumbido, conforme pode ser observado no nosso próximo recorte discursivo:

SD18-E2: O Brasil tava mergulhado na crise ética, moral e econômica. **Nós** começamos a recuperar.

SD19-E2: Então tem muita coisa **que eu tô evitando que o povo gaste**, cortando né... é... cortando práticas anteriores ao meu governo, isso desagrade muita gente

SD20-E2: estou consciente **da minha responsabilidade**, devo lealdade ao povo brasileiro, vou continuar sendo leal ao povo brasileiro, **se tiver que sair às ruas, eu saio às ruas**, não vou convocar, continuo achando que tem que evitar ajuntamento de pessoas, mas o vírus é uma realidade.

SD21-E2: Eu **tenho poder** de veto, tem uma coisa, **eu interfiro** em qualquer ministério, **até da economia que é o mais forte, o mais fraco** que é da Damares, **da mulher ali**, que tem o menor orçamento. Tenho esse poder de interferir, interfiro. Se tiver que interferir na justiça, que é o do Sérgio Moro, eu vou interferir e ponto final. Agora, **esse é o meu papel**, por isso que o Brasil tá dando certo.

Na SD18-E2 é possível observar a utilização da primeira pessoa do plural em “Nós começamos”. No entanto, o “nós”, no âmbito discursivo, merece algumas considerações, tendo em vista que, para Indursky (1992), o uso de nós “designa um conjunto lexicalmente não-nomeado”, entendido por essa pesquisadora como uma não-pessoa discursiva (INDURSKY, 1992, p. 65). No entanto, trataremos tal enunciado a partir da noção da falta, proposta por Ernst (2009), pois entendemos que, nele, há algo que falta na estrutura sintática de modo que podemos questionar: nós quem? “Nós” representa o governo? Talvez, represente a família Bolsonaro? Ou “nós” se refere aos seus apoiadores e a todos os que se identificam com o governo Bolsonaro?

Para respondermos a esses questionamentos, faz-se necessário levarmos em consideração as demais sequências discursivas SD19-E2, SD20-E2 e SD21-E2. Na SD19-E2, o sujeito alega estar evitando que o povo gaste; na SD20-E2 diz estar consciente da sua responsabilidade por meio do complemento nominal (*da minha responsabilidade*); na SD21-E2, o sujeito alega ter poder e interferir, bem como saber qual é o seu papel. O enunciado em primeira pessoa do singular, e, também, o uso de pronomes possessivos, descartam a possibilidade de o sujeito estar fazendo referência ao governo na SD18-E2, tendo em vista que, ao mencionar as tarefas correspondentes a determinados órgãos do governo, o sujeito faz uso do “eu” como em: “eu tô evitando que o povo gaste”. Como sabemos, um Presidente não faz nada sozinho, sendo que depende de outras instâncias, mas essa sequência evidencia a imagem que o sujeito faz de sua posição, ou seja, ser um Presidente justificaria a legitimidade ou não de qualquer ação.

Outro ponto central da nossa análise diz respeito à imagem produzida pelo sujeito, sendo que essa poderia ser designada como a imagem do “Presidente Salvador”. O processo de constituição dessa imagem parte do nível linguístico através

do uso de expressões como: “tenho o poder”, “esse é o meu papel”. Entretanto, esse processo não se esgota nesse nível, tendo em vista que devemos considerar o contexto sócio-histórico, isto é, o fato de que o mandato do sujeito foi precedido por outro governo, sobre o qual foi constituída uma outra imagem: a imagem de bandidos, inimigos, etc. Nesse sentido, o PT está para inimigos enquanto Bolsonaro está para “salvador”, sendo que precisa livrar o povo das consequências oriundas desse inimigo. Assim, a designação “Presidente Salvador” funciona representa o processo de constituição dessa imagem e coloca em circulação os saberes de uma determinada formação discursiva.

Assim, a designação “Presidente Salvador” funciona, no discurso, ainda que de forma implícita, representando o processo de constituição dessa imagem e colocando em circulação os saberes de uma determinada formação discursiva. Se considerarmos as três imagens construídas ao longo desse processo discursivo, a saber, a imagem de Presidente popular, de Presidente injustiçado e de Presidente Salvador, veremos que, quando associadas, nos remetem a um domínio do saber muito específico: o religioso. Desse modo, pelo funcionamento da memória discursiva, o sujeito retoma características atribuídas a Jesus Cristo, tendo em vista que esse último foi popular, pois dividiu o pão e o vinho igualmente entre si e seus seguidores. Além disso, Cristo foi injustiçado, uma vez que julgado e crucificado, bem como Salvador porque, mesmo sendo morto, conseguiu salvar a humanidade do pecado e da destruição.

No que diz respeito à pandemia, a construção de uma imagem de “Presidente Salvador” por parte do sujeito que, vale relembrar, ocupa uma posição de prestígio no meio social, é muito conveniente, sendo que o efeito de sentido produzido seria aquele de que só ele (Presidente), por ser um enviado direto de Deus, teria poder para controlar a pandemia ou sabedoria suficiente para controlar seus efeitos. Além disso, seus discursos, conforme mencionado, teriam um teor importante e deveriam ser valorizados, pois seria o próprio “mensageiro” de Deus quem fala, o Messias. Diante disso é possível sustentar que saberes religiosos e políticos estão presentes no discurso desse sujeito, mas não por acaso.

Um olhar menos atento levaria a pensar que o sujeito se filia à formação discursiva Cristã. No entanto, devemos considerar que, nesse processo, há uma

contradição em relação à imagem do sujeito, tendo em vista que, ao minimizar os efeitos do vírus sobre a população, assim como especificar quem será atingido, nesse caso, os idosos e as pessoas com doenças pré-existentes, o sujeito se afasta consideravelmente dos saberes advindos de uma formação discursiva Cristã, pois naturaliza os efeitos do novo coronavírus sobre as pessoas mais vulneráveis, sem propor que algo seja feito nem mostrar-se preocupado com isso. Ao invés de defender os mais vulneráveis, os coloca como o principal foco do vírus, reconhecendo a não importância deles para a sociedade (para a economia). São, portanto, descartáveis. Além disso, se atentarmos para a SD21, veremos que o sujeito coloca em circulação os saberes de uma FD machista ao expor: eu tenho poder de veto, tem uma coisa, eu interfiro em qualquer ministério, até da economia que é o mais forte, **o mais fraco** que é da Damares, **da mulher ali**, que tem o menor orçamento. Nesse enunciado, ao utilizar a expressão “mais fraco” associado à mulher, o sujeito atualiza um saber pré-construído de que a mulher é o “sexo frágil”.

Nesse sentido, consideramos que, através do efeito de simulação, assim como através da falta analisada na SD18-E2, o sujeito forja um imaginário de si, pois, de acordo com a análise que empreenderemos, mais adiante, acerca da histeria, o sujeito evidencia a preocupação com o lado econômico, mas não tanto com o “povo” (uma parcela dos brasileiros), aos quais alega servir (SD7-E2 e SD8-E2). Com isso, reconhecemos que o processo de interpelação atua através da religião e do patriarcalismo, sobredeterminados pela identificação do sujeito com os mecanismos de exploração próprios da versão neoliberal do capitalismo. Todos esses elementos parecem configurar uma formação discursiva de extrema direita.

Retomamos o estudo de Ernst, Silva e Vieira (2019) para falarmos sobre o efeito de simulação. Ao analisarem a foto de Bolsonaro no evento “Marcha para Jesus”, ocorrido em junho de 2019, as analistas observam elementos provenientes de dois campos ideológicos distintos: o primeiro diz respeito ao religioso, enquanto o segundo se refere ao campo político. No discurso do sujeito, os saberes provenientes de uma formação discursiva religiosa se sobrepõem à memória da FD de extrema direita, sendo essa última representada por pressupostos que instigam a violência por meio de gestos, simbolizando o ato de atirar com uma arma. E as pesquisadoras acrescentam:

A isso, estamos propondo relacionar a expressão “efeito de simulação”, tomada de Pêcheux (1988), mas relativamente ao discurso político. Nessa perspectiva, consideramos a simulação como um efeito de sentido em que elementos da memória de uma determinada formação discursiva interpõem-se a outra, sob forma de discurso repetido, sem que haja assimilação, ou melhor, absorção no espaço discursivo em que incidem. Essa definição aproxima-se do conceito de pré-construído; entretanto, essa interposição constitui-se num *mise-en-scène*, por proporcionar o mascaramento de pressupostos ideológicos que se querem impor. Outro aspecto a ser observado é que a contradição existente entre as duas FDs, no caso do exemplar apresentado, aparece de forma explícita (ERNST; SILVA; VIEIRA, 2019, p.118).

Essa passagem, extraída do texto das pesquisadoras, nos auxilia no entendimento do “efeito de simulação”. No nosso *corpus*, algo semelhante ocorre, pois consideramos que os saberes da formação discursiva cristã funcionam em consonância com saberes de uma outra formação discursiva, a qual ficará mais evidente à medida que avançarmos nas análises. Nesse sentido, consideramos que, no nosso *corpus* discursivo, o sujeito fala de uma posição que pode ser associada a uma formação discursiva de extrema direita, tendo em vista que retoma certos aspectos (não todos) dos regimes fascistas, mas que deixaremos para discutir após a análise acerca da designação *histeria*, na próxima seção, dada a importância da configuração de uma formação discursiva ao longo do processo de análise.

4.2.3 O funcionamento discursivo da designação *histeria*

O último recorte discursivo tem como objetivo refletir sobre a recorrência da designação *histeria*, bem como sobre as diferentes formas que essa designação irrompe no fio do discurso. Chegamos, portanto, à parte final do nosso trabalho e, também, à reflexão sobre o nosso objetivo principal, a qual somente será possível de ser engendrada após a realização dos dois gestos de interpretação anteriores. Para tanto, é imprescindível falarmos sobre a imagem que o sujeito faz das medidas preventivas, a qual poderá fazer referência a outras posições-sujeito. Tendo dito isso, passaremos a analisar a nossa primeira sequência discursiva, referente ao primeiro episódio:

SD22-E1: Devemos respeitar tomar as medidas sanitárias cabíveis, mas não podemos entrar em uma **neurose** como se fosse o fim do mundo.

O enunciado acima foi proferido em seguida de o sujeito alegar que: “independente dos cuidados que tomem, muitos pegarão o vírus” (SD1-E1).

De acordo com o gesto analítico que estamos empreendendo, a sequência discursiva S22-E1: “Devemos respeitar tomar as medidas sanitárias cabíveis, mas não podemos entrar em uma neurose como se fosse o fim do mundo” demonstra a sujeição do sujeito a uma certa posição no discurso, de modo que “devemos respeitar” materializa esse processo de assujeitamento. Essa afirmação pode ser confirmada pela oração coordenada sindética adversativa “mas não podemos entrar em uma neurose como se fosse o fim do mundo”, que pode ser entendida como uma negação do discurso científico que, preocupado com a saúde dos brasileiros, defendeu comportamentos de cunho mais restritivos como o distanciamento, o isolamento entre outros. Nesse sentido, “neurose” está em relação de paráfrase com “histeria” e se refere a esses comportamentos. A expressão “devemos respeitar” se conecta a imagem do “Presidente Salvador”, de forma que as “medidas cabíveis” seriam dadas por esse ser que, diante de tanto poder e saber, deveria, conforme já dissemos, ser tratado como o enviado de Deus, “um novo Messias”.

Ao mencionar que “devemos tomar as medidas sanitárias cabíveis” é possível observar uma falta: quem deve respeitar? Quais são as medidas sanitárias cabíveis? Esse ponto é importante, pois a afirmação entra, aparentemente, em contradição com o que vinha sendo defendido pelo sujeito. Logo após, temos uma oração coordenada sindética introduzida por uma conjunção adversativa “mas”: [...] “mas não podemos entrar em uma neurose como se fosse o fim do mundo”, a qual, aliada com o que é dito anteriormente, isto é, na oração coordenada anterior, nos permite realizar, pelo menos, três formulações sobre as medidas preventivas: (i) as medidas preventivas/sanitárias são essenciais para a prevenção ao vírus; (ii) existe o risco de se entrar em uma neurose devido às medidas preventivas; (iii) nem todas as medidas preventivas são cabíveis. Nesse sentido, algumas medidas para o sujeito são cabíveis; outras não. Contudo, nosso objetivo não é explicitar quais medidas são ou não aceitas com base em uma posição-sujeito, mas refletir acerca dos efeitos de sentido reproduzidos ao fazer uso de uma designação, assim como qual é o pressuposto que fundamenta a “aceitabilidade” de uma determinada medida preventiva enquanto outras devem ser esquecidas, silenciadas. Dito isso, passaremos às considerações acerca da SD23-E1:

SD23-E1: “Com toda a certeza há um interesse econômico envolvido nisso tudo para que se chegue a essa **histeria**. No passado, 2009/2010, tivemos uma crise semelhante, foi outra, outro problema aqui no mundo, mas aqui é o Brasil e era o PT que tava no governo e os Estados Unidos eram os democratas e a reação não foi essa que está havendo, não foi nem sequer perto dessa que está acontecendo hoje em dia, aqui no mundo todo”.

Na sequência discursiva supracitada, observamos uma menção ao domínio econômico, o que, para o sujeito, seria um dos motivos para a inserção das medidas preventivas que, dessa vez, são designadas enquanto *histeria*. Assim, *histeria* está em relação parafrástica com *neurose*, evidenciada na SD22-E1. A partir disso, já começamos a compreender que esse repertório de designações, isto é, *histeria* e *neurose*, utilizado para fazer referência às medidas preventivas, funciona amparado pela formação ideológica política, tendo em vista que evidencia a relação do campo político com a saúde. Segundo o que foi discutido no segundo capítulo do presente trabalho, o discurso dominante da saúde alega que todas as nações e povos têm o direito a uma adequada assistência de saúde, mas, de acordo com o discurso reproduzido pelo Presidente da República, as medidas preventivas, consideradas um dos meios mais eficazes e econômicos para o combate à pandemia, assim como de fácil acesso a todas as classes econômicas, uma vez que não envolve custos com medicamentos, é tratada como *histeria* – uma loucura e, como loucura, conforme posição a partir da qual enuncia, deve ser internada, isolada, colocada à margem.

Consoante a Pêcheux (2014), entendemos que as formações ideológicas são um complexo que permite o funcionamento da Ideologia em geral, interpelando os indivíduos em sujeitos, sendo a forma-sujeito atual *capitalista*. Com isso, o uso dessas designações atende aos propósitos dessa formação ideológica, inscrita no interior do Aparelho Ideológico Político e que se materializa através das formações discursivas colocadas em jogo. No entanto, tais formações discursivas não se dão *a priori*, mas no decorrer das análises, caso contrário, cairíamos no idealismo.

Nas sequências discursivas a seguir, será possível observarmos um excesso de termos como *economia*, bem como a reiteração da designação *histeria*. No entanto, devemos ressaltar que é interessante observar as diferentes formas como essa designação emerge no *corpus*. Na sequência abaixo temos o uso de *histerismo*:

SD24-E1-Quando você proíbe jogo de futebol entre outras coisas, você tá partindo para o **histerismo** no meu entender e eu não quero.

Importa analisar a utilização do gerúndio, bem como do sufixo “ismo” na designação *histerismo*. Desse modo, será necessário evocarmos algumas considerações a respeito desse sufixo, de forma que possamos compreender os efeitos de sentido produzidos. No entanto, além do nível morfológico, partiremos do nível sintático a fim de chegarmos a esses efeitos. Para isso, consideramos relevante a discussão sobre o trabalho de Araújo (2012), que parte do ponto de vista da semântica e gramática tradicional para compreender a formação de sentidos das palavras, quando acrescidas desse sufixo.

A autora, ao pesquisar a respeito do processo de constituição histórica e semântica do sufixo “ismo” e (i)dade em termos como “homossexualismo” e “homossexualidade”, nos oferece uma ótima reflexão para pensarmos sobre o funcionamento discursivo da designação *histerismo*, no nosso *corpus*, com base na perspectiva materialista do discurso. Ao discorrer sobre o processo de formação das palavras, a pesquisadora defende que:

No processo de constituição ou reformulação das palavras, há que se avaliar a proeminência do sujeito diante dos aspectos sociais e ideológicos que podem implicar na reconfiguração dos termos, já que os valores semânticos conferidos às palavras e aos seus elementos constituintes estão diretamente ligados às ideologias dos grupos sociais que se apropriam e conferem a elas significação (ARAÚJO, 2012, p. 9).

Neste ponto, a autora se aproxima do que é pressuposto pela Análise de Discurso, pois confere ao sujeito e à ideologia um papel fundamental na significação dos “termos”. Assim, torna-se importante mencionar uma citação de Orlandi (2001a, p. 47), a qual é basilar na AD materialista: “não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia”. E nesse sentido defendemos que esses termos (homossexualismo-homossexualidade) significam diferentemente, tendo em vista a relação deles com as condições de produção do discurso.

Ainda de acordo com Araújo (2012), o sufixo “ismo” tem a sua origem no Grego, tendo sido, mais tarde, incorporado no Latim vulgar. No Português brasileiro, é utilizado como um caracterizador de doutrinas, podendo tais doutrinas ser religiosas (Cristianismo, Hinduísmo), filosóficas (Darwinismo, Marxismo), mas também pode ser

encontrado em palavras que se referem ao modo de falar de certas pessoas (neologismo, latinismo). Entretanto, há termos como “racismo” e “homossexualismo”, que designam um discurso baseado na suposta “inferioridade de raças” e na crença da prática homossexual como um “estado patológico”, respectivamente. Ainda sobre esse último termo (homossexualismo), é possível observarmos a concorrência de um outro: homossexualidade, conforme mencionado anteriormente.

Por essa perspectiva, as designações *homossexualismo* e *homossexualidade* colocam em jogo saberes oriundos de diferentes regiões do interdiscurso: a primeira diz respeito a uma patologização da orientação sexual homossexual, ao passo que a segunda não faz relação com uma patologização. Essas designações podem corresponder, pela perspectiva da AD, ao funcionamento de distintas formações discursivas. É importante ressaltar a importância da ciência como uma das principais responsáveis pela propagação da designação *homossexualidade*.

De modo análogo, citamos Pinto (1832) para refletirmos acerca da designação *histerismo*. De acordo com esse autor, “Hysterismo” pode ser definido como doença **particular** das mulheres, que tem a sua causa na disposição da matriz. Entretanto, ao pesquisarmos em dicionários atuais, como, por exemplo, o dicionário online “priberam”, encontramos a seguinte definição para o termo: “estado **de quem** padece da histeria¹” e; estado de grande agitação, perturbação ou excitação²”. Percebe-se que, quando comparada com o século XIX, a definição de *histerismo* parece não relacionar esse estado patológico, especificamente, à mulher, mas ao ser humano. Retomando Araújo (2012), tal modificação, que acompanha os saberes considerados hegemônicos sobre o termo dicionarizado, parece acompanhar o avanço da ciência em relação a essa patologia, bem como o discurso científico atual. No entanto, essa mesma autora levanta o seguinte questionamento: se essa mudança é constatada, no meio científico, por que não houve a criação do termo *histeridade* para se referir a tal patologia? Nota-se que a língua, conforme apontam diversos autores da AD, embora sirva com base comum para os processos discursivos, de acordo com Pêcheux ([2014] 1975), carrega traços ideológicos, os quais podem ser atribuídos a outros processos discursivos. Uma vez realizada a discussão sobre o sufixo “ismo”, sobretudo acerca da historicidade da designação *histerismo*, passaremos para a discussão da estrutura sintática do enunciado: “quando você proíbe jogo de futebol

entre outras coisas, você tá partindo para o **histerismo** no meu entender e eu não quero”.

A utilização do verbo “partir” no gerúndio indica a continuidade de uma ação, algo que está acontecendo. Ao ser associado à designação *histerismo*, o sujeito produz o efeito de sentido de que algo está exercendo uma “força contrária” para desestabilizar o equilíbrio existente. Nesse sentido, existiria um estado não patológico que estaria sendo transformado em um estado patológico por algo ou alguém. Entendemos que, mesmo de forma inconsciente, o sujeito reconhece a existência de uma outra posição, sendo que tal “conhecimento” é materializado pela expressão linguística “no meu entender”. Além disso, ao fazer uso da designação *histerismo* para criticar quem se identifica com a posição da ciência, o sujeito incorpora no discurso os saberes de uma formação discursiva machista, a qual se relaciona intimamente com a formação discursiva de extrema direita, pois, caso contrário, não haveria a utilização da forma *histerismo* no lugar de *histeria*. Com isso, nota-se um deslizamento de sentido quando comparamos a SD24-E1 com a SD23-E1, pois a designação *histeria*, antes, fazia referência às reações da ciência e da população frente ao avanço do vírus, que podem ser representadas pela adesão das medidas de prevenção. Na SD24-E1, *histerismo* parece indicar um estado patológico ao qual pode se chegar, caso nada seja feito. As designações funcionam parafrasticamente. Assim, a presença do termo *histeria* ou *histerismo* no nível intradiscursivo está ligada a uma atualização da memória do discurso machista; caso contrário, poderiam ter sido empregados outros termos para fazer referência à situação ocasionada pela pandemia, como, por exemplo, *caos*, *pânico*, *medo*, *crise*. Se o sujeito-enunciador diz que *não pode haver histeria*, há, aí, efeitos de sentido relacionados à loucura em virtude do gênero em atualização.

Na próxima sequência discursiva, é possível observar uma preocupação do sujeito com o aspecto econômico em detrimento da saúde, bem como a retomada da designação *histeria*:

SD25-E1: Devemos tomar providência porque pode sim, transformar em uma questão bastante grave a questão do vírus no Brasil, mas sem **histeria**, a economia tem que funcionar, porque não podemos, não podemos ter uma onda de desemprego no Brasil.

Com base na sequência acima, o sujeito-enunciador chega a mencionar a necessidade de se tomar providência, mas não diz quem deve tomá-la nem como. Assim, podemos observar uma falta na estrutura sintática, representada por uma elipse. Entendemos que essa falta funciona no afastamento da responsabilidade do governo no que diz respeito às ações que deveriam ser tomadas em relação à pandemia. Dessa maneira, seria diferente se o sujeito tivesse formulado o seguinte enunciado: “o governo deve tomar providência” ou “o governo tomará providência”. No entanto, esse tipo de formulação não seria possível a partir da posição enunciativa do sujeito, pois, se recordarmos as sequências discursivas de número SD18-E2, SD19-E2, SD20-E2 e SD21-E2, o pronome pessoal do caso reto, conjugado na primeira pessoa do plural, “nós”, parece não designar o governo como um todo, mas designa o sujeito-enunciador e seus aliados. Nesse caso, “nós” designaria “eu” (o sujeito) + aqueles semelhantes ao sujeito. Entendemos, assim, que ele recruta o seu interlocutor para tomar providência, mas não qualquer uma, o que faz com que os efeitos de sentidos evidenciados na SD22-E1 e na SD23-E1 sejam retomados. Se nem todos no governo se identificam com a mesma formação discursiva do Presidente, sobretudo o Aparelho Ideológico da Saúde representado pelo Ministério da Saúde, é possível dizer que há uma contradição ideológica entre o Aparelho Ideológico de Saúde e o Aparelho Ideológico Político, pois, ao se desidentificar com a formação discursiva do Presidente, o principal representante do Ministério da Saúde, Luiz Henrique Mandetta, naquele momento, resiste⁶⁴ à Ideologia dominante ao defender as medidas preventivas e, conseqüentemente, a ciência⁶⁵. No entanto, tal resistência culminou na exoneração do então Ministro da Saúde, conforme evidenciado no segundo capítulo, o que configuraria uma tentativa de silenciar o discurso-outro.

É importante atentarmos para a expressão “mas sem histeria”, pois ela impõe uma condição, isto é, algo que não poderia acontecer. Se recordarmos a SD22-E1 (Devemos respeitar, tomar as medidas sanitárias cabíveis, mas não podemos entrar em uma **neurose** como se fosse o fim do mundo), o funcionamento discursivo dessas

⁶⁴ Em seu texto, “Só há causa daquilo que falha ou inverno político francês: início de uma retificação”, Michel Pêcheux ([2014] 1975) reconhece que não há ritual sem falhas. Sendo assim, a interpelação ideológica nem sempre é plena, isto é, o sujeito pode resistir a tal interpelação.

⁶⁵ No dia 30 de março, Luiz Henrique Mandetta, então Ministro da Saúde, defendeu o isolamento social. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/8444215/>>. Acesso em: 03/01/2022.

duas sequências pode ser considerado parecido, mas, se lembrarmos de que tanto *neurose* como *histeria* designam algumas das medidas preventivas, veremos que os efeitos da SD22-E1 são reproduzidos na SD25-E1.

Além disso, a aparente preocupação com o lado econômico, além de evidenciar a determinação da superestrutura pela infraestrutura, dá base a toda formação social, funciona para responsabilizar aqueles contrários ao governo por essa crise econômica, bem como pode ser uma das possíveis respostas para a questão colocada previamente no início da nossa reflexão acerca da designação *histeria*: qual é o pressuposto que legitimaria a aceitabilidade de uma medida preventiva contra o novo coronavírus, enquanto outras deveriam ser esquecidas? Entendemos, assim, que a economia seria um impedimento para medidas mais restritivas, como propunha o Ministério da Saúde, o que pode ser confirmado pelo enunciado abaixo:

SD26-E2: “Tudo continua funcionando no Brasil. Tudo. Tá havendo uma **histeria**. Se você acaba com (), quando você proíbe em jogos de futebol, não vou entrar em detalhes, não sei com profundidade porque a CBF está discutindo a respeito da posição deles aí... Agora quando você vai falar de futebol, o cara que vende aí, o chá mate aí... nas arquibancadas, não vai vender mais, o cara que toma conta lá fora de carro, não vai tomar conta mais disso”.

Como primeiro gesto, atentamos para o sintagma nominal *uma histeria*, pois seria diferente se o sujeito tivesse dito apenas “histeria” ou “muita histeria”, por exemplo. O artigo indefinido, nesse caso, produz uma particularização da *histeria*, isto é, não é qualquer uma ou é “uma” em específico. Logo, o que esse sintagma designa também sofre os efeitos dessa particularização. Se considerarmos as condições de produção do enunciado – ou seja, o surgimento da pandemia, a qual começava rapidamente a se espalhar por todo o país, o que pode ser constatado pelo alto número de rumores e suspeitas no início de março de 2020 e, posteriormente, confirmações entre o fim de março e começo de abril, conforme evidenciado no segundo capítulo, bem como os protocolos referentes às medidas preventivas, que já recomendavam o isolamento e não aglomeração –, entendemos que o sintagma “uma histeria” reproduz saberes de uma formação discursiva com a qual aqueles que valorizam a vida em detrimento da economia não se identificam.

Se considerássemos uma substituição no nível linguístico, que levasse em conta as mesmas condições de produção citadas acima, como, por exemplo, “tá

havendo uma mentira” ou “uma traição”, teríamos como mentirosos a mídia, que, baseada nos protocolos do Ministério da Saúde e nas experiências de outros países, foi responsável por fazer circular saberes científicos acerca do vírus. Desse modo, também teríamos a ciência como mentirosa, enganadora ou manipuladora, o que evidenciaria a posição anticientífica sustentada pelo sujeito.

A relação da infraestrutura com a superestrutura ideológica é evidenciada pela referência ao “cara do chá-mate”, ao “cara que toma conta dos carros fora dos estádios”, tendo em vista que as diferentes classes econômicas representariam a infraestrutura e esses “caras” que ocupam um lugar economicamente desfavorável e de pouco prestígio no meio social funcionariam como um forte argumento para a não adoção às medidas preventivas, tomadas no âmbito superestrutural. Entendemos, com base na análise dessa sequência, que há uma aparente preocupação com a possibilidade de desemprego das pessoas que exercem tais funções, entre outras. No entanto, não há uma preocupação com a possibilidade de essas pessoas contraírem o vírus e morrerem. Desse modo, o sujeito resgata do interdiscurso a memória de outras crises vivenciadas no país ou no mundo, o que evidencia o funcionamento da memória discursiva.

O próximo enunciado está relacionado com a SD22-E1, a qual defende a instituição de algumas medidas, as quais devem ter como pressuposto a estabilidade financeira (SD25), o que implicaria no não fechamento do comércio:

SD27-E3: Mas, o que tínhamos que conter naquele momento **era o pânico, a histeria** e ao mesmo tempo, traçar a estratégia para salvar vidas e evitar o desemprego em massa. Assim fizemos quase contra tudo e contra todos.

Nessa sequência discursiva, *pânico* está em relação parafrástica com *histeria*, bem como *neurose* (SD1-E1). “Naquele momento” faz referência aos primeiros dias do mês de março, mais especificamente ao dia 11 de março, quando da declaração oficial do surgimento de uma pandemia. Com isso, muitas pessoas começaram a temer por suas vidas, diante de uma ameaça até então desconhecida. Assim, a designação *histeria*, para Bolsonaro, funciona designando o comportamento preventivo dos brasileiros frente à ameaça da doença. Nesse sentido, podemos citar, como exemplo, o discurso do Ministro da Saúde, Luiz Henrique Mandetta, pois cita

dados sobre o cenário pandêmico de outros países e faz algumas projeções sobre a disseminação do vírus no Brasil, conforme pode ser observado na imagem abaixo:

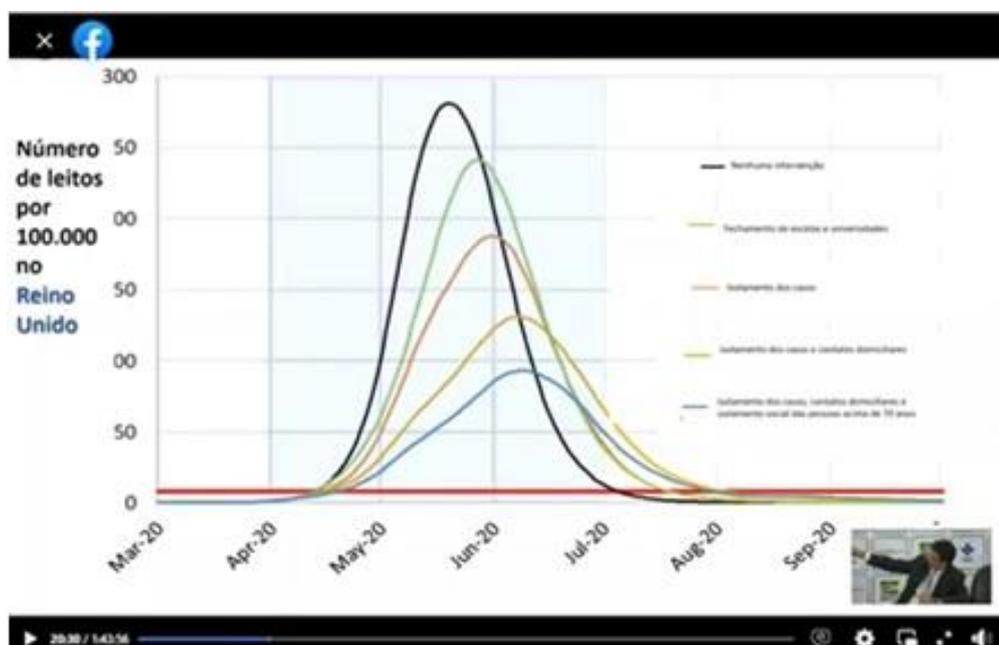


Imagem 09- Projeção sobre a disseminação do vírus

Como é possível observar na imagem acima, as projeções sobre os dados a respeito dos números de leitos no Reino Unido, em 19 de março de 2020⁶⁶, eram alarmantes, mas, ao mesmo tempo, apontavam medidas que poderiam ser adotadas a fim de minimizar o contágio. Soma-se a isso a falta de maiores informações sobre o novo vírus, o que contribuiu para que muitas pessoas ficassem apreensivas e para a adoção de medidas mais rígidas por parte de algumas esferas do governo.

Outro aspecto que deve ser mencionado diz respeito ao pronunciamento oficial⁶⁷, que foi realizado no final do mês de março de 2020 pelo presidente. Sendo assim, entendemos que a designação *histeria* está relacionada com os eventos anteriores, os quais já tinham sido objeto de discurso do Presidente da República (“Mas o que tínhamos que conter **naquele momento**, era o pânico, a histeria...”). Logo, podemos fazer um paralelo com o enunciado do dia 15 de março (SD22-E1) e o do

⁶⁶ O print foi feito de uma live transmitida ao vivo pelo Ministério da Saúde no dia 19 de março de 2020. Disponível em: <https://fb.watch/auT7_CJ2Ki/>. Acesso: 10/01/2021.

⁶⁷ O pronunciamento oficial consiste em um dos arquivos que possibilitou o acesso às sequências discursivas e, posteriormente, a constituição do nosso *corpus* discursivo.

dia 16 de março (SD26-E2), em entrevista para a CNN e ao Datena, a fim de compreendermos outros sentidos:

SD22-E1: “Devemos respeitar, tomar as medidas sanitárias cabíveis, mas não podemos entrar em uma **neurose** como se fosse o fim do mundo”.

SD26-E2: “Tudo continua funcionando no Brasil. Tudo. Tá havendo uma **histeria**. Se você acaba com (), quando você proíbe em jogos de futebol, não vou entrar em detalhes, não sei com profundidade porque a CBF está discutindo a respeito da posição deles aí... Agora quando você vai falar de futebol, o cara que vende aí, o chá mate aí... nas arquibancadas, não vai vender mais, o cara que toma conta lá fora de carro, não vai tomar conta mais disso”.

Interessa observar que, tanto na SD22-E1 quanto na SD26-E2, há a presença do artigo indefinido “uma”, sendo que já vimos que “uma neurose” e “uma histeria” estão em uma relação parafrástica. Além disso, vale lembrar que as condições de produção do discurso são as mesmas, o que faz com que os efeitos de sentidos sejam semelhantes. Entretanto, enquanto na SD22-E1 o sujeito se refere à entrada em uma *neurose*, dando a ideia de que algo poderia acontecer, na SD26-E2 algo já está acontecendo, pois “tá havendo uma *histeria*”. Isso pode ser explicado pelas inúmeras reações presentes na mídia no que se refere à postura do sujeito, entre os dias 15 e 16 de março, tendo em vista que designação a *histeria* já havia sido utilizada⁶⁸. Com isso, podemos passar para a SD27-E3, na qual a *histeria* é tratada como algo que já teria ficado no passado, pois os verbos “tínhamos” e “ser”, no pretérito imperfeito, permitem essa interpretação.

Para entendermos o funcionamento dos verbos no pretérito nesse enunciado, é imprescindível considerarmos que, no dia 15 de março, o Presidente havia se encontrado com os seus apoiadores, prática que, com o advento da pandemia, passou a ser designada como “aglomeração” pelo Ministério da Saúde, conforme pôde ser visto na imagem que dá início ao presente capítulo. É dizer que essa medida passou a ser designada, com base na forma como o sujeito se relaciona com a ideologia, como *histeria*. Contudo, não é apenas essa medida que é tratada assim, mas as

⁶⁸ Como exemplo, citamos uma matéria do “Correio Braziliense, datada do dia 15 do mês de março. A matéria referente à entrevista concedida pelo Presidente estava disponível nos diferentes meios de comunicação no dia 15 de março. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2020/03/15/interna_politica,834482/em-entrevista-bolsonaro-critica-histeria-pelo-coronavirus.shtml> Acesso em: 10/01/2022.

outras, como, também, o fechamento do comércio (SD24-E1 e SD25-E1). Nesse sentido, importa observar que são os saberes científicos que estão sendo negados e designados, sendo que o emprego em excesso da designação *histeria* é uma das formas materiais de fazer referência aos saberes científicos encontrada no *corpus*, pois quando tais saberes não são silenciados, emergem como aquilo que deriva de uma patologia, do absurdo ou anormal. Diante disso, passaremos para a análise da nossa próxima sequência:

SD28-E3: O cenário perfeito, potencializado pela mídia, para que **uma verdadeira histeria** se espalhasse pelo nosso país.

Na sequência acima, a designação *histeria* surge de uma forma diferente do que vínhamos observando, pois não é apenas “uma histeria”, mas “uma verdadeira histeria”. O termo “verdadeira” funciona qualificando a designação *histeria*, da mesma forma que dá mais ênfase a esse processo de designação. Devemos atentar para a possibilidade de substituímos essa estrutura linguística por uma paráfrase, a fim de compreendermos os sentidos que aí estão sendo ditos. Dessa forma, “uma verdadeira histeria” poderia ser substituída por “uma real histeria” ou “uma grande histeria”, de modo que os terroristas seriam os mesmos agressores da sequência discursiva.

Isso confirma que um discurso está em relação com outro, pois todos aqueles que não estão em acordo com o sujeito-enunciador são concebidos como agressores, terroristas e histéricos, sendo que esses termos formam uma família parafrástica significada a partir da formação discursiva de identificação do sujeito-enunciador. Na formação discursiva médico-científica, que está em contradição ideológica com a FD aqui designada como FD de extrema direita – em acordo com Ernst, Silva e Vieira (2019) -, podemos encontrar esses “agressores”, “terroristas” e “histéricos” sendo designados como “responsáveis”, “sensatos”, “conscientes” ou “preservadores da vida”.

Há um outro ponto para o qual devemos atentar, que diz respeito aos ataques à mídia, que, com base nos estudos científicos, procurava informar e alertar a população brasileira. Com isso, entendemos que o sujeito ataca a mídia, pois essa faz circular o discurso médico-científico. Tendo isso em mente, passaremos para a análise da nossa última sequência discursiva:

SD29-E3: **Sem pânico ou histeria**, como venho falando desde o princípio, venceremos o vírus e nos orgulharemos de estar vivendo nesse novo Brasil, que tem tudo, sim, tudo pra ser uma grande nação. Estamos juntos, cada vez mais unidos.

Nesse enunciado, temos a inserção de uma conjunção alternativa “ou” em “sem pânico ou histeria”, o que poderia nos levar à crença de que pânico e histeria assumiriam sentidos distintos, tendo em vista a utilização dessa conjunção que, segundo a gramática, tem o sentido de alternância ou equivalência entre dois termos, como, por exemplo, no enunciado “Ou você faz isso ou não será recompensado”. No entanto, devemos recordar Pêcheux ([1975] 2009) que, ao discorrer sobre a evidência do sujeito, o faz em relação ao sentido também. Tanto o sujeito quanto o sentido são construídos conjuntamente, não existindo sentido preso às palavras, mas dependente das condições de produção.

O verbo “vencer” em “venceremos o vírus”, segundo o dicionário “Dicio”, pode ser utilizado como sinônimo de “dominar”, “obter vitória”, “triunfar”, bem como é comumente utilizado em enunciados que se referem a um confronto, como, por exemplo, em: “vencer o adversário”. Em um primeiro momento, poderíamos imaginar que o sujeito estaria designando o vírus como adversário, o que é logo refutado pela inserção de uma oração coordenada sindética (“e nos orgulharemos de estar vivendo nesse novo Brasil, que tem tudo, sim, tudo para ser uma grande nação”). Sendo assim, há um “antigo Brasil” e “um novo Brasil”, sendo que, nesse “novo Brasil”, não haveria lugar para histeria (SD22, 25 e 27). Entendemos que existe um imaginário do “Brasil ideal” por parte do Presidente e daqueles que o apoiam, onde a valorização da ciência, da vida em detrimento da economia e de saberes dos opositores do Presidente não devem ter lugar. Nesse sentido, tal imaginário fica evidente, no discurso de Bolsonaro, por meio da SD18 (“O Brasil tava mergulhado na crise ética, moral e econômica. Nós começamos a recuperar”). O “nós” não designa o governo Bolsonaro como um todo, tendo em vista a contradição ideológica evidenciada entre o Aparelho Ideológico de Estado de Saúde e o Aparelho Ideológico de Estado Político. Dessa forma, a primeira pessoa do plural designa, apenas, aqueles sujeitos que se identificam com a formação discursiva que interpela o Presidente.

Assim, quem se orgulhará desse “novo Brasil” são aqueles que, dispondo de um grande capital ou dos meios de produção econômica fazem circular saberes como: “um comprimido resolve”, “a indústria farmacêutica possui todos os medicamentos

necessários para combater essa nova gripe”. Dessa forma, a indústria farmacêutica começou a gerar lucros⁶⁹, sendo que podemos citar, como exemplo, “o KitCovid” que, mesmo sem comprovação científica, passou a ser defendido pelo sr. Presidente da República. Posto isso, nos dirigimos para as nossas considerações finais acerca da designação *histeria*, com base em um texto de Pêcheux (2008).

Em uma de suas obras, “O Discurso: estrutura ou acontecimento”, o autor empreende uma análise sobre a expressão francesa “On a gagné” (ganhamos) quando utilizada no dia 10 de maio de 1981 em decorrência da eleição de François Mitterand para Presidente da República Francesa. O enunciado analisado, segundo o autor, provém do campo esportivo e é deslocado para o campo político, de forma que mantém a melodia específica e constitutiva do grito coletivo dos torcedores de uma partida de futebol. Nesse sentido, “On a gagné” passou a designar um acontecimento histórico: a ascensão da esquerda ao poder na França.

A referência aos estudos de Pêcheux nos mostra que a designação *histeria* não parece sofrer um deslizamento de sentidos, quando deslocada do campo médico-científico para o político, exceto se considerarmos a SD26 (“Tudo continua funcionando no Brasil. Tudo. Tá havendo uma **histeria**. Se você acaba com (), quando você proíbe em jogos de futebol, não vou entrar em detalhes, não sei com profundidade porque a CBF está discutindo a respeito da posição deles aí... Agora quando você vai falar de futebol, o cara que vende aí, o chá mate aí... nas arquibancadas, não vai vender mais, o cara que toma conta lá fora de carro, não vai tomar conta mais disso”). Nesse caso, ao substituímos “tá havendo uma *histeria*” por “tá havendo uma mentira/traição”, teríamos o que Pêcheux ([1997] 1969) designou como um efeito metafórico:

Chamaremos efeito metafórico o fenômeno semântico produzido por uma substituição contextual para lembrar que esse ‘deslizamento de sentido’ entre x e y é constitutivo do ‘sentido’ designado por x e y; esse efeito é característico dos sistemas linguísticos ‘naturais’, por oposição aos códigos e às línguas ‘línguas artificiais’, em que o sentido é fixado em relação a uma metalíngua ‘natural’: em outros termos, um sistema ‘natural’ não comporta uma metalíngua a partir da qual seus termos poderiam se definir: ele é por si mesmo sua própria metalíngua (PÊCHEUX, [1997] 1969, p.96).

⁶⁹ Em abril de 2021, foi publicada uma matéria pelo jornal “El país” na qual é exposto que farmácias venderam mais de 52 milhões de comprimidos do “kitCovid” de março de 2020 a março de 2021. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/brasil/2021-04-21/farmacias-venderam-mais-de-52-milhoes-de-comprimidos-do-kit-covid-na-pandemia.html>>. Acesso: 15/01/2022.

O efeito metafórico ao qual o autor se refere produz um deslizamento de sentido como no caso da substituição de “histeria” por “traição” ou “mentira” na análise da SD26. Esse deslizamento, como vimos, em certas condições de produção, significa de uma determinada forma.

As análises empreendidas evidenciaram a subjetivação do sujeito enquanto “aquele que pode mudar o país”, isto é, o “Salvador”; a construção de um imaginário sobre o vírus por meio do termo “gripezinha”, bem como das medidas preventivas por meio da designação *histeria*. É necessário expor que as formas materiais analisadas constituem um mesmo processo discursivo, sendo que, para que o discurso sobre as medidas preventivas tenha maior legitimidade, foi necessário, antes, a construção da imagem do sujeito como aquele que se importa com o povo e quer, apenas, salvá-lo da “histeria”, sendo que essa designação parece, com base nas análises apresentadas, fazer referência tanto às medidas preventivas quanto aos sujeitos que as defendem. No entanto, é preciso retomarmos o efeito de simulação ao qual nos referimos anteriormente, sendo que, ao construir a imagem de um “Presidente Popular” (“Eu tenho a obrigação, a moral de **atender a população**”); Presidente Salvador (“Então tem muita coisa **que eu tô evitando que o povo gaste**, cortando né... é... cortando práticas anteriores ao meu governo, isso desagrade muita gente”); e “Injustiçado” (“Então tem muita coisa **que eu tô evitando que o povo gaste**, cortando né... é... cortando práticas anteriores ao meu governo, isso desagrade muita gente”), o sujeito simula, no seu discurso, uma preocupação com a saúde dos brasileiros. Contudo, só a partir da análise da designação *histeria* é que fica evidenciado o “efeito de simulação” presente na construção da imagem do Presidente, pois um Presidente democrático e que se importa com o seu povo não poderia “designar” as medidas que protegem esse mesmo povo como uma *histeria*, em prol da economia.

Com isso, é possível observar que ao introduzir elementos da necropolítica (no caso de determinar quem deverá morrer em decorrência do vírus ou não), bem como ao se opor a certas instâncias do governo como o Ministério da Saúde, atacando as medidas implementadas por essa instância, o sujeito se inscreve em uma formação discursiva de extrema direita, que também poderíamos entender como *protofascista*.

O prefixo “proto” exprime a noção de primeiro, algo que é anterior⁷⁰. Assim, a palavra “protofascismo” designaria o período que precede o fascismo, ou ainda, um processo de fascistização, conforme expõe Fontes (2019). Com o objetivo de explicitar mais sobre esse processo, teceremos algumas considerações dessa última pesquisadora sobre o protofascismo:

Sabemos que há enorme diferença entre um presidente eleito com discurso fascista, a disseminação de práticas de cunho fascista e a institucionalização de um regime fascista. Não necessariamente o primeiro caso leva ao último, e espero que não. Tampouco é sensato não debruçar-se sobre os sinais que indicam traços de fascistização que já vem ocorrendo, pois parece haver gravidade suficiente no que se pode observar, desde o ponto de vista do reordenamento do Estado brasileiro pelo governo Bolsonaro. Está em curso um redesenho constitucional e institucional, realizado tanto por meio de Emendas Constitucionais, Medidas Provisórias, Decretos, leis, além de subterfúgios administrativos. Este ensaio propõe uma primeira interpretação – sujeita a debates - sobre a reconfiguração em curso do formato institucional do Executivo brasileiro e algumas de suas consequências (FONTES, 2019, n.p).

A citação acima evidencia que a Constituição brasileira parece estar sofrendo ataques por parte de algumas esferas do governo, o que pode culminar em consequências nos mais diversos setores, como, por exemplo, a saúde. Contudo, é necessário trazermos mais uma reflexão a fim de entendermos o período que nós, brasileiros, estamos vivendo. Para isso, discorreremos sobre um texto de Lyra (2020). Nele, o autor expõe as diferenças sobre o protofascismo e nazi-fascismo, conforme é possível observar na citação abaixo:

Denomina-se protofascismo determinados aspectos sociais, políticos e ideológicos do nazi-fascismo, que podem estar presentes, parcialmente ou na sua plenitude, conforme a situação política, inclusive na atualidade, e no Brasil. Advirta-se que o nazismo, na Alemanha, o fascismo, na Itália e o protofascismo alimentado pelo governo de extrema direita no Brasil somente se tornaram realidade em virtude do apoio decisivo – inicialmente reticente, depois entusiástico – que receberam do capital financeiro e dos políticos que representam os seus interesses, com o respaldo dos militares (LYRA, 2020, np).

O valor exagerado, atribuído ao capital, é uma das fortes características de regimes que possuem características fascistas e, como vimos, esse exagero ficou evidente nas análises realizadas, pois a condição para a implementação de alguma

⁷⁰ Alguns exemplos de palavras com o prefixo “proto” estão disponíveis em: <<https://dicionario.priberam.org/proto>>. Acesso em: 10/01/2022.

medida contra o novo vírus era a manutenção da economia. Contudo, diante da eminente ameaça contra a vida dos brasileiros, o recomendado era a adoção de medidas mais restritivas. Além disso, o autor acrescenta outras características do protofascismos, ao expor sobre o atual Presidente da República:

Já o capitão reformado compartilha com os nazi-fascistas um anticomunismo visceral. Mas sua retórica confere máxima ênfase à uma visão conservadora da família e da pátria, que pretende restaurar, associando-a à exaltação de valores religiosos, o que lhe garante sólida base de sustentação, sobretudo entre os evangélicos (LYRA, 2020, n.p)

Essa citação coloca em evidência outras características de regimes com características fascistas, como o protofascismo. Os “valores religiosos” e o patriotismo são pontos importantes de serem observados no protofascismo. Nas nossas análises, vimos que a imagem do “Presidente Salvador”, efeito do discurso do sujeito, possui uma relação com o Messias bíblico, sendo que somente o sujeito teria uma missão: “livrar o povo brasileiro dos horrores comunistas, sendo que o Brasil ainda estaria sofrendo as consequências dos governos anteriores”. Assim, tudo o que parece estar associado aos governos que precederam o atual (com exceção da ditadura militar), são significados como *histeria*. Acreditamos ter evidenciado que o termo *histeria*, ao funcionar como designação, pode fazer parte de diferentes processos discursivos, sendo que, historicamente, foi utilizado pelo discurso médico-científico para fazer referência a uma patologia feminina. Contudo, ao ser deslocado para o discurso político protofascista sobre a saúde, conforme ficou exposto, esse termo sofre um deslizamento de sentidos, sendo que a sua associação a uma doença é mantida.

5.Considerações finais

A escrita de uma dissertação é um processo cheio de “idas e vindas”, sobretudo quando nos propomos a trabalhar com Análise de Discurso. Explicamos: uma mudança em um simples detalhe pode afetar a estrutura inteira do estudo, o que, ironicamente, é possível relacionar com a estrutura social, sendo que a teoria althusseriana expõe, como vimos, que uma alteração na infraestrutura econômica pode culminar em modificações na superestrutura ideológica, e vice-versa.

O primeiro capítulo teórico, intitulado “A pandemia do novo coronavírus no Brasil de Jair Bolsonaro”, foi fundamental para compreendermos tanto as condições sócio-históricas quanto específicas do estudo, representadas, sobretudo, pelo surgimento da pandemia. Foi possível, ainda, termos uma noção de como a saúde costuma ser tratada no país, bem como entendermos como esse trabalho foi organizado. Uma vez compreendida a situação da saúde no Brasil, tivemos que resgatar estudos importantes sobre a histeria.

O segundo capítulo, “Considerações acerca dos estudos sobre histeria”, tratou da histeria, uma patologia que foi pesquisada ao longo da história por diferentes cientistas da área da saúde, dentre os quais destacamos Sigmund Freud. Os trabalhos apresentados foram imprescindíveis para que compreendêssemos a origem da designação, objeto do nosso estudo, e sua relação com os efeitos de sentido estabelecidos com o funcionamento da designação nos dizeres de Bolsonaro. A relação da mulher com a histeria foi fundamental para compreendermos esse processo, pois a histeria, que surge como uma patologia ligada às mulheres, passou a ser associada a desequilíbrio emocional por mulheres, passando a caracterizar algo negativo, incabível e fora do padrão – assim como as medidas adotadas por aqueles que procuraram manter a saúde de todos através do isolamento social, higienização, lockdown, entre outros. Vimos, assim, uma tentativa do sujeito em relacionar a pandemia ao descontrole feminino por meio da designação. Esse processo foi possível devido à historicidade dessa designação, a qual envolve os sentidos a ela atribuídos, bem como a circulação desses sentidos ao longo do tempo, nos mais diversos meios, sobretudo nos discursos da saúde.

O processo discursivo analisado evidenciou que o modo como o sujeito-enunciador designa algo está relacionado com a ideologia que o interpela, sendo que

os efeitos ao longo prazo podem ser irreversíveis. Disso resulta que o discurso é uma prática capaz de modificar uma formação social, de onde advém a importância de sua análise. Assim, constatamos que os efeitos dos discursos do Presidente da República podem afetar, negativamente, de forma direta ou indireta, a saúde dos brasileiros, dada a formação discursiva a qual o sujeito está filiado, conforme desenvolvemos na análise.

Diante do que foi apresentado neste estudo, podemos dizer que os acontecimentos relacionados ao surgimento da pandemia, no que diz respeito à saúde dos brasileiros, são tratados como eventos sem tanta relevância quanto os perigos que assolam a economia brasileira devido a esse surgimento. Além disso, as medidas preventivas, recomendadas pelo discurso científico, representam, também, uma ameaça ao desenvolvimento econômico do país e, por isso, são designadas enquanto uma *histeria*, considerando que os efeitos ligados à feminilidade produzem um efeito negativo ao processo de atendimento às medidas preventivas por parte dos brasileiros.

Chegamos, também, à conclusão de que, ao designar, o sujeito significa algo de acordo com a ideologia que o interpela e que, através da designação, um determinado objeto ou sujeito pode ser relacionado a vários sentidos. O que significa dizer que, no discurso analisado, as medidas preventivas e a preocupação com o vírus são fatos significados enquanto uma loucura, doença, neurose e histeria. Essa relação parafrástica, como vimos, faz parte do que pode e deve ser dito pelo sujeito, segundo a formação discursiva em que está inscrito.

Por último, mas não menos importante, convém discutirmos acerca da recorrência da designação *histeria*. Essa recorrência ocorre devido ao excesso que, como vimos, tem como finalidade legitimar o que está sendo dito, de modo que outros sentidos sejam afastados. Logo, no nosso, trabalho sentidos como “é só uma gripezinha”, “isso não tem tanta importância”, “essa preocupação e medidas são uma histeria” puderam ser ouvidos e, pelo funcionamento do excesso da designação *histeria*, passam a circular ao mesmo tempo que ganham mais força. No entanto, o sujeito tem a ilusão de que suas palavras significarão sempre de uma determinada maneira, efeito de evidência, provocado pela Ideologia. Daí a relevância da teoria da Análise de Discurso, sendo que, por meio dela, as evidências são desfeitas, possibilitando que outros sentidos possam ser escutados, ao mesmo tempo que os

trabalhos comprometidos com essa disciplina conferem “voz” para aqueles(as) silenciados, marginalizados, e que, infelizmente, nem sempre costumam ser ouvidos. Convém, desse modo, lembramos Pêcheux ([1975], 2014) que, baseado nos pressupostos althusserianos, afirma a resistência, a revolução da classe dominada, enquanto existir lutas de classes.

Outro aspecto importante é concernente aos princípios básicos da Organização Mundial da Saúde para a relação harmoniosa e segurança de todos os povos, os quais não estão sendo cumpridos pelo atual governo, pois nem todas as pessoas possuem acesso aos serviços adequados de saúde, da mesma forma que, ao questionar a eficácia das medidas preventivas, faz com que menos pessoas adotem comportamentos saudáveis e adequados.

Constatamos, também, que os discursos do Presidente da República expõem um descumprimento do decreto nº 9.795 de 2019 por parte do atual governo, tendo em vista que as informações da Saúde, tão importantes para a sobrevivência de uma nação, sobretudo aquelas provenientes do discurso científico, são silenciadas no discurso do atual mandatário do Brasil. Devemos lembrar que esse decreto trata das competências do Ministério da Saúde, o qual sofre as consequências das ações tomadas pelo executivo brasileiro. Assim, como exemplo, tivemos a exoneração de diversos Ministros da Saúde ao não se identificarem com uma dada posição, ainda no início do governo Bolsonaro. Além disso, destacamos o baixo investimento em pesquisas em saúde, que também seria uma competência desse Ministério. Somam-se a isso as práticas discursivas e prerrogativas de um governo despreparado para lidar com questões sociais e humanitárias.

Defendemos, por fim, que a nossa pesquisa abriu a possibilidade de colocar em circulação as vozes de sujeitos de classes vulneráveis, de sujeitos que sofrem com algum transtorno psiquiátrico (dado o descaso com uma doença que, embora com outras faces, ainda existe), da maior parte da classe trabalhadora, assalariada e que sobrevive com apenas um salário-mínimo, bem como de todos aqueles que sofreram consequências oriundas da pandemia.

Diante disso, nos questionamos sobre o futuro dessas classes, que, sob a soberania daqueles interpelados ideologicamente por uma formação discursiva de extrema direita, devem lutar pela sua subsistência, o que inclui o respeito pelas suas vidas e a valorização da saúde, direito adquirido historicamente, através de lutas,

perdas e conquistas, mas que estão sendo atacados por aqueles que deveriam defendê-los acima de tudo.

Referências

ALBUQUERQUE, Lidiane Pereira de; SILVA, Raniella Borges da; ARAÚJO, Regina Maria Sousa de. COVID-19: origin, pathogenesis, transmission, clinical aspects and current therapeutic strategies. *Revista Prevenção de Infecção e Saúde*, São Paulo, v. 6, p. 1-16, 2020. Disponível em: <https://revistas.ufpi.br/index.php/nupcis/article/view/10432>. Acesso em: 08 nov. 2021.

ALTHUSSER, Louis. *Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado*. 3. ed. Lisboa: Editorial Presença/Martins Fontes, 1970.

ARAUJO, Stefanne Emily Sousa. *Sufixos-ismo e -(i)dade: semântica e produtividade*. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Licenciatura em Letras Portugêses) - Universidade Católica de Brasília, Brasília/DF, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ucb.br:9443/jspui/bitstream/10869/1542/1/Stefanne%20Emily%20Sousa%20Araujo.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2022.

ASSUMPÇÃO, Ana Paula Vieira de Andrade. *O discurso da falta e do excesso: a automutilação*. Dissertação (Mestrado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, 2016. Disponível em: https://wp.ufpel.edu.br/ppgl/files/2018/11/O-Discurso-da-Falta-e-do-Excesso_A-Automutila%C3%A7%C3%A3o-Ana-Paula-Vieira-de-Andrade-Assump%C3%A7%C3%A3o.pdf. Acesso em: 08 nov. 2021.

AUROUX, Sylvain. *A revolução tecnológica da gramatização*. Tradução: Eni Puccinelli Orlandi. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1992.

ÁVILA, Lazslo Antônio; TERRA, João Ricardo. *Histeria e somatização: o que mudou?* *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, Rio de Janeiro, v. 59, n. 4, p. 333-340, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/jbpsiq/v59n4/11.pdf>. Acesso em: 20 maio 2021.

BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. A CIA e a técnica do golpe de Estado. In: VALLE, Maria Ribeiro do (org). *1964 – 2014: Golpe Militar, História, Memória e Direitos Humanos*, São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014. p. 11-26. Disponível em: <https://www.fclar.unesp.br/Home/Instituicao/Administracao/DivisaoTecnicaAcademica/ApoioaoEnsino/LaboratorioEditorial/serie-temas-em-sociologia-n7.pdf>. Acesso em: 11 nov. 2021.

BELINTANI, Giovani. Histeria. *Revista de Psicologia da Vetor Editora*, São Paulo, v. 4, n. 2, p.56-69, 2003. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1676-73142003000200008&script=sci_abstract. Acesso em: 08 abr. 2021.

BELLEI, Nancy; MELCHIOR, Thaís Boim. H1N1: pandemia e perspectiva atual. *Jornal Brasileiro de Patologia e Medicina Laboratorial.*, Rio de Janeiro, v. 47, n. 6, p. 611-617, dez. 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/jbpm/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 10 nov. 2021.

BOLSONARO cita Ustra no voto pelo impeachment de Dilma Rousseff. [S.l.: s.n.]. 2016. 1 vídeo (1 min.). Publicado pelo canal Poder 360. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WvN7nYxbH-o>. Acesso em: 08 jul. 2021.

BOLSONARO adapta seu slogan, inclui Estados Unidos e esquece Deus. *Revista Veja*, 2019. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/politica/bolsonaro-adapta-seu-slogan-inclui-estados-unidos-e-esquece-deus/>. Acesso em: 08 jul. 2021.

BORLINI DRAGO, Leandra Maria. Há Pedras no Meio do Caminho do SUS - os impactos do neoliberalismo na saúde do Brasil. *Revista Textos & Contextos*, Porto Alegre, v. 9, n. 2, p. 321-333, 23 dez. 2010. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fass/article/view/7697>. Acesso em: 08 abr. 2021.

BOSQUEROLLI, Arthur Martins et al. *Brasil e o mundo diante da Covid-19 e da crise econômica*. Curitiba: PET Economia da UFPR, 2020. Disponível em: <https://www.ufpr.br/portalufpr/wp-content/uploads/2020/07/Brasil-e-o-mundo-diante-da-Covid-19-e-da-crise-economica.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2021.

BRANDÃO, Cleyton Williams Golveia da Silva; SOUZA E CRUZ, Diego Aric Cerqueira; ROCHA, Telma Brito. Fake News em Tempos de Covid-19: discursos de ódio nas redes sociais como ressonância da desinformação. *Revista Interinstitucional Artes de Educar*, Rio de Janeiro, v. 6, n. especial II, p. 303-327, jun./out. 2020. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/riae/article/view/51910>. Acesso em: 27 abr. 2021.

BRASIL. Decreto nº. 9.795, de 17 de maio de 2019. Aprova a Estrutura Regimental e o Quadro Demonstrativo dos Cargos em Comissão e das Funções de Confiança do Ministério da Saúde, remaneja cargos em comissão e funções de confiança, transforma funções de confiança e substitui cargos em comissão do Grupo-Direção e Assessoramento Superiores - DAS por Funções Comissionadas do Poder Executivo - FCPE. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 17 maio 2019. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2019/decreto/D9795.htm#art9. Acesso em: 29 abr. 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. Boletim Epidemiológico 01. COE-COVID-19. 01 jan. 2020. Disponível em: <https://antigo.saude.gov.br/images/pdf/2020/fevereiro/04/Boletim-epidemiologico-SVS-04fev20.pdf>. Acesso em: 06 jul. 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. Boletim Epidemiológico 02. COE-COVID-19. 02 fev. 2020. Disponível em:

<https://portalarquivos2.saude.gov.br/images/pdf/2020/fevereiro/13/Boletim-epidemiologico-COEcorona-SVS-13fev20.pdf>. Acesso em: 06 jul. 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Boletim epidemiológico especial 06. COE-COVID-19. 03 abr. 2020. Disponível em: <https://portalarquivos.saude.gov.br/images/pdf/2020/Abril/03/BE6-Boletim-Especial-do-COE.pdf>. Acesso em: 06 jul. 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Boletim Epidemiológico Especial 07. Doença pelo Coronavírus 2019. Brasília, DF. 06 abr. 2020. Disponível em: <http://www.cofen.gov.br/wp-content/uploads/2020/04/Boletim-07-MS-06-04-2020.pdf>. Acesso em: 06 jul. 2021.

BURSZTYN, Daniela Costa. O tratamento da histeria: um desafio para a rede de saúde mental. *Revista Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 31, n. 4, p. 734-747, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/3njsVLZD5QmSQvNx6z68HWC/?lang=pt>. Acesso em: 20 jan. 2022.

CAETANO, Virgínia Barbosa Lucena. *Não tem cabimento: corpo e subjetividade no discurso de sujeitos gordos*. Dissertação (Mestrado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Centro de Letras e Comunicação da Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2019. Disponível em: <http://guaiaca.ufpel.edu.br:8080/handle/prefix/4486?mode=full>. Acesso: 10 nov. 2021.

CAETANO, Virgínia Barbosa Lucena; VINHAS, Luciana Iost. Lugares de enunciação: uma análise de relatos de sujeitos autorreferenciados gordos. *Revista (Con)Textos Linguísticos*, Vitória (ES), v. 14, n. 29, p. 355-365, 30 dez. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/31932>. Acesso: 11 nov. 2021.

CAMPEAN, Frederico Antônio Pereira. O discurso bolsonarista e a desconstrução do Brasil. Tese (Doutorado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas/SP, 2019. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/1157278?guid=1653073688850&returnUrl=%2fresultado%2flistar%3fguid%3d1653073688850%26quantidadePaginas%3d1%26codigoRegistro%3d1157278%231157278&i=1>. Acesso em: 11 nov. 2021.

CAVALCANTE, José Roberto et al. COVID-19 no Brasil: evolução da epidemia até a semana epidemiológica 20 de 2020. *Revista Epidemiologia e Serviços de Saúde*, Brasília, v. 29, n. 4, p. 1-13, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ress/a/zNVktw4hcW4kpQPM5RrsqXz/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 08 nov. 2020.

CAZARIN, Ercília Ana. *Identificação e representação política: uma análise do discurso de Lula (1978-1998)*. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do

Sul, Porto Alegre, 2004. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/5521>. Acesso em: 07 jul. 2021.

CIOCCARI, Deysi; PERSICHETTI, Simonetta. A campanha eleitoral permanente de Jair Bolsonaro: O deputado, o candidato e o presidente. *Revista Lumina*, Juiz de Fora, v. 13, n. 3, p. 135-151, 30 dez. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/lumina/article/view/28571>. Acesso: 14 mar. 2021.

COHN, Amélia. As políticas de abate social no Brasil contemporâneo. *Lua Nova: Revista de Cultura e Política*, São Paulo, n. 109, p. 129-160, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ln/a/Y3jzjrjsLPLS9QfRhnC3kvG/?lang=pt>. Acesso em: 29 maio 2021.

COSTA, Juliani Bittencourt. Fibromialgia: histeria da atualidade? Dissertação (Mestrado em Psicanálise, Saúde e Sociedade) - Curso de Mestrado em Psicanálise, Saúde e Sociedade, Universidade Veiga de Almeida, Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <https://docplayer.com.br/1635889-Universidade-veiga-de-almeida-mestrado-em-psicanalise-saude-e-sociedade-juliani-bittencourt-costa-fibromialgia-histeria-da-atualidade.html>. Acesso em: 08 nov. 2021.

COSTA, Juliana Alves; SILVEIRA, Juliana de Almeida; SANTOS, Sara Cristine Marques dos; NOGUEIRA, Patrícia Pereira. Implicações Cardiovasculares em Pacientes Infectados com Covid-19 e a Importância do Isolamento Social para Reduzir a Disseminação da Doença. *Revista Arquivos Brasileiros de Cardiologia*, Rio de Janeiro, v. 114, n. 5, p. 834-838, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/abc/a/YLLdXBRX7zjhtFVgmhKsjQF/?lang=pt>. Acesso: 11 nov. 2021.

COURTINE, Jean-Jacques. *Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos*. São Carlos: EdUFSCar, 2009.

DANTAS, Michael Hudson. A Sexualidade na História e a Construção do Sistema Patriarcal: refletindo sobre os fundamentos das opressões às sexualidades. In: VIII JORNADA INTERNACIONAL DE POLÍTICAS PÚBLICAS, 2017, Maranhão. *Anais da Jornada Internacional de Políticas Públicas*. São Luís: Universidade Federal do Maranhão, 2017. Disponível em: <http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2017/pdfs/eixo6/asexualidadenahistoriaeaconstrucaoedosistemapatriarcalrefletindosobrefundamentosdasopressoesassexualidades.pdf>. Acesso em: 08 jul. 2021.

DELEUZE, Gilles. *Lógica do sentido*. Tradução: Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo: Perspectiva, 1974.

DESIGNAÇÃO. *Dicio* (Dicionário Online de Português). Disponível em: <https://www.dicio.com.br/designacao/>. Acesso em 20 fev. 2022.

DESIGNAÇÃO. Michaelis, Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/designa%C3%A7%C3%A3o/>. Acesso em: 10 fev. 2022.

DRAIBE, Sônia. A política social no período FHC e o sistema de proteção social. *Tempo Social*, Revista de Sociologia da USP, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 63-101, 2003. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20702003000200004. Acesso em: 14 mar. 2021.

DUARTE, Marina Scalco; CHATELARD, Daniela Scheinkman. Do mal-estar moderno ao pós-moderno: Reflexos sob a histeria. *Psicanálise & Barroco em revista*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, p. 117-134, jul. 2014. Disponível em: <http://www.psicanaliseebarroco.pro.br/revista/revista-v-12-n-01/12-01-10%20Do%20Mal-Estar%20Moderno%20ao%20Po%CC%81s-Moderno%20-%20Reflexos%20sob%20a%20Histeria.pdf?attredirects=0>. Acesso em: 21 maio 2021.

ERNST-PEREIRA, Aracy. A falta, o excesso e o estranhamento na constituição/interpretação do corpus discursivo. In: SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DO DISCURSO, n. 4, 2009, Porto Alegre. *Anais do IV Seminário de Estudos em Análise do Discurso (SEAD)*. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009.

ERNST, Aracy; SILVA, Gabriela de Mello; VIEIRA, Vívian Vaghetti. “Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará” (João 08:32): simulacro no discurso político online. *Cadernos de Letras da Universidade Federal de Fluminense*, Niterói, v. 30, n. 59, p.115-132, 18 dez. 2019. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/cadernosdeletras/article/view/44070>. Acesso em: 07 jul. 2021.

FAGNANI, Eduardo. A política social do Governo Lula (2003-2010): perspectiva histórica. *Texto para discussão*, Campinas, n. 192, p. 1-29, jun. 2011. Disponível em: <https://www.eco.unicamp.br/images/arquivos/artigos/3105/TD192.pdf>. Acesso em: 14 mar. 2021.

FILGUEIRAS, Luiz. O neoliberalismo no Brasil: estrutura, dinâmica e ajuste do modelo econômico. In: BASUALDO, Eduardo M.; ARCEO, Enrique. (compiladores). *Neoliberalismo y sectores dominantes. Tendencias globales y experiencias nacionales*, Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales (CLACSO), 2006. p. 179-206.

FIGUEIREDO SILVA, Aline Teixeira Marques; ALVES, Manoela Magalhães. A influência do Estado Neoliberal no Sistema de Saúde Brasileiro diante do conceito ampliado de saúde. *Revista Perspectivas Online: Biológicas & Saúde (POBS)*, Campos dos Goytacazes (RJ), v. 1, n. 1, p. 48-52, 24 jun. 2011. Disponível em: https://ojs3.perspectivasonline.com.br/biologicas_e_saude/article/view/511. Acesso em: 08 nov. 2021.

FONTES, Virgínia. O protofascismo - arranjo institucional e policialização da existência. *Revista Marxismo 21*, 2019. Disponível em: <https://marxismo21.org/wp-content/uploads/2017/05/Virg%C3%ADnia-Fontes-O-protofascismo-%E2%80%93>

arranjo-institucional-e-policializa%C3%A7%C3%A3o-da-exist%C3%Aancia.pdf. Acesso em: 10 jan. 2022.

FORATTINI, Oswaldo Paulo. A saúde pública no século XX. *Revista Saúde Pública*, São Paulo, v. 34, n. 3, p. 211-213, jun. 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsp/a/qFkYcX3zPQggxgkV7gs87Mz/?lang=pt>. Acesso em: 11 nov. 2021.

FREGE, Friedrich Ludwig Gottlob Frege. *Lógica e Filosofia da Linguagem*. Tradução: Paulo Alcoforado. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

FREUD, Sigmund. *As pulsões e seus destinos*. Tradução: Pedro Heliodoro Tavares. 1. ed.; 1. reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

GARCIA, Dantielli; LUNKES, Fernanda. Mulher, Política e Poder no Discurso da Mídia: efeito(s) de histeria(?). In: SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DO DISCURSO, n. 9, 2019, Recife. *Anais do IX SEAD- A Análise do Discurso e suas condições de produção: 1969-2019*. Recife: Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), 2019. p.1-6. Disponível em: <https://www.discoursead.com.br/simposios-ix-sead>. Acesso em: 08 abr. 2021.

GUADANINI, Sandra Magna. *Designação: das categorias da língua às categorias do discurso*. Tese (Doutorado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte/MG, 2010. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/ALDR-86YHYW> Acesso: 10 nov. 2021.

GUIMARÃES, Eduardo. Designação e espaço de enunciação: um encontro político no cotidiano. *Revista Letras*, Santa Maria, n. 26, p. 53-62, 30 jun. 2003. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/search/search?simpleQuery=Eduardo+Guimar%C3%A3es&searchField=query>><https://periodicos.ufsm.br/letras/search/search?simpleQuery=Eduardo+Guimar%C3%A3es&searchField=query>. Acesso em: 08 nov. 2021.

HISTERISMO. *Dicionário Priberam Online da Língua Portuguesa* Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/histerismo>. Acesso em: 10 fev. 2022.

INDURSKY, Freda. A emergência do sujeito desejante no discurso do MST. *Revista Gragoatá*, Niterói, v. 18, n. 34, p. 27-38, 06 jul. 2013. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/32957>. Acesso em: 10 nov. 2021.

INDURSKY, Freda. *A fala dos quartéis e as outras vozes*. Uma análise do discurso presidencial da Terceira República Brasileira (1964-1984). Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Departamento de Linguística, Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas/SP, 1992. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/55345?guid=1653155740445&returnU>

rl=%2fresultado%2flistar%3fguid%3d1653155740445%26quantidadePaginas%3d1%26codigoRegistro%3d55345%2355345&i=1. Acesso em: 10 nov. 2021.

INDURSKY, Freda. A memória na cena do discurso. In: INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina Leandro; MITTMANN, Solange (Org.). *Memória e história na/da análise do discurso*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2011.

INDURSKY, Freda. O Entrelaçamento entre o político, o jurídico e a ética no discurso do/sobre o MST: uma questão de lugar-fronteira. *Revista da Anpoll* (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística), [S.l.], v. 1, n. 12, p. 111-131, 15 dez. 2002. Disponível em: <https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/507>. Acesso em: 10 nov. 2021.

JORGE, Marco Antonio Coutinho. As quatro dimensões do despertar - sonho, fantasia, delírio, ilusão. *Revista Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, p. 275-289, jul./dez. 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/agora/a/qnFGrzFGp8KzBtTnVDxwbBL/?lang=pt>. Acesso em: 10 nov. 2021.

KEHL, Maria Rita. *Deslocamentos do Feminino*. 2º ed. Rio de Janeiro: Imago, 2008. LAURELL, Asa Cristina (Org.). *Estado e políticas sociais no neoliberalismo*. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2002.

LEITE, Milene Maciel. Língua, Discurso, Mídia - O caso "Portuguesinho". *Revista DisSol – Discurso, Sociedade e Linguagem*, Pouso Alegre/MG, ano II, n. 2, p. 152-164, 04 nov. 2015. Disponível em: <http://ojs.univas.edu.br/index.php/revistadissol/article/view/41>. Acesso em: 10 nov. 2021.

LOPES, Paula Cunha. "As expressões nervosas da presidente": estereótipos de gênero na Revista Istoé e a repercussão com a hashtag #IstoÉMachismo. In: *XXXIX CONGRESSO INTERCOM*, 2016, São Paulo. *Anais do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*. São Paulo: Intercom, 2016. p. 1-15. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-0893-1.pdf>. Acesso em: 20 maio 2021.

LYRA, Rubens Pinto. O profascismo brasileiro. *A terra é redonda*, 30 mar. 2020. Disponível em: https://aterraeredonda.com.br/o-protofascismo-brasileiro/?doing_wp_cron=1642687718.9696240425109863281250. Acesso em: 20 jan. 2022.

MARIANI, Bethania Sampaio Corrêa. *O comunismo imaginário: práticas discursivas da imprensa sobre o PCB (1922-1989)*. Tese (Doutorado em Linguística) - Curso de Linguística, Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/115379?guid=1653170051499&returnUrl=%2fresultado%2flistar%3fguid%3d1653170051499%26quantidadePaginas%3d1%26codigoRegistro%3d115379%23115379&i=1>. Acesso em: 10 nov. 2021.

MENEZES, Ana Paula do Rego; MORETTI, Bruno; Reis, Ademar Arthur Chioro dos. O futuro do SUS: impactos das reformas neoliberais na saúde pública - austeridade versus universalidade. *Revista Saúde em Debate*, Rio de Janeiro, v. 43, n. especial 5, p. 58-70, dez. 2019. Disponível:

https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-11042019001000058&tlng=pt. Acesso em: 13 mar. 2021.

MENEZES, Débora Holanda Leite. A Política de Saúde Brasileira: os impactos da década de 90 aos dias atuais. In: V JORNADA INTERNACIONAL DE POLÍTICAS PÚBLICAS, São Luís/MA, 2011. In: *Anais V Jornada Internacional de Políticas Públicas*. São Luís/MA: [s.n.], 2011. Disponível em:

http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2011/CdVjornada/INDICE_AUTOR.htm. Acesso em: 08 nov. 2021.

MONTEIRO, Gustavo Feital. Definindo o Fascismo: Comparando Análises e Interpretações. *Revista Faces de Clio*, Juiz de Fora/MG, v. 4, n. 8, p. 60-80, jul./dez. 2018. Disponível em:

<https://periodicos.ufjf.br/index.php/facesdeclio/article/view/27210>. Acesso em: 20 fev. 2022.

MOTA, Ana Elizabete. A regressão civilizatória e as expropriações de direitos e das políticas sociais. *Revista Argumentum*: Vitória, v. 9, n. 3, p. 30-36, 28 dez. 2017.

Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/argumentum/article/view/18217>. Acesso em: 08 abr. 2021.

MOUAMMAR, Christiane Carrijo Eckhardt. Pulsão e Instinto: um diálogo entre a psicanálise e a biologia do comportamento. Tese (Doutorado em Filosofia) - Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Departamento de Filosofia e Metodologia, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2010. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/4803?show=full>. Acesso em: 07 jul. 2021.

MURIBECA, Maria das Mercês Maia. Da problemática sedução da histeria à enigmática sedução do feminino em Freud. *Estudos de Psicanálise*, Belo Horizonte, n. 39, p. 67-79, jul. 2013. Disponível em:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0100-34372013000100008. Acesso em: 08 abr. 2021.

NUNES, José Horta. Dicionários: história, leitura e produção. *Revista de Letras*, Brasília, v. 3, n. 1/2, ano III, p. 6-21, dez. 2010. Disponível em:

<https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RL/article/view/1981/1305>. Acesso em: 10 jan. 2022.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de discurso*: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2001a.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Discurso e texto*: formulação e circulação dos sentidos. Campinas: Pontes; 2001b.

PAIM, Jairnilson Silva. *Reforma sanitária brasileira: contribuição para a compreensão e crítica*. Salvador: EDUFBA; Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2008.

PALONSKY, Cíntia M.; SILVA, Mário Lúcio Vieira da. *Estruturas clínicas na clínica: a histeria*, Belo Horizonte: PUC Minas, 1997.

PASCHE, Dário Frederico; RIGHI, Liane Beatriz; THOMÉ, Henrique Inácio; STOLZ, Eveline Dischkaln. Paradoxos das políticas de descentralização de saúde no Brasil. *Revista Panamericana de Salud Pública*, Washington, v. 20, n. 6, p.416-422, 2006. Disponível em: <https://scielosp.org/article/rpsp/2006.v20n6/416-422/>. Acesso em: 14 mar. 2021.

PAXTON, Robert O. *A anatomia do fascismo*. Tradução: Patrícia Zimbres e Paula Zimbres. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

PÊCHEUX, Michel; FUCHS, Catherine. A propósito da Análise Automática do Discurso: atualização e perspectivas. In: GADET, Françoise; HAK, Tony. (Orgs). *Por uma análise automática do discurso*. Uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997. p. 163-235.

PÊCHEUX, Michel. *O discurso: estrutura ou acontecimento*/Michel Pêcheux. Tradução: Eni Puccinelli Orlandi. 5. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2008.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*/Michel Pêcheux. Tradução: Eni Puccinelli Orlandi; Lourenço Chacon Jurado Filho; Manoel Luiz Gonçalves Corrêa; Silvana Mabel Serrani. 5. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2014.

PETRI, Verli. Gramatização das línguas e instrumentos linguísticos: a especificidade do dicionário regionalista. In: *Línguas e instrumentos linguísticos*, Campinas: CNPq – Universidade Estadual de Campinas; Editora RG, 2012; Unicamp, 1997-2012, jan./jun. 2012. p. 23-37.

PIOVEZANI, Carlos; GENTILE, Emilio. *A Linguagem fascista*. 1º.ed. São Paulo: Hedra, 2020.

PROTO. Dicionário Priberam Online da Língua Portuguesa. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/proto>. Acesso em: 20 fev. 2022.

QUINET, Antonio. A histeria encharcou. In: QUINET, Antonio. *A lição de Charcot*/Antonio Quinet. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005, p. 124-128.

RODRIGUES, Eduardo Alves; AGUSTINI, Cármen; BRANCO, Luiza Castello; BARROS, Renata Chrystina Bianchi de. “Isso é uma gripezinha” - o Brasil em diminutivo. *Revista da Abralin*, v. 19, n. 3, p. 310-330, 17 dez. 2020. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1729/1899>. Acesso em: 29 mar. 2021.

SANTOS, Elise Alves dos. *Considerações psicanalíticas acerca da relação corpo-psiquismo em doentes de Charcot com esclerose múltipla e histeria*. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica e Cultura) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura, Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2019. Disponível: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/36984>. Acesso: 08 nov. 2021.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. Tradução: Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SCHMIDT, Eder. *Charcot e a Escola da Salpêtrière: a afirmação de uma histeria neurológica*. Tese (Doutorado em Psicologia) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Instituto de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/bitstream/ufjf/6075/1/ederschmidt.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2021.

SOBRINHO, Helson Flávio da Silva. Pêcheux diante da lógica fregeana: apontamentos sobre a relação entre objetividade e subjetividade. *Revista Línguas e Instrumentos Linguísticos*, Campinas n. 42, p. 10-32, jul./dez. 2018. Disponível em: <http://www.revistalinguas.com/edicao42/edicao42.html>. Acesso: 12 jan. 2022.

SOUZA, Diego de Oliveira; SILVA, Sóstenes Ericson Vicente da; SILVA, Neuzianne de Oliveira. Determinantes Sociais da Saúde: reflexões a partir das raízes da "questão social". *Revista Saúde e Sociedade*, São Paulo, v. 22, n. 1, p. 44-56, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/YJcDtBH4hX3prjZDtXCSMPk/abstract/?lang=pt>. Acesso: 07 nov. 2021.

SOUZA, Jessé. *A elite do atraso: da escravidão à Lava Jato*. Rio de Janeiro: Leya, 2017.

SOUZA, Mariana Jantsch de. Golpe/Impeachment- Uma Análise Discursiva sobre a Significação do Mesmo. *Cadernos do Instituto de Letras*, Porto Alegre, n. 56, p. 257-272, 22 dez. 2018. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/cadernosdoil/article/view/83552>. Acesso em: 29 mar. 2021.

SOUZA, Pedro de. *Análise de Discurso*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2014. Disponível em: https://petletras.paginas.ufsc.br/files/2016/10/Livro-Texto_Analise-do-Discurso_UFSC.pdf. Acesso: 08 nov. 2021.

STRÜCKER, Bianca; MAÇALAI, Gabriel. "Bela, Recatada e do Lar": os novos desdobramentos da família patriarcal. In: XIII SEMINÁRIO INTERNACIONAL DEMANDAS SOCIAIS E POLÍTICAS PÚBLICAS NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA & IX MOSTRA INTERNACIONAL DE TRABALHOS CIENTÍFICOS, 13, 2016. *Anais XIII Seminário Internacional Demandas Sociais e Políticas Públicas na Sociedade Contemporânea & IX Mostra Internacional de*

Trabalhos Científicos. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2016. Disponível em: <https://online.unisc.br/acadnet/anais/index.php/sidsp/article/view/15880>. Acesso em: 10 nov. 2021.

TEJADA, Bruna Vitória. *Gênero, riso e violência: um olhar discursivo para o humor de Danilo Gentili*. Dissertação (Mestrado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Centro de Letras e Comunicação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2020. Disponível em: http://www.repositorio.ufpel.edu.br/bitstream/prefix/7448/1/Dissertacao_Bruna_Tejada.pdf. Acesso: 11 nov. 2021.

TELES, Janaína de Almeida. A exceção e a regra: Bolsonaro e o legado da ditadura. São Paulo. *Painel Acadêmico*, São Paulo, 25 jul. 2016. p.1-5. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/332233384_A_excecao_e_a_regra_Bolsonaro_e_o_legado_da_ditadura. Acesso em: 29 mar. 2021.

VEIGA, Angela Barbosa da. *Histeria e Psicanálise: uma relação dos tempos de Freud à atualidade*. Especialização (Especialização em Teoria Psicanalítica) - Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2013. Disponível em: https://bdm.unb.br/bitstream/10483/5571/1/2013_AngelaBarbosadaVeiga.pdf. Acesso em: 12 abr. 2021.

VENCER. Dicio (Dicionário Online de Português). Disponível em: <https://www.dicio.com.br/vencer/>. Acesso em: 25 jan. 2022.

VINHAS, Luciana Iost. *Discurso, corpo e linguagem: processos de subjetivação no cárcere feminino*. Tese (Doutorado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/114410>. Acesso: 11 nov. 2021.

VINHAS, Luciana Iost. O messias que não faz milagre: notas sobre a ideologia da destruição. *Revista de Abralín*, v. 19, n. 3, p. 455-474, 17 dez. 2020. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1754>. Acesso em: 14 mar. 2021.

WESTIN, Ricardo. Em 1918, gripe espanhola espalhou morte e pânico e gerou a semente do SUS. *Jornal EL PAÍS* [online], São Paulo, 8 maio 2020. Sociedade. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/sociedade/2020-03-16/em-1918-gripe-espanhola-espalhou-morte-e-panico-e-gerou-a-semente-do-sus.html>. Acesso em: 10 out. 2021.

ZOPPI-FONTANA, Mônica G. Identidades (In)formais: contradição, processos de designação e subjetivação na diferença. *Revista Organon*, Porto Alegre, v.17, n. 35, p. 245-282, 21 jun. 2003. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/organon/article/view/30027>. Acesso: 10 nov. 2021.

Anexos

ANEXO 1

Episódio 1: entrevista de Bolsonaro à CNN

No dia 15/03, em entrevista ao repórter Leandro Magalhães da CNN, Jair Messias Bolsonaro caracteriza, pela primeira vez, as medidas protetivas, como o isolamento e a quarentena, propostos pelo Ministério da Saúde, como uma histeria. O Ministério da Saúde, dois dias antes, fez uma publicação em seu site anunciando a convocação de mais 5 mil médicos para atuarem na linha de frente do combate à pandemia. Ainda no mesmo dia, foram regulamentadas as condições para o isolamento, bem como para a quarentena no mesmo site. A entrevista será transcrita abaixo:

E: Ele está aqui do meu lado, o Presidente Jair Bolsonaro, antes de tudo, obrigado pela entrevista. Presidente, eu gostaria de começar perguntando ao senhor por que o senhor, hoje, foi verificar as manifestações aqui em Brasília. Boa noite.

P: Primeiramente, parabéns à CNN. A gente espera que seja uma imprensa que seja realmente isenta e que produz a verdade. O Brasil tá carente de verdades. Bem, nós sabemos que esse movimento não foi de iniciativa minha, vinha sendo marcado de forma espontânea, por parte da população, cansada de desmandos, cansada de vê certas coisas que não fazem bem para a coisa pública, como por exemplo, partilha de quinze bilhões de reais, onde o orçamento, todos sabem, quem tem que executar é o presidente da república. O parlamento vota o orçamento, desloca o recurso de um lado para outro, aprova, sanciona e cumpre e, não dessa forma, como foi conduzido. E o que aconteceu? Na quinta-feira, fiz um pronunciamento, onde falei que esse movimento tinha que ser repensado porque tem um fato novo aí no mundo, o vírus, o vírus, o coronavírus, **que pode realmente ser fatal para pessoas debilitadas ou pessoas idosas**. E assim foi o meu pronunciamento. O povo resolveu ir às ruas e eu resolvi ver o que tava acontecendo aqui na esplanada. Passei de carro, não parei e depois, fui para a presidência da república e ali de dentro da presidência o povo se aglomerou na frente e **eu fui conversar com o povo, tirei fotografias, trocamos ideias, informações**. Agora, sabemos que as aglomerações de pessoas realmente correm o risco seríssimo de desse vírus se deflagrar de forma bastante grave no nosso país. Agora, é uma realidade, você vê os metrô cheios, né? Os ônibus cheios, tá certo? As barcas do Rio de Janeiro, Rio Niterói, estádio de futebol. O carnaval foi uma coisa inacreditável até o que aconteceu. Agora, é um vírus que você vai ter que enfrentar mais cedo ou mais tarde, temo pelo pior, sim. Agora, em um momento nenhum como alguns irresponsavelmente quer colocar a culpa em mim por esse movimento agora, não justifica isso sair e essas pessoas querem se esconder com toda certeza, lançar uma cortina de fumaça sobre, sobre o seu, o seu trabalho que não está sendo reconhecido por parte da população.

E: Senhor presidente, o senhor não ficou preocupado em manter contato com as pessoas em frente ao palácio ou não?

P: Não, eu não tô preocupado com isso, tá certo? **Eu tomo as minhas devidas precauções.** Agora, é o povo, eu tenho, eu sou um presidente da república, da população, do povo brasileiro eu **tive** ao lado deles, tá certo? Isso daí, se, com toda a certeza **muitos pegarão isso independente até dos cuidados que tomem**, tá certo. Isso vai acontecer mais cedo ou mais tarde. **Devemos respeitar, tomar as medidas sanitárias cabíveis, mas não podemos entrar em uma neurose como se fosse o fim do mundo. Outros, outros vírus muito mais perigosos, letais do que esse aconteceu no passado, não tivemos esse problema, essa crise toda. Com toda** a certeza há um interesse econômico envolvido nisso tudo para que se chegue a essa **histeria**. Ano passado 2009/2010 tivemos uma crise semelhante, foi outra, outro problema aqui no mundo, mas aqui é o Brasil e era o pt que tava no governo e os Estados Unidos eram os democratas **e a reação não foi essa que está havendo, não foi nem sequer perto dessa que está acontecendo hoje em dia, aqui no mundo todo.**

E: Senhor Presidente, perdão por interrompê-lo, há... houve críticas a sua saída hoje, críticas indiretas do presidente do senado, Davi Alcolumbre e, também, crítica direta, pelas redes sociais do presidente Rodrigo Maia. Como é que o senhor reage a isso?

P: Eu gostaria que eles saíssem às ruas como eu. A resposta é essa. Nós, políticos, temos responsabilidade e devemos ser quase que escravos da vontade popular, saiam as ruas esses dois parlamentar, respeito os dois, não tenho nenhum problema com eles, tá certo? Estão fazendo as suas críticas, tô tranquilo no tocante a isso, espero que eles não queiram partir para algo perigoso depois das minhas palavras aqui. Agora, prezado Davi Alcolumbre, prezado Rodrigo Maia, quer sair às ruas? Saiam às ruas e vejam como vocês, como vocês são recebidos, tá certo? Outra coisa, os acordos não tem que ser entre nós, em gabinetes com ar refrigerado. Tem que ser entre nós e o povo. Eu quero a aproximação do Rodrigo Maia, quero a aproximação do Davi Alcolumbre, respeito os dois parlamentares e o que tá faltando pra nós? Como já disse em mais de uma oportunidade, se nós chegarmos a um bom entendimento e partirmos de uma pauta de interesse da população, todos nós seremos muito bem tratados, reconhecidos e até idolatrados nas ruas. É isso que eu quero, não quero eu aparecer e eles não, muito pelo contrário. Rodrigo Maia, Davi Alcolumbre tô disposto a recebê-los amanhã aqui na alvorada ou até se quiser que eu vá no parlamento, eu vou no parlamento, com vocês dois, obviamente, e vamos conversar e vamos deixar de lado qualquer picuinha que, porventura, exista. O Brasil está acima de nós três.

E: Presidente, vamos para a economia. Em relação a equipe econômica, há alguma novidade agora, nas próximas semanas em relação aos números?

P: É, nós temos já, conversei hoje com o chefe da casa civil, instalaremos amanhã, na verdade agora, um gabinete de crise com mais gente pra gente tomar as providências, em especial no tocante a economia. Certas medidas tomadas pelos governadores, eles têm autoridade pra fazer isso aí e nós temos que ver aqui, até que ponto essas medidas vão afetar a nossa economia que em grande parte vem do povão. **Quando você proíbe jogo de futebol entre outras coisas, você tá partindo para o histerismo no meu entender e eu não quero.** A CBF que vai se reunir amanhã, poderiam no caso né, vender um percentual de ingresso levando-se em conta a quantidade de pessoas que comportam nas arquibancadas e não partir pra

simplesmente proibir isso ou aquilo porque não vai no meu entender, conter a expansão dessa forma, muito rígida. **Devemos tomar providência porque pode sim, transformar em uma questão bastante grave a questão do vírus no Brasil, mas sem histeria, a economia tem que funcionar, porque não podemos, não podemos ter uma onda de desemprego no Brasil**". E o desemprego leva pessoas que já não se alimentam muito bem, a se alimentarem pior ainda e vão mais sensíveis, né? Uma vez sendo infectadas, levar até a óbito.

E: Presidente, obrigado pela gentileza ao sair pra falar conosco da CNN. Boa noite para o senhor.

ANEXO 2

Episódio 2: entrevista de Bolsonaro para a rádio bandeirantes

No dia posterior, 16/03, em entrevista para a rádio bandeirantes, o Presidente ao conversar com o apresentador José Luiz Datena, retorna a usar a denominação histeria, conforme podemos observar na transcrição abaixo:

D: Bom é... Eu me lembro que quando ninguém entrevistava o cara, eu comecei a entrevistar ele aqui e... e tinha umas entrevistas boas pra caramba, velho. Tinha cada baita entrevista, ninguém queria entrevistar. Primeiro que ninguém queria acreditar que o cara ia virar Presidente da República e tinha boas entrevistas aqui, de manhã e tal. Então, bom dia Presidente Jair Bolsonaro, como vai o senhor, Presidente?

P: É... Bom dia, Datena. Eu deixo bem claro que aceito conversar contigo porque acredito na sua isenção, diferentemente de que uma parte considerável de jornalistas, né... que não pensam dessa maneira. Então, tô a sua disposição pra discutir um assunto de extrema importância para o nosso país.

D: Claro. Bom, mas Presidente, é claro que a gente não pode fugir. O senhor confia na minha isenção, mas confia também na minha personalidade porque eu sou muito parecido com o senhor. É... tem perguntas que não podem deixar de ser feitas.

P: Tudo bem.

D: Por exemplo, o fato do senhor primeiro dizer o seguinte: Olha, não vai ninguém pra rua porque é um perigo desgraçado você ir pra rua, porque tem a epidemia do coronavírus, esse coronavírus é perigoso. Aí a sua comitiva vai pra os Estados Unidos, tem onze caras já contaminados... E daí de repente, o senhor aparece ontem no meio do... Do do protesto, eu quase caí da cadeira quando fiquei sabendo disso, porque eu não tava nem preocupado com o protesto porque eu imaginei que eu não ia vê muita gente no protesto. E o senhor apareceu no meio da... é...da ...da... da manifestação, abraçando as pessoas, pegando o telefone celular e tal. Não ficou esquisito esse negócio Presidente, o senhor primeiro dizer pra tomar cuidado e depois participar com o povo desse protesto?

P: É... Primeiro o meu pronunciamento em rede nacional, na quinta-feira, foi para que o pessoal repensasse. Eu não tenho o poder de impedir o povo de fazer nada, afinal de contas eu sou escravo do destino, da da vontade do povo brasileiro, outra que não houve protesto nenhum, Datena, você está equivocado, me desculpe,

com esse pronunciamento. Eles estavam, em grande parte, fazendo um movimento pelo Brasil, ponto final, resolveram isso.

Eu não convoquei ninguém pra esse evento, não convoquei ninguém em momento nenhum, muito menos falei com uma imprensa dizendo hoje, que seria um movimento contra o Congresso e contra o Supremo Tribunal Federal, isso não existe, não existe da minha boca.

Bem, o que nós ia fazer no dia do evento, domingo?

Por volta das 11:30 da manhã, eu saí para dar uma olhada no que tava acontecendo na rua, com a comitiva minha, né... E depois fui pra presidência da república e de dentro da presidência da república, o povo, tava todo mundo no lado de fora e eu cheguei pra conversar com eles.

Agora, Datena, deixa bem claro, né... Os que estão me criticando aí, agora, no dia 9 de março, houve um grande evento em São Paulo, na Oca do Parque Ibirapuera, com lotação máxima de 1.300 convidados. Presentes ali, o presidente da Câmara, o presidente do Senado, os governadores de São Paulo, do Rio de Janeiro, aqui do Distrito Federal, presentes em um evento, uma aglomeração enorme de pessoas, que exemplos essas pessoas tavam dando para todo o Brasil, no tocante a essa preocupação que eles dizem que tem por ocasião do dia 15? Então, o que tá em jogo? É uma, é uma... Disputa política por parte desses caras, **eu to sozinho em um canto, sozinho em um canto, apanhando de todo mundo, grande parte da mídia, não são todos tá?** Alguns governadores, muitos governadores, os chefes do poder legislativo, né? Da câmara e do Senado, batendo o tempo todo, é uma luta de poder.

Agora, está havendo sim, existe o perigo, mas tá havendo um super dimensionamento nesta questão. Nós não podemos parar a economia. E eu tenho que dar o exemplo em todos os momentos, e fui realmente, apertei a mão de muita gente em frente ao palácio, aqui da... da... aqui da presidência da república, pra demonstrar que eu tô com o povo, o povo foi nas ruas, você tem que respeitar a vontade popular, mesmo que o povo erra, você tem que respeitar a vontade popular, isso é democracia.

Agora, eu não vou partir pra hipocrisia, como algumas autoridades presentes aqui, tem mais autoridades presentes, na Oca do Ibirapuera, 1.300 pessoas, ou seja, a elite política pode reunir 1.300 pessoas e eu não posso chegar perto de um povo, que foi pacificamente nas ruas, sem a minha convocação, então isso que tá acontecendo.

Estamos trabalhando aqui pra minimizar o máximo possível, os efeitos do coronavírus, caso venha se alastrar para o Brasil.

D: É, é... Eu acho que o Dória tá errado, acho que o Maia tá errado, em participar de coisa que tenha aglomeração, mas acho, também, que o senhor não fez a coisa correta, no meu ponto de vista, como um cidadão brasileiro falando com um presidente da república, que é a maior autoridade da nação, do mesmo jeito que a gente falava quando o senhor não era presidente da república. Sabe por quê? Primeiro, o senhor tem mais dois testes pra fazer do coronavírus, não é? Não tá provado que o senhor não tem o coronavírus ou tá provado que o senhor não tem o coronavírus?

P: O Datena, eu tô vendo, aqui nas imagens, que você tem mais três pessoas ao teu lado, eu vejo na imagem aqui. Algum deles pode ter coronavírus e não sabe, pode ter. Agora, eu não vou viver preso dentro lá, do palácio da Alvorada, esperando mais cinco dias com problemas grandes para serem resolvidos, né? Essa é a minha oposição. **Agora, eu resolvi apertar a mão do povo, escuta aqui, eu não**

convoquei o povo para ir para as ruas e isso é um direito meu, afinal de contas eu vim do povo, você bem disse, eu venho do povo brasileiro.

D: Claro que veio, o senhor é o Presidente. Mas o senhor não se arrependeu nenhum um pouquinho de ter feito isso?

P: Ô Datena, me desculpa Datena, como chefe de Estado aqui, não, não existe essa história de arrependimento, se temos algum problema vamos enfrentar juntos. Agora eu pergunto pra você: o pessoal que tá ao teu lado aí, vieram de metrô, vieram de trem, de ônibus, como é que eles foram para o serviço? E volta a questão da CNN, né? Foi lançada ontem, domingo, na CNN, não estou acusando essa tv, que espero que ela seja isenta em seu jornalismo, como você é aí no teu também. Agora, não vamos superdimensionar essa questão, não pode algumas autoridades começarem a proibir isso ou aquilo, você pode ver... Há dois dias tive um problema na saúde, proibiram os cruzeiros de aportar aqui. Tinha navio que faltava horas pra chegar no porto de Santos, outros faltava horas pra sair do porto do Rio. Como que você toma medida dessa maneira? Você não pode fazer isso, não pode. Afinal de contas tá havendo uma histeria. Estamos preocupado, agora, se isso vier a ocorrer no Brasil, essa nossa preocupação reflete como tratar a questão na frente. Agora, querer colocar a culpa de uma possível expansão do vírus na minha pessoa porque eu vim saudar alguns na frente aqui, da presidência da república, em um momento que eu não convoquei, é querer se ver livre da...da responsabilidade que é de todos nós.

D: Não, não é isso. É claro que o senhor não vai espalhar para milhões de pessoas, mas seria mais um exemplo do presidente, do que qualquer outra coisa. Tem ministro seu...

P: Ô Datena

D: Tem ministro seu...

P: Ô Datena, eu vim pra presidência da república, não convoquei o movimento, tá certo?

D: Eu já entendi.

P: Eu tenho obrigação moral de saudar o povo, que foi na frente da presi...Aqui na...do Palácio do Planalto, tenho obrigação, fui lá e fiz a minha parte. Se eu me contaminei isso é responsabilidade minha, ninguém tem nada a ver com isso. Agora...

D: Seria muito ruim para o país.

P: Tudo continua funcionando no Brasil. Tudo.Tá havendo uma **histeria**. Se você acaba com (), quando você proíbe em jogos de futebol, não vou entrar em detalhes, não sei com profundidade porque a CBF está discutindo a respeito da posição deles aí... Agora quando você vai falar de futebol, o cara que vende aí, o chá mate aí... nas arquibancadas, não vai vender mais, o cara que toma conta lá fora de carro, não vai tomar conta mais disso. Você vai acabar com o comércio do Brasil, que em grande parte é feito com informalidade, você vai ter um caos muito maior do que pode ocasionar esse vírus aqui no Brasil, é essa a preocupação que eu tenho, se a economia afundar, afunda o Brasil. E qual é interesse que parte, com toda certeza, dessas lideranças políticas, né... se afundar a economia, acaba qualquer governo, acaba o meu governo, é uma luta de poder. Há por parte de alguns, não estou dizendo todos, irresponsabilidade nisso aí. E não querer arranjar um responsável agora, pela possível disseminação do vírus no Brasil, e eles posando como heróis, como mártires, que estiveram presentes, dia 09 de março, na Oca do Parque Ibirapuera, com 1.300 pessoas no teu lado, podendo não comparecer. Você vai telefonar, Datena, por acaso, para o Rodrigo Maia, para o Alcolumbre, pra o vice, pra o Dória, pra o Ibaneis, fazer essas perguntas, chamar eles pra responsabilidade ou é só para o presidente.

P: Nossa desculpa aqui, Datena.

D: Vou fazer isso agora para o Maia, daqui a pouco vou fazer.

P: Dada a liberdade que eu te dou e vou continuar te dando essa liberdade, você tem que fazer um jornalismo mais amplo possível ou é só pra cima de mim esse tipo de pergunta?

D: Não, eu vou fazer para o Maia agora, daqui a pouco essa pergunta: por que ele foi nesse evento na Oca aí...se o senhor não confiasse na minha isenção, o senhor não daria entrevista, vou fazer o mais rápido possível pra ele, terminando a nossa, vou fazer com ele.

P: Sim, sim.

D: Agora é...por exemplo, o ministro, Paulo Guedes, ele disse que tem dados científicos que a pandemia né... a antes epidemia, mas a pandemia se alastra mais no Brasil do que se alastrou na China, com o objetivo, obviamente, de adiantar as reformas no Congresso. É um ministro seu que está falando e o Mandetta disse também que valia pra todo mundo, inclusive para o senhor, não sair nas ruas. São pessoas do seu governo.

P: Olha o... olha só. Eu não convoquei ninguém pra ir pra rua, tira isso fora. Não fiz nenhum movimento contra o legislativo ou contra o judiciário, não bota na minha conta. **Eu tenho a obrigação, a moral de atender a população.** Eu tava dentro da presidência da república, fui pra rampa, fui ali, tem uma cerquinha na frente e cumprimentei o povo, qual é o problema disso? Qual o crime nisso? O que tá em jogo, Datena, são 30 bilhões no orçamento, Datena, que vão pra mão do parlamento brasileiro? Pra eles, pra eles não, pra alguns deles decidirem pra onde vai essa grana? É esse o jogo? É o tal negócio, Datena, o Brasil tá dando certo porque tudo mudou, né... se eu tivesse fazendo, gastando dinheiro com a grande mídia, entregando ministérios, bancos oficiais, estatais pra alguns políticos, estava tudo bem no Brasil, não estaria sendo atacado por ninguém, questionado por ninguém. Nós estamos numa briga pelo poder e eu vou ser fiel àquilo que eu sempre tive à apoioação brasileira... **Eu sou escravo, quase escravo, da vontade popular. Estou fazendo a minha parte, agora repito: querer jogar nas minhas costas, uma possível disseminação do vírus, tendo em vista eu ter ido cumprimentar alguns aqui, que tinha algumas centenas, apenas, na frente da... da presidência da república, muito menos gente do que estava na Oca do Parque do Ibirapuera...ah isso daí, beira, no meu entender, não é da tua parte não, mas beira, beira, beira a uma politicagem, a mais, a mais, a mais arteira possível.**

D: Eu acho que tem que pegar o Maia e testar o Dória também porque vale, a colocação do presidente é válida. O medo que as pessoas têm, os caras não querem falar em golpe, mas tão falando em isolamento porque os caras têm medo de dizer golpe. Olha, o presidente tá se isolando cada vez mais, o presidente pode tá atacando as instituições, quer fechar cada vez mais. No fundo, no fundo, os caras têm medo é que o senhor dê um golpe. Eu até respondi um repórter que me perguntou esses dias, a possibilidade de vc dá um golpe, eu falei assim: pô, esse negócio de golpe caiu de moda, em lugar nenhum do mundo se fala mais em golpe militar.

P: Datena, é falta de argumento, Datena. Não tem argumento, entra nessa vala comum. Só isso, mais nada.

D: Mas seria importante que o senhor falasse sobre isso, sobre esse possível isolamento, coisa assim.

P: Nós tamos aí, com praticamente quinze meses de governo. Houve alguma medida minha pra fechar empresas, como houve no PT, quando se falava em democratização

da mídia ou controle social da mesma? Não existiu, zero. Tá? Algum movimento meu é... visando se afastar do legislativo? Não, muito pelo contrário. Se eu falo que o Rodrigo Maia tá um pouquinho acima do peso é motivo pra toda a mídia e ele próprio descer o cacete em mim, isso é motivo. Tá? Nunca se ouviu uma palavra minha de agressão ao parlamento brasileiro ou ao judiciário. Você nunca ouviu. Você lê na imprensa, essa imprensa que perdeu aqui, recurso por parte do governo federal. Nada mais além disso. Agora é um governo que tá dando certo. Agora, com esse tipo de trabalho que parte da mídia, que algumas autoridades vêm fazendo, a tendência é de viver em um clima tenso. Em nenhum momento, eu fechei as portas para o Rodrigo Maia. Agora, é justo trabalhar lá e botar na minha conta que eu tô deixando trinta bilhões para que o relator decida pra onde vai esse dinheiro? É luta de poder. Com trinta bilhões na mão no relator, bem escolhido por parte deles, você sabe que os caras podem fazer muita coisa que não é de interesse público acontecer.

D: O senhor tá querendo rever esse acordo?

P: Essa é a grande preocupação por parte deles.

D: O senhor tá querendo rever esse acordo?

P: Não tem acordo. O acordo, como eu disse ontem, ao vivo, na CNN, tá certo... é... tem que ter acordo, não é entre eu e qualquer outra autoridade do...dos poderes aqui em Brasília, tem que ser entre nós e o povo brasileiro, o povo não aceita isso. É isso que tá acontecendo. **O Brasil tava mergulhado na crise ética, moral e econômica. Nós começamos a recuperar.** Agora, você pode ver até as coisas simples, né, que a gente manda pra câmara, pro congresso, não vai pra frente. Até um simples projeto, simples, mais simples impossível, passar a validade de carteira de motorista de cinco pra dez anos, tá seis meses lá dentro e não vai pra frente. Não anda. Até, por exemplo, a questão da medida provisória sobre a carteira digital pro estudante, pra evitar que ele gaste trinta e cinco reais por ano pra tirar a sua carteirinha, pra poder ir lá no show e pagar meia entrada, é medida provisória caducada. Uma outra coisa que interessa, não interessa pra imprensa de papel. Você pode ver, você não ouve mais falar hoje em dia, na figura do datilógrafo, ninguém mais fala em datilógrafo, acabou. Agora, por que até hoje a imprensa, né, ou melhor, os empresários são obrigados a anunciar, a divulgar seus balancetes em jornais de grande circulação e não em mídias sociais? Por que não pode mais... mandei a medida provisória, tá lá. Caducou. O empresariado, né... E bancos oficiais também, como o BNDS, o banco do Brasil, estatais, como a Petrobrás vão ter que voltar, agora, fazer anúncios dos regionais. O gasto de nosso é um pouco acima de um bilhão e duzentos milhões de reais por ano. É dinheiro que poderia ir pra o acionista ou diminuir o preço da mercadoria na prateleira. Isso o congresso, o congresso não, o poder da câmara deixou caducar, não botou pra frente. Que acerto que ele fez com a imprensa? Que acerto ele fez com a ONU pra caducar a medida provisória da carteira digital? O que tá acontecendo é que uma simples medida pra mudar aí... a validade da carteira de motorista não vai pra frente. E tem outra coisa, eu tento facilitar e tento o tempo todo, é coisa simples, eu tô falando de coisa simples pra vocês. Isso não é um macro, um projeto macro econômico, tá certo? Até, por exemplo, na questão de tirar a sua... de fazer o seu exame da saúde pra você...pra você renovar a sua carteira de motorista, você é obrigado a ir em uma clínica conveniada ao Detran, você é obrigado a ir. Você não pode pegar um médico da família, amigo, um tio, um parente que seja médico e assinar o seu atestado de saúde, tem que ir pra lá. Isso não vai pra frente. Meu Deus do céu, o que eu quero do parlamento...

D: Você quer acabar com a dificuldade pra vender facilidade.

P: Que vote, que vote!

D: É...

P: Agora, as outras medidas têm um jogo de interesse muito grande.

D: Já entendi. Deixa aberto aqui. Você quer acabar com a dificuldade pra vender facilidade, que é a tal de corrupção, carta horária, essas coisas que existem aí.

P: Ô Datena, você ouviu falar esses dias que o Presidente implodiu o Imetro. É verdade. Quem tá nos ouvindo agora aí... você pode ver, queriam trocar aqui os tacógrafos, passar pra digitais, tá. O preço de cada tacógrafo para o motorista de ônibus, de caminhão, de Van, mil e novecentos reais. Você sabe quantos veículos usam tacógrafos no Brasil, atualmente? Um milhão e seiscentos mil. Eu acabei com essa farra. **Então tem muita coisa que eu tô evitando que o povo gaste, cortando né... é... cortando práticas anteriores ao meu governo, isso desagrada muita gente.**

D: Isso é verdade.

P: **É uma carga enorme pra cima de mim. Mexe com a minha família toda, toda.** Só falta mexer com a minha filha, Lara, de nove anos de idade. É isso que os caras fazem. Agora, o que eu quero? Não quero ser melhor do que o Alcolumbre, do que... do que... o Rodrigo Maia, não. Não quero... eu quero é que nós conversemos e aprovemos ou botemos em votação as questões que interessam à população como um todo. Eu fico chateado até porque eu acho, eu acho que eu ... não sei se é exagero ou não, mas uma crítica enorme em cima do...do... Rodrigo Maia. Mas agora como ele pode reverter isso? Já falei pra ele, dá pra reverter, tá certo. É começar a gente a trabalhar pelo Brasil, é simples. E não pra interesses outros, quaisquer que eu não sei se... não sei se é verdade ou se não é, não quero ser leviano, mas não vai pra frente, não anda. É o tempo todo é acordo, acordo, acordo, só falam em acordo, que acordo é esse? É sobre quinze bilhões, trinta bilhões do parlamento? Que acordo é esse? O acordo tem que ser entre nós e a população brasileira.

D: É, mas é por isso que o senhor ficou chateado com o Ministro Ramos, que teria feito essa intermediação, não foi isso?

P: O Ramos, o defeito dele é ser bastante inexperiente ainda. Tá certo? Esse é um defeito dele, mas (interrupção de dois segundos no áudio), nessa questão. E o pessoal te bota na parede, né, botou o Ramos na parede e pra conversa projetos pra andar lá, né? Compromissos futuros, né? Talvez o Ramos tenha se perdido um pouco pela sua maturidade, inocência e honestidade. É só isso que aconteceu. E outra coisa, você vê uma coisa, pra negociar com o parlamento não adianta você botar a Madre Tereza de Calcutá. O parlamento não são todos, né, mas é uma minoria que quer participar do governo. Quer ver uma coisa, Datena? Só deixa eu falar uma coisa aqui, Datena...

D: Eu acho gozado. Sabe o que eu acho gozado? Eu acho gozado que o Rodrigo Maia disse que gosta do senhor, o senhor disse que gosto do Rodrigo Maia e vocês quebram o pau todo o dia, eu acho gozado isso. Eu já ouvi do Rodrigo Maia que ele acha que o senhor tem um bom coração e tal. O senhor disse que gosta dele e quebra o pau todo o dia. Uma perguntinha antes do senhor fazer essa colocação, só como informação. O senhor tem razão em um aspecto: a economia mundial não que ela vai quebrar com o coronavírus, ela já quebrou com o coronavírus, esse é o detalhe. A... Bovespa cai mais de dois por cento e parou mais uma vez agora. A informação que tá contida aí no G1, chega agora. É claro que as implicações econômicas por causa do coronavírus serão seríssimas durante o ano. Mas, por

exemplo: se nós tivermos a ameaça de uma epidemia maior que nós estamos enfrentando neste momento, o senhor vai fazer como fez a Alemanha, Itália, Espanha fechar fronteira, o senhor vai tomar as providências necessárias pra que haja menos circulação na rua, o senhor vai ser favorável às medidas extremas que países que estão enfrentando uma situação extrema tomaram ou não, senhor Presidente?

P: Olha, hoje à tarde temos uma reunião aqui que vai ser do Ministério da Defesa pra tratar desse assunto. Então você pode ver, falam em fechar a fronteira com a Venezuela, é uma fronteira seca, Datena. Aonde tá a pista ali, você pode botar ali um pelotão ou companhia, ou um batalhão do exército e fechar, sem problema nenhum. Agora, vaza por outro lugar. É tipo um governador aí, do Rio de Janeiro, foi a ONU, né, que declarou que foi a ONU pra fechar a fronteira com o Paraguai, Bolívia e Colômbia pra combater aí, a entrada de armas e de drogas, né? Quem lê aquilo, quem não tem conhecimento de nada pode até acreditar, só que essa fronteira desses três países é o dobro da fronteira dos Estados Unidos com o México. Não é fechar fronteira, não é assim que funciona. O que eu vou sugerir hoje lá, que eu participo na intenção de também sugerir pro pessoal, né? A essa entrada de pessoal, você faz um exame ali do lado, né, quem tiver algum sintoma, fica. Agora, não podemos dizer que todo mundo da Venezuela, que todo mundo do Paraguai, da Bolívia tá infectado. Se quiserem vir pra cá, vão entrar no Brasil de uma forma ou de outra. **Agora, se você precisar dar uma lida aí, o prezado Datena, você não tem esse poder de fechar a fronteira. É só ver a lei de imigração, votada em 2017. Você sabe qual foi o único deputado que discursou contra ela? Foi eu. Ninguém mais ninguém discursou contra. Apanhei feito um cão danado por vários dias, em especial na rádio CBM. Não me deram espaço pra dizer porque eu tava contra esse projeto.** Hoje em dia o Brasil é um país sem fronteiras, você não encontra espaço na lei pra fechar, inclusive se chegar um navio aí com cinco mil turistas, né, um navio de cruzeiro e parar no porto de Santos, eles vão desembarcar aqui e não tem nada que possa impedi-los se quiser ficar no Brasil, basta dizer que tá sendo perseguido político. Esse é o nosso Brasil, é o Brasil onde vale tudo. Agora, o montual de leis, que não é fácil você desfazer isso tudo quando você tem dificuldade pra aprovar um projeto simples no parlamento brasileiro. Essa é uma grande realidade. E o pessoal procura sempre fazer o que? Achar um responsável pelo seu insucesso, tá. O cara teve o problema em casa lá com a esposa dele ou com o seu esposo. Ele vai achar um vereador ou um prefeito, um governador pra colocar a culpa nele. É o país onde querem sempre culpar alguém pelo insucesso do mesmo e não querem se dar as mãos pra buscar a solução. E a solução em noventa e cinco por cento ou mais, passa pelo parlamento brasileiro, o que eu posso fazer por decreto, eu faço, como a questão do desarmamento, recuei depois, apesar de tá amparado pela lei, mas poderia perder no supremo ou perder no próprio Congresso Nacional porque um decreto pode ser derrubado pelo parlamento brasileiro.

D: O senhor vai tentar esse acordo com o Congresso, essa posição de maior proximidade com o Congresso ou o senhor vai permanecer dessa posição, que se o Congresso bater no senhor, o senhor não vai conversar com o Congresso?

P: Olha, pela primeira vez eu reagi a um ataque frontal, como o do Rodrigo Maia ontem, me chamando de irresponsável nas mídias sociais. Pela primeira vez... nunca tratei dessa maneira, você não vai achar nenhuma acusação minha ao longo de quinze meses, eu batendo no Rodrigo Maia, você não vai achar (). **Agora, as mídias sociais bate nele, bate em mim, bate em você também, bate em todo mundo.** Agora, costumo dizer a solução tem que sair de um primeiro momento de um

entendimento entre nós e eu to pronto pra conversar. Agora, nós sabemos que tá um jogo de poder aí, desgastar, desgastar, desgastar. Alguns falam em impeachment do Presidente, até por questão de mandar um, de retransmitir, passar pra frente um videozinho no Whatsapp, um grupo selecionado, se fala em impeachment o tempo todo assim. O que tá acontecendo? Não tá dando certo esse governo? Vocês querem que assuma outra pessoa que loteiam os seus ministérios todos como acontecia no passado? Loteiam os bancos oficiais? Olha a Caixa Econômica Federal teve um lucro record no ano passado. O BNDF lucro record ano passado porque não tá havendo mais roubalheira e quem é que roubava nesse país? Eu não vou dizer pra você, Datena, todo mundo sabe como quem eram feita a partilha do poder em Brasília, isso acabou. E não to sendo arrogante, nem peito ninguém, mem fico ameaçando ninguém, nem fico posando de moralista, nada disso. Eu to fazendo a minha parte, assim como eu indico os meus ministros, né, os demais poderes, né, o legislativo faz a eleição e ali se elege ali a composição da mesa, os líderes, os deputados se reúnem, elegem os seus líderes e aí toca o barco. Agora, não existia mais aquela maneira de governar como existia no passado, quando você tinha toda a semana a denúncia de corrupção. Nós estamos quinze meses sem denúncia de corrupção. Pode ser que aconteça corrupção no governo, pode, mas não vai ter a nossa...nosso... não seremos complacente com isso. O que tá em jogo é o poder, tá? Alguns tão em campanha até hoje esperando 2022. É o tempo todo pancada em mim, o tempo todo pancada em mim. Você pode ver, teve semana passada o Mandetta aí em São Paulo, a...a... a... Globo News, né, ao vivo, tava o Mandetta, o Dora fazendo entrevista, tá? Lógico, que tendo em vista o conhecimento, a bagagem que tem o Mandetta dá audiência, acabou? O Dória vai pra uma coletiva ali e desce o cacete no governo, desce o cacete no governo. Agora, eu até tenho bons ministros porque eu tive liberdade pra indicá-los. Agora, essa campanha o tempo todo pra desgastar o governo, não é pra desgastar o governo. Tá prejudicando o Brasil. Eu to, eu devo estar hoje a tarde com o pessoal aí de bares e restaurantes, bares e restaurantes, reunido com eles. É o pessoal que mais sofre, vai ter um baque agora, tendo em vista algumas medidas tomadas por autoridades de Estado, que já começou a prejudicar...a prejudicar o lucro deles.

D: O senhor vai permitir que essas medidas continuem sendo tomado é por cada um... tomadas por cada unidade da federação ou o senhor pretende assumir isso?

P: Olha, se nós tivermos é... tem certas coisas que eu não tenho como interferir, Datena. Eu não tenho como interferir. **E tudo que eu poderia interferir, vem pancada em cima da gente o tempo todo, como se o grande responsável por tudo que acontece de errado, no Brasil, sou eu apenas, tá?** O pessoal reclama de mim o valor do IPVA, não tem nada a ver comigo. Reclama de mim, como se fosse só eu o responsável pelo preço da gasolina. Na ponta da linha tem o imposto estadual, que tem que ver. Nós reduzimos, () vinte por cento o preço do combustível no (), vê quanto diminui na ponta, na bomba de combustível pra o...pra o... pra o motorista de automóvel ou de caminhão ou de ônibus. Não reduziu nada, tá. É uma maneira errada de se cobrar ICMS, não to criticando o governador. O imposto, pra mim, tem que ser cobrado é na...na... origem ali, no valor da refinaria e não no preço final da bomba porque o dono do posto vai baixar, se ele baixar a carga que vem em cima do preço anterior, ele tem prejuízo. Então essas questões, não tem nada demais o governador falar: olha, o ICMS sempre foi dessa maneira, sempre foi assim, vamos ver o que a gente pode fazer. **E não atacando, fazendo abaixo assinado, vinte governadores**

contra o Jair Bolsonaro. É o tempo todo assim. Mudou o governo, eu continuo leal aos interesses do povo brasileiro, não faço demagogia, não faço populismo. O povo foi às ruas mesmo recomendando não ir, é sinal que não fiz populismo, eu não traí ninguém e não trabalhei por baixo dos panos, nunca fui nas ruas, zero. O povo tá sentindo o que tá acontecendo, infelizmente pintou essa questão do vírus agora e repito aqui: pode bater em mim a vontade. Podemos ter problema sim, tá. As pessoas com deficiência ou as pessoas mais idosas que tem deficiência, **obviamente**, até pela idade podem vir a óbito até porque **uma gripe outra qualquer** leva a óbito. Agora, querer responsabilizar tudo isso o que está acontecendo como se fosse apenas o...o coronavírus e o responsável é o presidente que deu péssimo exemplo, teria dado um péssimo exemplo no último domingo, isso é uma irresponsabilidade. A luta é pelo poder. Repito aqui: as autoridades aqui presentes, com mil e trezentos convidados na Oca do Parque do Ibirapuera, que moral tem esses que falaram contra e tão me criticando em ter comparecido a um evento como isso daí? O Brasil tem que dar certo, tá? Se o governo errar, se o governador errar, o prefeito errar, o pessoal ali do seu estado, seu município ou todos da união sofrem com isso. É buscar a solução e não fazer a demagogia o tempo todo.

D: Bom, é... é claro que a economia é fundamental para o país, é vital pra qualquer tipo de nação uma economia. E é claro que qualquer problema em uma economia globalizada interfere no...no nosso país especificamente, isto não é um problema. Esse é o maior problema dos últimos tempos, essa pandemia é o maior problema dos últimos tempos, tanto que houve outro circuit breaker é... E as reformas são importantes para que o Brasil caminhe. Até que ponto o senhor acha que isso vai dificultar, essas reformas necessárias pro desenvolvimento do Brasil e até que ponto as notícias que circularam que o Ministro Paulo Guedes tem um determinado tempo pra resolver a situação econômica da forma que o senhor quer, se ele tem um tempo de validade ou se ele não tem, se ele vai continuar sendo ministro da economia independente de não alcançar resultados mesmo que atrapalhado pelo coronavírus, são incertezas que o mercado tem, Presidente.

P: Ô Datena... Imprensa mentirosa, calhorda. Eu nunca falei que o Paulo Guedes tem prazo de validade, que ele tem que resolver até tal data, tal hora é... Essa ou aquela questão. Imprensa mentirosa, em especial a Folha de São Paulo, um lixo de imprensa, um lixo de imprensa. Tem dias que tem vinte matérias contra mim ali, nenhuma falando a verdade. É o tempo todo em cima dessa desinformação. E daí o Jornal Folha publica e todo mundo replica, todo mundo replica, tá. Então, Paulo Guedes cem por cento de apoio do Presidente. O que eu interfiro de vez em quando na política econômica dele, reservadamente nós dois aqui, é o viés político. Paulo, o que acontece é o seguinte: a questão política tem que ser tratada dessa maneira, a técnica econômica você tá cem por cento certo, vou aguardar o momento certo de botar isso pra frente. Então, mentira de uma imprensa sem, sem moral, já desacreditada perante a opinião pública, fazendo esses fake news o tempo todo. Vou tá com o Paulo Guedes daqui a pouco, vou tá, talvez, o dia todo com ele hoje, buscando soluções. Ele juntando pessoas do seu ministério, pessoas competentes pra ver onde nós podemos agir. Vamos agir na questão das aéreas que tão perdendo clientes, vamos deixar quebrar ou vamos tentar uma alternativa. No meu entender, quebrar é a pior alternativa que existe. Agora, o que eu tenho dito para o Paulo Guedes o pessoal sabe, né? Pior que uma decisão mal tomada, é uma indecisão. Nós não seremos omissos aos reclamos da sociedade. A nossa preocupação existe, agora a nossa economia não é americana. O Trump anuncia aí bilhões e bilhões e bilhões de

dólares pra socorrer esse ou aquele setor, a gente não tem recurso pra isso. Tamo tentando recuperar esses quinze bi que estão com o parlamento brasileiro, queremos. Cinco já foi negociado, olha só ein, um Presidente da República, Chefe do Executivo que, de acordo com a constituição tem que executar o orçamento, negociou cinco bilhões, vai pra saúde, tem dez bilhões nas mãos deles. Vamos ver o que a gente pode fazer com esses dez bilhões, pedir favor, pedir favor. É isso que acontece, um Chefe do Executivo que é obrigado a cumprir lei, que é votada dentro do Congresso Nacional, tá certo, fica agora com essa questão de mendigar recurso para o parlamento, mendigar junto com o relator, junto com a liderança recurso pra a gente poder aplicar aqui, lá e acolá. Não dá, não dá pra dar certo um país desse daí, cada um, como diz né, é cada macaco no seu galho, cada um no seu galho, pô, cada um no seu galho, cada um fazendo a sua parte. É isso que nós queremos no Brasil. Agora, pela primeira vez na vida, Datena, eu não tô partindo para o contra-ataque ou pau ataque, eu tô falando a verdade. **Eu tô quinze meses calado, apanhando, apanhando, apanhando, apanhando calado.** Resolvo falar agora. Espero, né, que temos notícias verdadeiras na imprensa logo mais, o que eu duvido, espero, duvido. E vamo tocar o barco, vou fazer a minha parte, **estou consciente da minha responsabilidade, devo lealdade ao povo brasileiro, vou continuar sendo leal ao povo brasileiro, se tiver que sair às ruas, eu saio às ruas, não vou convocar, continuo achando que tem que evitar ajuntamento de pessoas, mas o vírus é uma realidade.** Ele, você, pode ter gente aí do teu lado, como disse aí, infectado. Pode ter, eu tô vendo você e mais três aí, pode ter um infectado.

D: Inclusive eu.

P: Inclusive você. Se você não fizer exame, pode não descobrir. Eu tô me sentindo muitíssimo bem. Amanhã eu vou fazer mais um exame, tá, mas isso custa caro pra o povo ir pra rua e procurar um médico, né, porque os hospitais estão cheios também. Sempre tiveram problema, vão ter mais esse problema, eu sei que vai passar por isso, que a gente vai passar por isso.

D: É, mas se... Por exemplo, se ficar constatado que o senhor tem o vírus, o senhor não pode sair na rua de novo, né?

P: Se eu tiver o vírus, é outro procedimento, tá certo? Eu não posso é viver uma neura aqui, uma psicose e ficar dentro de casa. Eu não consigo ficar dentro do... Trabalho lá sim, lá é minha residência oficial também, eu tenho que despachar aqui na presidência e dar exemplo, tá do lado do povo, tá. Se o povo aparecer aqui na frente da presidência, eu vou ficar escondido aqui dentro? Se o povo aparecer aqui na frente de novo, eu vou lá pra frente conversar com o pessoal. Afinal de contas, né, é... É uma maneira que eu tenho de demonstrar que eu tô junto com eles, na alegria e na tristeza.

D: Olha, se a epidemia chegar da forma com que chegou na Europa, no Brasil. Se essa pandemia atingir o Brasil como atingiu a Europa, não é uma conversa hipotética porque ela é perfeitamente factível, já tá em todos os continentes, a Itália subestimou a presença, da chegada do vírus lá. É... O Brasil tem condições do sistema público lidar com essa epidemia ou a gente vai ter muita dificuldade?

P: Vai ter dificuldade, Datena, não há a menor dúvida, né? Nós já determinamos aqui, o Ministério da Defesa preparar os hospitais militares nossos pra atender esse pessoal. Como sempre na dificuldade procuram as forças armadas, como sempre, sempre procuram. Pintou problema, né, de violência (), pintou problema de... Lá trás lá, de levar dinheiro o (), dinheiro pra espalhar pro Brasil todo, são as forças armadas, né? Qualquer problema é as forças armadas, a falta da água

é as forças armadas. Sempre é as forças armadas, faremos a nossa parte, pode ter certeza disso. Agora, quando você pega a população da Europa, Datena, o que a gente ouve falar em questão desse vírus? **Atinge mais aos idosos, mas por que os idosos? Porque é natural, Datena. A gente vai pegando uma idade, a gente vai ficando mais fraco, a gente vai ter outros problemas, o cara perde um rim, o cara tem problemas mais variados possíveis.** Mas agora, a população da Europa é mais velha do que a nossa, então mais gente vai ser atingida com o vírus do que nós, a nossa população é mais jovem. Veja a média do número de filhos, né, por casal ou por mulher no Brasil e veja a média pro lado de lá e a tendência pro lado de lá é aumentar a idade. Então, é um pessoal mais atingido do que nós. Então, realidades diferentes, né, diagnósticos diferentes.

D: O PIB é fundamental porque o PIB atrai investidores internacionais. A partir do momento que você tem um investimento baixo, você atrai menos investimento internacional é... O nosso PIB deve ser afetado ainda mais pelo coronavírus. Isso assusta o governo brasileiro ou não, Presidente?

P: Preocupa bastante. A previsão nossa, esse ano, era pra crescer dois por cento, previsão, com esse problema dificilmente vai chegar a isso daí e o país é eminentemente um país cuja grande parte da economia nossa, nosso PIB vem da produção rural, tá? Agora, o mundo não deixa de comer. Agora, outros países como a China tá pagando menos pelo que produzimos aqui. Vamos ter dificuldade. Agora, como vamos reagir a tudo isso? Não é fácil. Até pra economistas renomados, como o Paulo Guedes, tem dificuldades. Mas estamos fazendo a nossa parte buscando atenuar esses problemas porque todos vão acabar sofrendo no Brasil. Estamos indo muitíssimo bem, as nossas viagens internacionais, né, compromissos, acordos maravilhosos, como o último nos Estados Unidos. Agora, obviamente, que uma coisa é abalado. Agora, o mundo não vai deixar de investir. O Brasil, o pessoal sabe, que vai vencer, daqui a pouco tempo vai vencer essa crise. E nós vamos crescer, eu tenho certeza disso. Afinal de contas, Datena, uma pergunta pra você, Datena, vamo lá. Olha, o que o Brasil tem: extensas áreas agricultáveis, uma das melhores do mundo, biodiversidade inigualável, riquezas minerais que ninguém tem, uma costa maravilhosa, um interior pra turismo exuberante. Por que o Brasil não dá certo, Datena? Onde é que tá o problema? É o que eu digo, o que o Japão tem? Eles não têm nada comparado conosco e olha o que eles são. A mesma coisa Israel, Israel nem petróleo tem, não tem nada e olha o que eles são. E olha o que nós não somos. Onde é que tá o problema?

D: Quer que eu responda a pergunta ou não?

P: Responda pra mim a pergunta, Datena.

D: Roubalheira, até hoje foi roubalheira.

P: Então hoje em dia...

D: Tá respondido a pergunta ou não?

P: Em grande parte sim, sim, é desvio, descaso.

D: E qual a outra parte que falta?

P: Olha a Petrobrás, a Petrobrás no passado e a Petrobrás hoje em dia, olha o BNDS no passado, dando dinheiro pra ditaduras do mundo todo. Olha hoje, o lucro fantástico, nunca visto ano passado. Porque não abriu, não foi colocado por indicação política, alguém pra presidir o BNDS. Não foram colocados na diretoria da Petrobrás, né, atendendo a clamores político-partidários lá. Então tem que dar certo, tem que dar certo. E hoje em dia, funciona o no meu governo quase que uma estrutura militar, eu dei liberdade para os ministros. Lógico que eu tenho poder de veto em alguns casos,

não é que cada um vai fazer o que bem entender no seu ministério, vai fazer... **Eu tenho poder de veto, tem uma coisa, eu interfiro em qualquer ministério, até da economia que é o mais forte, o mais fraco que é da Damares, da mulher ali, que tem o menor orçamento. Tenho esse poder de interferir, interfiro. Se tiver que interferir na justiça, que é o do Sérgio Moro, eu vou interferir e ponto final. Agora, esse é o meu papel, por isso que o Brasil tá dando certo.**

D: Pra encerrar, eu não vou continuar durante muito tempo. A tossida que você deu aí no meio, é porque você engasgou, né? Não tem nada a ver com o coronavírus, né?

P: Não, o Datena, eu tenho problema de refluxo e quando eu começo a falar, eu tusso.

D: É, eu fiquei preocupado, você começou a tossir e eu falei, ué, com medo de coronavírus, eu fiquei preocupado aqui.

P: (Gargalhadas)

D: Duas questões que me chamaram a atenção, né. Uma que eu acho importante o senhor deixar bem claro que democraticamente, permanece com linhas abertas para a democracia e para as negociações com o Congresso Nacional, até aí eu tô certo ou eu tô errado?

P: Sem problema nenhum, tô disposto aqui, se o Maia ou o Alcolumbre vier conversar comigo, sem problema nenhum, será motivo de satisfação, afinal de contas demonstra aí que o Brasil tá acima de nossos interesses, tô de braços abertos, pronto pra conversar com eles. E a solução tem que sair de nós, basicamente três pessoas: Eu, o Davi e o Maia, quer alguns queiram, quer não, tá? Tem que sair de nós e o nosso acordo tem que ser com o povo brasileiro e não entre nós, entre nós tem que haver entendimento, apenas.

D: Outra coisa que lhe preocupou muito e, parece estar preocupando, é a questão do impeachment. O senhor pensa que isso é factível, o senhor tem medo de ser um Presidente impichado, já tivemos dois nessa nossa democracia ou isso não lhe incomoda?

P: Ô Datena, o primeiro teve a acusação de corrupção, participação direta do Presidente. A segunda, entre outras coisas, a questão de peladas, né, abusar da questão fiscal do país, tá certo? Eu não abuso e não tenho qualquer envolvimento com corrupção e o terceiro fato, um impeachment só pode haver, no meu entender, se tiver uma...Um..O povo tiver favorável a isso. Não existe nenhum ingrediente no tocante a isso aí. Agora, não pode, não pode um Chefe do Executivo viver ameaçado o tempo todo. Pela primeira vez, Datena, eu tô falando alguma coisa pra imprensa porque inclusive é ao vivo. Ontem lá no Alvorada, quando eu saí, tinha lá umas redes de televisão, eu falei: Ô, tô pronto pra falar se houver interesse, só tinha a CNN ao vivo, se não for ao vivo eu não gravo. Porque os caras pegam um pedacinho da gravação e depois distorcem completamente o que aconteceu. E dei a minha entrevista para a CNN. Agora, não é... é um golpe, seria um golpe se isolar o Chefe do Executivo por interesses outros, né, que não os republicanos.

D: É, o senhor não quer dar golpe, mas o senhor não quer ser golpeado também pelo o que entendi durante a entrevista e o senhor acha que haveria revolta popular se houvesse um movimento nesse sentido?

P: Ô Datena, quando você fala em golpe, Datena, o mundo levanta barreiras contra você. Você tem um problema enorme, isso não existe essa possibilidade, zero, até porque eu taria () a posição do Ministro da defesa que não seria simpática em uma situação dessa, zero. Nós queremos resolver a questão do Brasil. Como eu te

disse há pouco, você respondeu a minha pergunta, nós temos tudo pra ser uma grande nação, o que tá faltando, meu Deus do céu, tá faltando nada pra gente, né, tá faltando entendimento e buscar aprovar coisas no parlamento que passam por lá de interesse popular.

D: É...É claro que o entendimento é o melhor caminho, eu espero que no momento que o mundo inteiro procura o entendimento pra combater um inimigo microscópico que pode acabar com boa parte da humanidade é... Em alguns países vai ser muito mais sério que aqui, também acho, pela questão da idade das pessoas, mas aqui também vai ser sério. A gente tem que tá preparado e tem que ter mais união, principalmente entre o Presidente e as instituições pra que nada aconteça de errado e pra que nós tenhamos um combate sério e necessário a essa doença que preocupa o mundo inteiro. Não é à toa que os países estão fechando fronteiras, não é à toa que os países estão preocupados, fechando bares e fechando shows e acabando com campeonatos, aqui a gente foi o último a fazer isso. Carnaval de rua, jogo de futebol, eu sempre, desde o começo, alertava pra isso e nunca tive a intenção de ser Presidente da República e, aliás, nem tenho intenção nenhuma de ser Presidente da República. Eu vejo o que passa um Presidente da República e quero passar longe desse cargo. É... O senhor tem mais alguma consideração a fazer, Presidente? Porque antes de terminar a entrevista, como jornalista, é claro que quando o senhor ataca a imprensa, eu fico triste e chateado e não posso concordar com o que o senhor fala sobre profissionais da imprensa ou de determinados órgãos da imprensa, são coisas que eu realmente não concordo, o senhor sabe que eu sou um cara sincero, mas respeito a sua opinião. Mas eu tenho a minha opinião também, da mesma forma que o senhor defende pessoas da sua classe, eu sou obrigado a defender da minha porque senão que moral eu teria de falar no microfone, escrever no jornal ou aparecer na televisão? Eu não sei se o senhor concorda comigo, eu continuo dizendo pra todo mundo... tem muita gente que diz que... Tem muita gente que tem medo de dizer que gosta do senhor, eu falo publicamente que gosto do senhor. Eu não sou obrigado a pensar do jeito que o senhor pensa, nem o senhor do jeito que eu penso, ter os amigos que o senhor tem, nem o senhor ter os amigos que eu tenho e nem a gente coadunar as mesmas ideias, muita coisa a gente realmente combina, você fez uma pergunta pra mim que eu respondi na bucha porque a gente combina nessa situação. Outra coisa bem clara pra que as pessoas não encham mais a paciência, o Presidente deixou claro e evidente que não vai apoiar ninguém à prefeitura de São Paulo e eu nem ainda decidi se vou ser candidato a prefeito de São Paulo. Em nenhum momento ficou acertado uma negociação que o Presidente me apoiaria pra coisíssima nenhuma, em nenhum momento o Presidente da República falou pra mim que ia me apoiar pra prefeito de São Paulo, só falou pra mim que eu tinha condição de ganhar o cargo de prefeito de São Paulo. Então, pra deixar bem claro, pra não dizer que o Presidente Jair Bolsonaro tá dando entrevista pra mim porque vai me apoiar pra prefeitura ou pra qualquer outro cargo político, pra que as pessoas não falem alguma bobagem, que isso fique bem claro que essa é uma entrevista de um jornalista para com a autoridade máxima do Brasil. Outro dia colocaram que eu era o interlocutor do Bolsonaro, interlocutor uma ova. O Presidente caiu, bateu a cabeça, ficou sem memória durante algumas horas, ele falou isso pra mim, boa parte do país não sabia, se não tiveram competência de entrevistar o Presidente pra saber disso, o problema não é meu. O Irã atacou os Estados Unidos, eu vou entrevistar quem? O Presidente da República. Então, aqui está falando um profissional, no qual o Presidente pode confiar, e eu estou entrevistando o Presidente

da República. Não tem nada político aqui, dessa entrevista, absolutamente, nada político. Se assim tivesse, nem ele falaria pelo jeitão dele, nem eu pediria essa entrevista, que isso fique bem claro, né Presidente?

P: Ô Datena, começando pelo final aí, você tem toda a razão. Eu tenho uma profunda simpatia por você, nós já conversamos algumas vezes, discutimos política, obviamente, nós somos seres políticos, né? A minha tendência é não entrar em disputas pela prefeitura no Brasil porque eu já tenho problemas demais pra entrar nessa disputa, eu quero passar ao largo.

D: Acho que tá certo.

P: O que acontece? Eu posso apoiar um outro candidato a vereador aí, bater um papo com ele, se for o caso, candidato a vereador pelo Brasil, sem problema nenhum. Vou entrar na política, sim né, de Mato Grosso, porque tem umas eleições fora de época pelo senado. Tô apoiando lá, vou apoiar lá uma pessoa, não sei se vai chegar, mas tudo bem. No mais, Datena, você nunca viu um vídeo meio, um áudio meu falando em fechar Congresso, fechar o Supremo Tribunal Federal, você nunca viu isso. De vez em quando, a imprensa escrita bota aí (). Os caras dizem que eu tô batendo na imprensa, que eu tô ofendendo a imprensa, não ataco a imprensa. **Eu sou atacado por essa banda da imprensa, né, não é todo mundo, vinte quatro horas por dia, o tempo todo fake news.** Hoje mesmo, não sei se é o jornal de São Paulo ou () que eu tô em protesto contra o Supremo e contra o Congresso. Não existe isso, repito: não existe isso. E quando eu falo que não existe isso, a própria imprensa diz que eu voltei atrás, que eu não tô assumindo, que tô sendo inconsequente. É a luta de poder. Essa cadeira que eu tô aqui é cobiçadíssima, ninguém podia esperar que eu sofresse uma facada que, no meu entender, não foi da cabeça daquele maluco, alguém tava por trás, tanto é que a nossa OAB que me fala o tempo todo que eu sou contra a democracia. A OAB entrou com uma ação pra que o telefone do Adélio, tá, que a polícia federal não pudesse saber com qual pessoas o Adélio entrou em contato horas antes da facada, no dia seis de setembro de dois mil e dezoito. Essa é a OAB, que me acusa de ser antidemocrático, mas entra com uma ação que não se permita saber com quem o Adélio conversou horas antes da facada. Eu respeito a imprensa. Agora, imprensa que age dessa maneira eu dou o troco neles, eu sou obrigado a dar o troco neles, eu sou obrigado a dizer que eles estão mentindo, que a folha de São Paulo, tá, lembra o caso da Wal do açai lá em Angra dos Reis? No dia dez de Janeiro do ano...do ano...do ano passado, né, a Wal foi acusada de estar na lojinha de açai dele, que não fatura um salário por mês. Só que no dia dez de janeiro, você vai no boletim administrativo da câmara e vê que ela estava de férias, vê se a folha voltou atrás até hoje, né? A imprensa pode errar, Datena, você já deve ter errado com toda a certeza. Tenho humildade, quando eu erro tenho a humildade de voltar atrás, como eu posso tratar uma imprensa que trata uma senhora, a Wal, uma senhora pobre, que ganhava no piso mil e duzentos reais por mês, ser atacada barbaramente, vou deixar ela...Ela sem resposta? Eu apresentei o boletim pra folha de São Paulo e não adiantou nada, não publicaram, não retificaram o seu erro, pô. Então, a gente não pode responder a imprensa é uma coisa, agora querer achar que tudo que eles escrevem é verdade e tem que ficar quieto aí não dá. Aí não tem ataque da minha parte, tem resposta às mentiras que fazem quase que vinte e quatro horas por dia contra o Presidente Jair Bolsonaro e a sua família também.

D: Presidente, é... É...O Senhor faz o teste amanhã, o segundo teste amanhã ou o senhor já fez e espera o resultado amanhã?

P: Não, não, vou fazer amanhã, segundo teste que eu vou fazer. Eu digo pra você, até o momento, se eu tiver com o vírus aqui, não tô sentindo absolutamente nada, tá tudo normal, inclusive tô caminhando lá no Alvorada, o médico não me proibiu de caminhar, sem problema nenhum.

D: Eu espero que o senhor não esteja contaminado até porque a nação precisa do Presidente da República bem e espero que o senhor fique bem e agradeço a entrevista porque eu me lembro que várias vezes, quando esse programa começou, quando autoridades super, hiper importantes da época falavam com a gente, o senhor jamais negou uma entrevista ao noventa minutos, eu achei bem lógico pedir essa entrevista ao senhor em um momento como esse e agradeço a sua participação no grupo bandeirantes mais uma vez. Um abraço grande, Presidente.

P: Um abraço, Datena.

ANEXO 3

Episódio 3: o pronunciamento oficial

No dia 23/03, segundo o site G1 da Globo, o presidente realizou um pronunciamento oficial, no qual voltou a criticar as medidas de isolamento, bem como tratá-las como uma “histeria”. O vídeo será transcrito abaixo:

Boa Noite. Desde quando resgatamos os nossos irmãos em Wuhan, na China, numa operação coordenada pelos Ministérios da Defesa e Relações Exteriores, surgiu para nós o sinal amarelo. Começamos a nos preparar para enfrentar o coronavírus, pois sabíamos que mais cedo ou mais tarde, ele chegaria no Brasil.

Nosso Ministro da Saúde reuniu-se com quase todos os Secretários de Saúde dos Estados para que o planejamento estratégico de enfrentamento ao vírus fosse construído. E, desde então, o Dr. Henrique Mandetta vem desempenhando um excelente trabalho de esclarecimento e preparação do SUS para atendimento de possíveis vítimas. **Mas, o que tínhamos que conter naquele momento era o pânico, a histeria e ao mesmo tempo, traçar a estratégia para salvar vidas e evitar o desemprego em massa.** Assim, fizemos quase contra tudo e contra todos.

Grande parte dos meios de comunicação foram na contramão. Espalharam exatamente a sensação de pavor, tendo como carro-chefe o anúncio de grande números de vítimas na Itália, um país com grande número de idosos e com um clima totalmente diferente do nosso. O cenário perfeito, potencializado pela mídia, para que **uma verdadeira histeria** se espalhasse pelo nosso país.

Contudo, percebe-se que de hoje para ontem, parte da imprensa mudou o seu editorial: pede calma e tranquilidade. Isso é muito bom, parabéns imprensa brasileira. É essencial que o equilíbrio e a verdade prevaleçam entre nós.

O vírus chegou, está sendo enfrentado por nós e **brevemente passará**. Nossa vida tem que continuar, os empregos devem ser mantidos, o sustento das famílias deve ser preservado.

Devemos sim voltar à normalidade. Algumas poucas autoridades estaduais e municipais devem abandonar o conceito de terra arrasada, a proibição de transportes, o fechamento de comércio e o confinamento em massa.

O que se passa no mundo têm mostrado que o grupo de risco é o das pessoas acima de sessenta anos. Então por que fechar escolas?

Raros são os casos fatais de pessoas sãs com menos de quarenta anos de idade. Noventa por cento de nós não teremos qualquer manifestação, caso se contamine. Devemos sim é ter extrema preocupação em não transmitir o vírus para os outros, em especial aos nossos queridos pais e avós, respeitando as orientações do Ministério da Saúde.

No meu caso particular, pelo meu histórico de atleta, caso fosse contaminado pelo vírus, não precisaria me preocupar, nada sentiria ou seria, quando muito, acometido por uma **gripizinha ou resfriadinho**, como bem disse aquele conhecido médico, daquela conhecida televisão.

Enquanto estou falando, o mundo busca um tratamento para a doença. O FDA americano e o Hospital Albert Einstein, em São Paulo, buscam a comprovação da eficácia da Cloroquina no tratamento do COVID-19. Nosso governo tem recebido notícias positivas sobre esse remédio produzido no Brasil, largamente utilizado no combate à malária, ao lúpus e à artrite. Acredito em Deus que capacitará cientistas e pesquisadores do Brasil e do mundo na cura dessa doença.

Aproveito para render a minha homenagem a todos os profissionais da saúde: médicos, enfermeiros, técnicos e colaboradores, que na linha de frente, nos recebem nos hospitais, nos tratam e nos confortam. **Sem pânico ou histeria**, como venho falando desde o princípio, venceremos o vírus e nos orgulharemos de estar vivendo nesse novo Brasil, que tem tudo, sim, tudo pra ser uma grande nação. Estamos juntos, cada vez mais unidos. Deus abençoe a nossa pátria querida.